UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

WASHINGTON SOARES SILVA

**O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO PAULISTA: OS CASOS DE
BOTUCATU, AVARÉ E OURINHOS**

v. 1

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

**O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO PAULISTA: OS CASOS DE
BOTUCATU, AVARÉ E OURINHOS**

Washington Soares Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Geografia Humana.

Orientador: Prof. Dr. Armen Mamigonian

VERSÃO CORRIGIDA (Exemplar original disponível no CAPH/FFLCH) De acordo Prof. Dr. Armen Mamigonian

Armen Mamigonian

v. 1

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Este exemplar foi revisado e alterado em relação à versão original, sob responsabilidade única do autor e com a anuência de seu orientador.

São Paulo, Fevereiro de 2016.

Assinatura do autor _____

Assinatura do orientador _____

Catálogo na publicação
Serviço de biblioteca e documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

S581p Silva, Washington Soares
 O processo de industrialização paulista: os casos
de Botucatu, Avaré e Ourinhos / Washington Soares
Silva ; orientador Armen Mamigonian. - São Paulo,
2016.
 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Geografia. Área de
concentração: Geografia Humana.

1. Combinações Geográficas . 2. Dualidades da
Economia Brasileira . 3. Formação Social . I.
Mamigonian, Armen , orient. II. Título.

Nome: SILVA, Washington Soares

Título: O processo de industrialização paulista: os casos de Botucatu, Avaré e Ourinhos.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Geografia Humana.

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para Joana, in memoriam.

AGRADECIMENTOS

O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual, em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, pelo contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência.

Karl Marx, Contribuição para a Crítica da Economia Política.

Ao Prof. Dr. Armen Mamigonian, orientador, que nos anos de convivência, muito me ensinou, contribuindo para o meu crescimento científico e intelectual;

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pela oportunidade de realização do curso de mestrado;

À Carolina Queiroz Faber, Rafael Dantas, Targino P. de Souza Filho, Paulo Victor Godinho, Bruno H. Alonso, Edmilson F. Miotto, Euzemar Florentino Jr., Samir Eid Pessanha, Thiago de Brito Rodrigues;

Aos meus pais Maria José Soares da Silva e José Severino da Silva;

Aos meus irmãos Fabrícia, Fábio, Fabiana;

Aos meus sobrinhos Wallace Soares dos Santos, Sophia Souza Silva e Manuella Soares Amaral;

À Ana Elisa Rodrigues Pereira;

À Marta Luedemann e Domingos Sávio Corrêa;

A Evandro Andaku e Lucas dos Santos Ferreira;

Aos meus avós Pedro Soares da Silva e Joana Moura da Silva.

As falhas remanescentes são de responsabilidade do autor.

Um conhecido adágio diz que se os axiomas geométricos chocassem com os interesses dos homens, certamente se tentaria refutá-los. As teorias das ciências naturais que se opunham aos velhos preconceitos da teologia provocaram e continuam a provocar até hoje a mais furiosa luta. Não é de estranhar, portanto, que a doutrina de Marx, que serve directamente para educar e organizar a classe de vanguarda da sociedade moderna, que indica as tarefas dessa classe e demonstra a substituição inevitável – em virtude do desenvolvimento econômico – do actual regime por uma nova ordem de coisas, não é de estranhar que essa doutrina tenha tido de conquistar pela luta cada passo no caminho da vida. Inútil falar da ciência e da filosofia burguesas, ensinadas escolasticamente pelos professores oficiais para embrutecer as novas gerações das classes possuidoras e “amestra-las” contra os inimigos de fora e de dentro. Esta ciência não quer nem ouvir falar de marxismo, declarando-o refutado e destruído; tanto os jovens homens de ciência que fazem carreira refutando o socialismo, como os velhos decrépitos, guardiões dos legados de toda a espécie de “sistemas” caducos, se lançam sobre Marx com o mesmo zelo. Os avanços do marxismo, a difusão e afirmação das suas ideias entre a classe operária, tornam inevitavelmente mais frequentes e mais agudos esses ataques burgueses contra o marxismo, que sai mais fortalecido, mais temperado e mais activo após cada uma das suas “destruições” pela ciência oficial.

Lênin (1908)

Isso, entretanto, não nos dá direito a complacência a supor que o que foi bom no passado poderá continuar a ser bom no futuro. Nem também seria produtivo, à vista dos inconvenientes cada vez mais sérios do modelo pretérito de absorção de tecnologia de ponta – mesmo que já muito *faisandée* – dos países da vanguarda, que nos ponhamos a caluniar e injuriar a história, atribuindo ao passado um prejuízo que somente agora se tornou efetivo. Um conhecimento sério e objetivo dos fatos é condição para que realmente os possamos comandar e, embora nem tudo se tenha passado pelo melhor dos mundos possíveis e imagináveis, dado o nosso conhecimento indigente da realidade, até que as coisas não se passaram tão mal. Isso, eu o digo porque, neste momento tão carregado de promessas e de perigos, tornou-se moda achar que tudo o que foi feito estava errado, segundo uma análise pseudocientífica, que supõe que nossas preferências são a lei do mundo, que este, afinal, é criação nossa, como se fôssemos o próprio Deus, e como se o universo não fosse mais que um sonho desse Deus. Essa filosofia de brincadeira – uma perigosa brincadeira, aliás – tem o nome de voluntarismo, afora outros, com os quais esteve sendo rebatizado através dos tempos. Ultimamente, ela tem sido justificada como a quintessência do marxismo, com base num pensamento segundo o qual se aproxima o dia em que, em vez de apenas explicar o mundo, de diferentes maneiras, os filósofos deverão se ocupar com transformá-lo. Essas mesmas pessoas se esquecem de que o mesmo Marx é muito categórico quando afirma que o mundo não pode ser transformado senão em obediência a suas próprias leis e que o conhecimento dessas é nossa função precípua. O marxismo pode ser convertido em um dogma morto, capaz de justificar as coisas mais tolas, ou pode ser um poderoso instrumento de penetração na realidade, habilitando-nos a, segundo nossas conveniências, e respeitando os limites que não estão em nossa vontade, mas na própria vida, intervir nessa mesma realidade. Na espécie, seria equivocado supor que teríamos podido encaminhar o desenvolvimento do Brasil de modo muito diferente do que seguiu, até porque, não apenas a consciência dos inconvenientes da linha escolhida, mas os próprios inconvenientes, não existiam, e só paulatinamente, à medida que esgotávamos as virtualidades do modelo, foram surgindo. Mas seria equivocado também, agora que se cristalizaram tais inconvenientes e que, com a dor por eles causada, vai tomando forma nossa consciência deles, que durmamos sobre os louros, por mais legítimos que sejam esses, e não cuidemos de definir soluções válidas para os problemas. Não soluções ingênuas que teríamos podido sugerir no passado, à luz de uma consciência bruxuleante, como a que tínhamos – e temos – ainda –, mas verdadeiras soluções, compagináveis com a realidade, sem o vício de qualquer voluntarismo utopizante, não raro estritamente reacionário, ainda quando se pretenda ultra-radical.

Ignácio Rangel (1979)

RESUMO

O presente estudo pretende analisar o processo de industrialização nos municípios paulistas de Botucatu, Avaré e Ourinhos. Para tanto se utiliza como referenciais teóricos as concepções dos geógrafos Milton Santos (2004 [1977]) sobre a categoria de análise formação socioespacial e André Cholley (1964) combinações geográficas, pois ambas articulam dialeticamente natureza e sociedade. Sobre a economia brasileira, especificamente a industrialização, adotamos, sem desconsiderar outras interpretações, as concepções de Ignácio Rangel (2005 [1957, 1985]) que aborda basicamente a dialética de poder através de meias revoluções ou as dualidades da economia brasileira; pactos de poder interno e externo. Segundo essa visão, o Brasil sendo uma formação social periférica, reage de forma dinâmica aos impulsos vindos do centro do sistema (ciclos kondratiev) sempre combinando modos de produção distintos ao longo de suas etapas de desenvolvimento histórico. No que tange o processo de industrialização no Estado de São Paulo, a perspectiva teórica abordada destaca o papel da pequena produção mercantil na dinâmica socioeconômica (processo de acumulação interna; industrialização via imigrantes e não pela via da oligarquia paulista). As razões da escolha do tema se devem ao fato de que pouca ênfase se tem dado à capacidade de iniciativa/ inovação empresarial, existentes em diversas partes do país, que para se desenvolverem necessitam de uma política econômica favorável. Em suma, partimos do pressuposto de que a capacidade empresarial brasileira é gigantesca, entretanto, falta uma política econômica contínua que dê sustentação a esses empreendimentos. Aliás, determinadas decisões tomadas em âmbito governamental, como a instrução 70 (Getúlio Vargas) e a Instrução 113 (Juscelino Kubitschek) foram fundamentais para o crescimento econômico, já que as políticas de substituição de importações, também foram políticas protecionistas e desenvolvimentistas. Ou seja, sem elas, como diria Rangel, a indústria nacional teria uma contingência natural de nascer na crise internacional e desaparecer nas fases de recuperação econômica. Procura-se contribuir para o estudo da Geografia, tendo em vista a compreensão do processo de industrialização paulista, além de retomar um antigo tema da Geografia: as atividades industriais.

PALAVRAS-CHAVE

Formação socioespacial, Combinações Geográficas, Dualidades da Economia Brasileira, Industrialização.

ABSTRACT

This research intends to analyze the industrial process in the municipalities of Botucatu, Avaré and Ourinhos, all of them parts of the São Paulo state. To achieve this goal it will be used as theoretical references the conceptions from the geographers such as Milton Santos (2004 [1977]) on the category of socio-spatial formation and analysis, André Cholley (1964) geographic combinations, since both articulate dialectically nature and society. On the Brazilian economy, specifically industrialization, we adopt, without disregarding other interpretations, the conceptions of Ignácio Rangel (2005 [1957, 1985]) that basically addresses the power of dialectic through half revolutions, or the dualities of the Brazilian economy; pacts internal and external power. According to this view, Brazil being a peripheral social formation, that reacts dynamically to the impulses coming from the system center (Kondratiev cycles) always combining different production methods throughout their historical development stages. Regarding the process of industrialization in São Paulo state, the addressed theoretical perspective emphasizes the role of small commodity production in the socio-economic dynamics (internal process of accumulation, industrialization via immigrants and not via the Paulista oligarchy). The reasons behind this choice of subject are due the fact that has been given little emphasis in the capacity of initiative / entrepreneurial innovation, which exist in different parts of the country that and needs to develop a favorable economic policy. In short, we assume that the Brazilian entrepreneurship is huge, however, lacks an economic policy that could continue to give support to these enterprises. In fact, certain decisions taken in the governmental level, such as the entitled "Instruction 70" (Getulio Vargas) and "Instruction 113" (Juscelino Kubitschek) were fundamental for economic growth, since import substitution policies were also protectionist and developmental policies. That is, without them, as Rangel would affirm, the domestic industry would have a contingency to born in the international crisis and to disappear in the stages of economic recovery. Therefore, it seeks to contribute to the study of geography and resume an old theme, which are the studies about industrial activities, intending to understanding the São Paulo state industrialization process.

KEYWORDS

Socio-Spatial Formation, Geographical Combinations, Dualities of the Brazilian Economy, Industrialization.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: ASPECTOS TÉCNICOS E TEÓRICOS DO TRABALHO.....	16
I. 1. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA	16
I. 2. REFERENCIAL TEÓRICO	17
I. 2. 1. Ignácio Rangel: a dualidade básica da economia brasileira.....	17
I. 2. 2. Geografia e Formação Socioespacial	28
I. 2. 3. Desconcentração industrial no Estado de São Paulo.....	31
CAPÍTULO II: INDUSTRIALIZAÇÃO DE BOTUCATU, AVARÉ E OURINHOS.....	38
II. 1. GÊNESE DAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS E O TIPO DE EVOLUÇÃO CAPITALISTA: A INDUSTRIALIZAÇÃO PAULISTA	38
II. 1. 2. AS ZONAS PIONEIRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO: OS PRIMÓRDIOS DA OCUPAÇÃO DAS TERRAS EM BOTUCATU, AVARÉ E OURINHOS	51
II. 1. 2. 1. GÊNESE E EVOLUÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO EM BOTUCATU	63
II. 1. 2. 2. GÊNESE E EVOLUÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO EM AVARÉ	67
II. 1. 2. 3. GÊNESE E EVOLUÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO EM OURINHOS	71
II. 1. 2. 4. DA PEQUENA PRODUÇÃO MERCANTIL A INDÚSTRIA: AS EMPRESAS E OS EMPRESÁRIOS INDUSTRIAIS.	76
CAPÍTULO III. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DAS INDÚSTRIAS: OS DISTRITOS INDUSTRIAIS	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
APÊNDICE(S)	112
ANEXO(S)	120

APRESENTAÇÃO

O presente estudo pretende analisar o processo de industrialização nos municípios paulistas de Botucatu, Avaré e Ourinhos.

Para tanto se utiliza como referenciais teóricos as concepções dos geógrafos Milton Santos sobre a categoria de análise formação socioespacial que consiste na relação existente entre:

Modo de produção, formação social, espaço – essas três categorias são interdependentes. Todos os processos que juntos, formam o modo de produção (produção propriamente dita, circulação, distribuição, consumo) são histórica e espacialmente determinados num movimento de conjunto, e isto através de uma formação social [...] As diferenças entre lugares são o resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares [...] Os modos de produção tornam-se concretos sobre uma base territorial historicamente determinada. Desse ponto de vista, as formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção. Daí, na sua determinação geográfica, serem eles seletivos, reforçando dessa maneira a especificidade dos lugares. A localização dos homens, das atividades e das coisas no espaço explica-se tanto pelas necessidades ‘externas’, aquelas do modo de produção ‘puro’, quanto pelas necessidades ‘internas’, representadas essencialmente pela estrutura de todas as procuras e a estrutura das classes, isto é, a formação social propriamente dita.¹ (grifos nossos).

E André Cholley sobre combinações geográficas que leva em consideração fundamentalmente:

[...] desvendar o caráter geográfico de uma combinação: é verificar se ela contribui para criar, no próprio local em que se produz, um meio particular que sirva as manifestações da vida, particularmente àquelas que exprimem as atividades dos grupos humanos.²

Sobre a economia brasileira, especificamente a industrialização, adotamos, sem desconsiderar outros estudos, e linhas de pensamento, as concepções de Ignácio Rangel³ que aborda basicamente a dialética de poder através de meias-revoluções ou as dualidades da economia brasileira; pactos de poder interno e externo. Segundo essa visão, o Brasil sendo uma formação social periférica, reage de forma dinâmica aos impulsos vindos do centro do sistema (ciclos kondratiev) sempre combinando modos de produção distintos ao longo de suas etapas de desenvolvimento histórico. Assim, as fases depressivas da economia mundial

¹ SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2008 [1977] págs. 27 ss.

² CHOLLEY, A. Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. In: **Boletim geográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1964 (nº 179-180) págs. 140 ss.

³ RANGEL, I. Dualidade básica da economia brasileira. In: _____. **Obras reunidas**. Vol. I. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1957].

colocam o país diante de uma tensão em relação às novas necessidades com o centro do sistema, essas tensões provocam rupturas responsáveis por alterações nas bases econômico-sociais com reflexos perante toda a sociedade nacional gerando mudanças nas relações de produção e nas classes dominantes⁴.

No que tange o processo de industrialização no Estado de São Paulo a perspectiva teórica abordada destaca o papel da pequena produção mercantil⁵ na dinâmica socioeconômica esboçada por Armen Mamigonian (processo de acumulação interna; industrialização via imigrantes e não pela via da oligarquia paulista)⁶.

⁴ **Em outras palavras para Ignácio Rangel** “[...] a economia brasileira está sujeita a dois ciclos: um é endógeno e outro que é o reflexo do que se passa na economia mundial. Quando falamos em crise, devemos precisar se é da crise do ciclo longo, correspondente à economia mundial, ou se é da crise do ciclo breve, que corresponde à economia interna que se faz. Na realidade, temos que pensar nos dois ciclos. Há momentos em que o ciclo é longo, de 50 anos; e outro é breve, 10 anos, aproximadamente. Há momentos em que os dois coincidem e se somam. Então, a economia está em expansão ou recessão e/ou, por efeito do ciclo longo e também por efeito do ciclo breve. O breve é algo que corresponde a uma etapa do nosso desenvolvimento; a etapa da nossa industrialização. Como o ciclo longo é reflexo da economia mundial, convencionou-se chamar que estamos vivendo o quarto ciclo longo, o de Kondratiev. Portanto, nesse ciclo de Kondratiev tem uma fase ascendente e uma fase descendente, ou seja, uma fase de prosperidade e uma fase difícil. Esses ciclos longos têm um reflexo muito marcado sobre a economia brasileira, que é uma economia periférica, reflete esses ciclos longos com muito maior fidelidade do que os países industrializados. Nossa independência foi o fenômeno que aconteceu como reflexo da entrada da economia mundial na fase recessiva. O ano de 1815 foi o ano da batalha de Waterloo e também o ano em que a economia mundial entrou em recessão. Foi um ano em que o Brasil surgiu como uma economia relativamente independente, com vida autônoma, como uma economia separada de Portugal. Essa mudança na economia brasileira, sete anos depois, teria seu reflexo político na independência nacional. A independência foi reflexo da fase recessiva, ou seja, da crise do primeiro ciclo longo. Vivemos um período recessivo que se prolongou até, aproximadamente, 1848. Nesse ano de 1848 foi tumultuado, mas foi também um ano em que a economia saiu da recessão e passou a ter uma fase ascendente.” O Brasil de Ignácio Rangel. Editorial. In: **Jornal dos economistas**, Rio de Janeiro, nº 190, maio de 2005.

⁵ **Entendemos pequena produção mercantil como** “[...] um modo de produção cuja origem remonta ao desenvolvimento das comunidades primitivas, vivenciando tanto o período relativo ao homem como meio de produção fundamental, quanto à terra. Daí suas características tribais e igualitárias. Não é por acaso que este pequeno modo de produção, presente na passagem da Antiguidade para a Idade Média, na chamada via germânica mantém-se latente no instituto da servidão. Suprimido pela escravidão, é reeditado através do servo da gleba, na via romana do mesmo período de transição. Afinal o servo, ainda que sob o poder do senhor do domínio, ao contrário do escravo, é um produtor relativamente independente. Com o fim da servidão, a pequena produção mercantil floresce (Marx, 1979, 1986). *É, em ambientes econômicos favoráveis a uma maior divisão social do trabalho, que este pequeno modo manifesta a sua tendência à diferenciação social, dando origem ao capitalismo, pela via revolucionária ou via dos produtores (Marx, 1979). Nas palavras de Rangel (1980, p. 48): ‘O solo econômico propício para a industrialização é uma generalizada produção pré-capitalista de mercadorias, cuja produção dominante é a ‘pequena produção de mercadorias’.* Sob a égide deste novo modo de produção, o capitalista, o meio de produção fundamental – o capital – ,apropriado privadamente através da exploração do trabalho assalariado, rompe com o meio natural, revoluciona as forças produtivas, adentrando o meio das técnicas e transformando o meio geográfico”. VIEIRA, M. G. E. de D.; PEREIRA, M. F. do A. Latifúndio pastoril e pequena produção mercantil: o caso do Brasil subtropical. In: **Transformações regionais no Brasil**. Geografia econômica: anais de Geografia econômica e social. UFSC, 2009 págs. 165 ss (grifos nossos).

⁶ MAMIGONIAN, A. O processo de industrialização em São Paulo. In: **Boletim Paulista de Geografia**, nº 50, São Paulo, mar. 1976. **Observação:** “[...] Foi em fins da década de 50 que o geógrafo Armen Mamigonian começou a desenvolver suas pesquisas sobre a industrialização brasileira, com uma interpretação centrada no estudo empírico e no conceito de pequena produção mercantil. O estudo sobre A Indústria de Brusque/SC e suas consequências na vida urbana (1960), seguido do Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau (1966) marcam o início desta trajetória. Seus artigos ‘Notas sobre o Processo de Industrialização do Brasil’ (1969) e ‘O Processo

Tendo em vista que há “vários níveis da ‘construção’ estudada, desde os alicerces e do porão ao sótão”*, há de se destacar outro conjunto teórico de grande valia para analisar a industrialização paulista que tem como referencia as discussões sobre a desconcentração industrial.

Botucatu, Avaré e Ourinhos localizam-se na zona fisiográfica denominada Sorocabana no Estado de São Paulo e, apresentam um conjunto de empresas de diversos ramos de atividade oriundos de vários períodos. No caso do município de Ourinhos apresentamos: Agroindústria de açúcar inicia-se com a **Usina São Luiz**, na década de 1950, tendo ampliado a produção com a destilaria de álcool nos anos 1970; Indústria de alimentos **Marvi** (1954) e **Café Jaguari** (1982); Indústria de bens de produção, representada pela **Tecnal**, cuja fundação foi em 1976; Indústria de bens de consumo semidurável, cuja empresa é a **Colchões Castor** (1962) entre outras. Na cidade de Avaré destaca-se a **Indústria de Roçadeiras Desbravador Avaré – INRODA**, fundada na década de 1960. Em Botucatu temos **Indústria Aeronáutica Neiva**, fundada em 1954, subsidiária da Embraer a partir de 1980; Indústria de bens de produção **Eucatex** (1951), na cidade desde 1996 e **Duratex** (1951) a subsidiária é de 1973; Indústria de bens de consumo durável, cuja empresa é a **Caio Induscar** (1946), a fabrica de Botucatu é de 1982.

As razões da escolha do tema se devem ao fato de que pouca ênfase se tem dado a capacidade de iniciativa e inovação empresarial, existentes em diversas partes do país, aliás;

A maioria dos grandes grupos nacionais surgiu de iniciativas modestas. Pereira Ignácio, imigrante português, sapateiro no início da vida, como o pai, foi o criador do grupo Votorantim (Ermírio de Moraes) [...] F. Matarazzo, que iniciou a vida no comércio de animais em Sorocaba, deu nascimento a um poderoso grupo industrial [...] Luiz Dumont Villares, filho de português e engenheiro eletricitista formado na Suíça, montou em São Paulo oficina para conserto de elevadores, de onde surgiu um poderoso grupo que se destaca na produção de elevadores, escavadeiras, pontes rolantes, motores a diesel para navios, aços especiais e peças moldadas. Os Klabin reiniciaram no Brasil um modesto comércio de papel, de onde partiram para a construção do maior grupo industrial no ramo de papel e papelão na América Latina, além da forte presença na produção de azulejos, de autopeças (Metal Leve) etc [...] Os exemplos podem ser multiplicados. No Rio Grande do Sul lembraríamos os

de Industrialização em São Paulo’ (1976), registram definitivamente seu pioneirismo e independência perante o debate. A ‘pequena produção mercantil inserida na dualidade brasileira’ atesta a aproximação de idéias de dois intelectuais identificados originalmente na apreensão do materialismo histórico, - o geógrafo Armen Mamigonian e o economista Ignácio Rangel -, cujo encontro se deu na década de 1980. Esta interpretação tem sido verificada através de inúmeros trabalhos orientados por A. Mamigonian, numa demonstração do seu vigor teórico, bem como do seu potencial explicativo a respeito da realidade brasileira [...]”. VIEIRA, M. G. E. de D.; PEREIRA, M. F. do A. Latifúndio pastoril e pequena produção mercantil: o caso do Brasil subtropical. In: **Transformações regionais no Brasil**. Geografia econômica: anais de Geografia econômica e social. UFSC, 2009 págs. 162 ss. (nota).

* MAMIGONIAN, A. Gênese e objeto da Geografia: passado e presente. In: **Geosul**, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 167-170, jul./dez. 1999.

nomes de Renner, Micheletto, Eberle, Walling (o maior grupo industrial de fogões do Brasil). Em Santa Catarina [...] acrescentaríamos Schmidt (fundição Tupy), Zadrozny (Artex), Wernwe (Eletro-aço Altona), Fontana (Sadia), Zipperer (Movéis Cimo). Em São Paulo, Filizzola, Ramenzoni, Fileppo, Scuracchio, Crespi, Gasparian, Samello, Jafet, Irmãos Cruaães (operários até 1945 e proprietários atualmente da maior indústria de máquinas para madeira no Brasil). No Rio de Janeiro: d'Olne (tecidos Aurora), Muller (rolos compressores, etc.), Oliveira (moinha da Luiz). Entre os empresários industriais de origem modesta lembraríamos alguns de origem luso-brasileira tradicional: João Santos, que quando menino trabalhou na Fábrica Nacional de Linhas, de Delmiro Gouveia [...] Herberto Ramos começou em 1952 como empreiteiro de obras em Recife, tendo conseguido produzir Dragas hidráulicas na sua oficina de reparos, partiu para a construção de escavadeiras (1959), como pioneiro no ramo na América Latina. *No ponto de partida da industrialização brasileira estiveram presentes inúmeros modestos empresários, em maioria imigrantes. A eles principalmente cabe o mérito de ter aberto um novo caminho econômico, numa época difícil, quando era necessário vencer a dura concorrência estrangeira e freqüentemente a má vontade dos governos*⁷. (grifos nossos).

Não à toa “[...] a função do capitalista como empresário, como chefe de indústria, consiste em combinar fatores de produção. Esses fatores podem ser classificados em dois grandes grupos: capital e trabalho [...]”⁸, que para se desenvolverem necessitam de uma política econômica favorável. Em suma, partimos do pressuposto de que a capacidade empresarial brasileira é gigantesca, entretanto, falta uma política econômica contínua que dê sustentação a esses empreendimentos. Aliás, determinadas decisões tomadas em âmbito governamental, como a instrução 70 (Getúlio Vargas) e a Instrução 113 (Juscelino Kubitschek) foram fundamentais para o crescimento econômico, já que as políticas de substituição de importações, também foram políticas protecionistas e desenvolvimentistas. Ou seja, sem elas, como diria Rangel, a indústria nacional teria uma contingência natural de nascer na crise internacional e desaparecer nas fases de recuperação econômica.

Após 1930 o Estado nacional brasileiro passou a ter uma política de industrialização [...] com 1) distinção nítida entre importações supérfluas (bens de consumo simples) e importações essenciais (sobretudo bens de equipamento), 2) sustentação dos preços do café pelo confisco cambial sobre suas exportações e não como anteriormente, por empréstimos externos pagos pelo conjunto da economia, 3) financiamento às substituições de exportações essenciais e 4) política trabalhista paternalista, num processo de implantação do capitalismo semelhante ao prussiano. Como não foi realizada nenhuma reforma agrária, o que reduziu drasticamente o mercado interno popular, o Brasil tornou-se, muito precocemente (década de 1950), exportador de tecidos de algodão, alcançando o 6º lugar mundial na produção de fios de algodão [...]”⁹.

⁷ MAMIGONIAN, A. Notas sobre o processo de industrialização no Brasil. In: **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 págs. Tese (Livre docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004 [1969] págs. 08 ss.

⁸ RANGEL, I. Introdução ao desenvolvimento econômico brasileiro. In: _____. **Obras reunidas**. Vol. I. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1955] págs. 146 ss.

⁹ MAMIGONIAN, A. A América Latina e a economia mundial: notas sobre os casos chileno, mexicano e brasileiro. In: **Geosul**, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 139-151, jul./dez. 1999.

A nosso ver, caem em ilusões ahistóricas as concepções que pregam o fim do Estado como agente causador do desenvolvimento econômico. Como demonstrado anteriormente, o planejamento Estatal se fez presente no país, mesmo inconscientemente. Deste modo, pode-se afirmar, com base nas palavras de Delfim Netto “[...] à conclusão que é indispensável recuperar nosso setor industrial [...]. Sua destruição e a substituição da produção nacional por importações não foi um acidente. Foi fruto de um cuidadoso descaso ideológico da política cambial dos últimos 30 anos. Na média do período 1981-1984 (no momento da grave crise do petróleo) a participação das exportações brasileiras com relação ao mundo era de 1,2%, igual à da Coreia e da China. Durante o primeiro mandato de FHC, uma política cambial alienante levou o país em 1998 à beira do ‘default’, o que representou séria ameaça à sua reeleição. Esta foi salva graças a um ‘socorro’ do FMI feito às pressas sob a intervenção política intempestiva do governo americano. Chegamos, assim, à dramática queda do valor das exportações para apenas 0,9% do comércio mundial. Para quê? Para esconder ‘artificialmente’ a taxa de inflação! [...]”. Não é preciso ser um físico quântico para saber que a produtividade física (produção física por hora trabalhada) que é o codinome do desenvolvimento, depende das instituições, dos incentivos que elas proporcionam e da qualidade: 1) da infraestrutura; 2) do capital físico (absorção de novas tecnologias); 3) do capital humano (educação e saúde). Nada disso se alterou de forma importante entre 2008 e 2013. De fato o que mudou foi o agravamento da valorização da taxa de câmbio real, definida como a relação entre a evolução da taxa de câmbio e a evolução dos salários nominais [...] ¹⁰”.

O resultado da pesquisa encontra-se dividido: Capítulos I, II e III e as considerações finais.

O capítulo I tem o objetivo de apresentar uma síntese do pensamento de autores relevantes na análise do tema. O capítulo II trata da industrialização. O capítulo III aborda a organização espacial das indústrias.

O objetivo das considerações finais é o de apresentar uma síntese do trabalho.

Procura-se contribuir para o estudo da Geografia, tendo em vista a compreensão do processo de industrialização paulista, além de retomar um antigo tema da Geografia: as atividades industriais. Tema esse deixado de lado, já que parte dos Geógrafos voltou-se para questões de ordem epistemológicas, os movimentos sociais, a reprodução da força de trabalho, etc. temas certamente importantes, mas que devem considerar os fenômenos

¹⁰ DELFIM NETTO, A. O câmbio ressuscitado afinal. **Valor econômico**, São Paulo, 07 maio de 2013. Caderno Ideias, página A2 (grifos nossos).

econômicos essências tratados anteriormente, pois “[...] grande parte da geografia humana produzida no Brasil tinha importante viés econômico [...]”¹¹.

¹¹ MAMIGONIAN, A. **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 págs. Tese (Livre docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.

CAPÍTULO I: ASPECTOS TÉCNICOS E TEÓRICOS DO TRABALHO

I. 1. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Em relação ao método pretendido as palavras de Ignácio Rangel são bastante elucidativas:

É absurdo pretendermos alcançar a compreensão do processo sem que o estudemos sob todos os seus ângulos, mas, por outro lado, quem pretendesse abarcar de uma só vez, de golpe, todo o panorama, em toda a sua infinita complexidade, estaria inevitavelmente condenado ao malogro. A realidade não pode ser apreendida pelo espírito senão por partes, gradativamente. Por isso é que o homem aprendeu a proceder metodicamente, primeiro pela análise no esforço de separar idealmente os diferentes aspectos da realidade estudada, muito embora na prática esses aspectos estejam sempre reunidos e sejam inseparáveis; depois, pela síntese, quando, pela reunião dos aspectos idealmente separados, buscamos reconstruir o objeto estudado, o concreto, em toda a sua riqueza de detalhe [...] E foi por meio da experimentação, do trabalho de laboratório, que o homem alcançou a formulação das leis do pensamento, porque estas não passam de um reflexo das leis da coisa estudada, do mundo estranho ao pensamento. E foi, finalmente, por esse laborioso caminho, pela aplicação das leis do pensamento – leis da lógica e da dialética – que o homem aprendeu a dispensar a própria experimentação, na medida em que, pela força da abstração, realiza no espírito a condição coeteris paribus, em que antes não sabia perceber senão quando esta se cumpria no laboratório. À força de experimentar, portanto, aprendemos a antecipar o resultado da experimentação, com o resultado de penetrarmos no sentido das coisas, inclusive quando não podemos levá-las ao laboratório¹² (grifos nossos).

¹² RANGEL, I. Introdução ao desenvolvimento econômico brasileiro. In: _____. **Obras reunidas**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1955] págs. 134 ss. **Para Karl Marx** “Certamente, o processo de exposição deve diferenciar-se, pela forma, do processo de pesquisa. A pesquisa deve captar com tôdas as minúcias o material, analisar as suas diversas formas de desenvolvimento e descobrir a sua ligação interna. Só depois de cumprida essa tarefa pode-se expor adequadamente o movimento geral [...] Meu método dialético não difere apenas fundamentalmente do método de Hegel, mas é exatamente o seu reverso. Segundo Hegel, o processo do pensamento, que êle converte, inclusive, sob o nome de idéia, em sujeito com vida própria, é o demiurgo do real, e o real a simples forma fenomenal da idéia. Para mim, ao contrário, o ideal não é senão o material transposto e traduzido no cérebro do homem”. MARX, K. Do posfácio à segunda edição alemã do primeiro tomo de O Capital. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas**, v. 2, Editora Alfa ômega, São Paulo, s/d págs. 15 ss. **Em relação à práxis da Geografia pode-se dizer que suas especificidades constituem-se** “[...] pela valorização do empírico, que se reflete na importância do chamado ‘trabalho de campo’; isto é, partir de teorias, para retornar a elas na redação da pesquisa. As hipóteses iniciais devem conter questões teóricas, mas devem ser entendidas como hipóteses e não como verdades a serem comprovadas e [...] pela idéia de que a teoria é fundamental, mas ela de nada adianta sem o estudo empírico, que sirva para comprova-la total ou parcialmente ou rejeita-la. Este equilíbrio instável entre a teoria e o empírico é próprio de algumas ciências mais amplas quanto ao campo de estudos, como a geografia e a antropologia, enquanto as ciências de campo mais restrito, como a sociologia e a economia correm o risco de supervalorizar o teórico e subestimar o empírico, enveredando por uma certa arrogância intelectual”. MAMIGONIAN, A. Introdução. In: _____. **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 págs. Tese (Livre docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.

Para o conhecimento dos segmentos e suas empresas foram realizadas consultas a publicações especializadas, tais como Valor econômico: análise setorial, Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, etc.

A perspectiva de análise e o referencial teórico apoiam-se em autores aos quais se atribui a fundamentação teórica, como é o caso de MAMIGONIAN (2004 [1969; 1974; 1999]); RANGEL (2005 [1955; 1957; 1985]); CHOLLEY (1964); SANTOS (2008 [1977]).

Cabe ressaltar que o tema desenvolvido faz referência a alguns textos e autores que não são da Geografia, como por exemplo, K. MARX, N. KONDRATIEV; M. DOBB, etc. buscando-se assim uma abordagem transdisciplinar, que pretende correlacionar autores das Ciências Econômicas, História Política e Social do Brasil e Geografia Física e Humana.

Sobre a abordagem teórica da categoria de Formação Econômica e Social (FES), advêm de Milton Santos “Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método”, publicado em 1977 no Boletim Paulista de Geografia nº 1, vol. 9; e Ignácio Rangel “Dualidade básica da economia brasileira” editado pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), em 1957.

Referências específicas no que concerne a coleta de dados foram realizadas em periódicos, instituições, órgãos de classe, como por exemplo, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo entre outros.

I. 2. REFERENCIAL TEÓRICO

I. 2. 1. Ignácio Rangel: a dualidade básica da economia brasileira

As concepções de Ignácio Rangel sobre a evolução política, econômica e social do Brasil baseiam-se: i) na dualidade básica da economia; ii) o papel dos ciclos longos ou kondratiev; iii) o papel dos ciclos breves ou juglarianos; e iv) capacidade ociosa e pontos de estrangulamentos na economia¹³. Para Ignácio Rangel, o Brasil sendo uma formação social periférica, reage de forma dinâmica aos impulsos vindos do centro do sistema (ciclos kondratiev) sempre combinando modos de produção distintos ao longo de suas etapas de

¹³ MAMIGONIAN, A. Introdução ao pensamento de Ignácio Rangel. In: _____. **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 págs. Tese (Livre docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.

desenvolvimento histórico¹⁴. Segundo o referido autor, o sistema capitalista possui fases de expansão e fases de recessão (depressão), isto é, cresce em ciclos longos (kondratiev¹⁵, cuja duração possui em torno de cinquenta anos, tendo vinte e cinco anos de ascensão e vinte e cinco anos de declínio, ou “crise”¹⁶) e os ciclos médios (juglarianos de dez anos). No caso

¹⁴ **A ideia de Dualidade da economia e da sociedade brasileiras constitui o fio condutor do pensamento rangeliano. Assim sendo, indicamos as origens da Dualidade:** “[...] Ao tempo em que foi escrita *Dualidade*, isto é, 1953, havíamos chegado, no que toca ao emprego das categorias do materialismo histórico, a um beco sem saída. Noutros termos, generalizava-se a consciência de que a história do Brasil desenvolvia-se por trilhas que não eram, absolutamente, as admitidas pelo marxismo brasileiro – ainda não pulverizados nos numerosos marxismos que depois surgiram –, cristalizado no que irônica ou carinhosamente, chamávamos então de “linha justa”. Noutros termos, contrariamente ao que se pretendia, embora de crise em crise, isto é, ciclicamente, o país se industrializava e se desenvolvia, e o fazia por caminhos não mapeados ainda. Em primeiro lugar, furtei-me à tentação de negar esse desenvolvimento – tendência, aliás, patrocinada em escala mundial pelo próprio Stalin, em seu último livro, no qual se negava que o capitalismo, que, precisamente, entrava a crescer ao vento do que hoje chamamos de ‘Revolução Técnico-Científica’, fosse capaz de um verdadeiro desenvolvimento a ritmos absolutamente sem precedentes. Eu via que o Brasil se industrializava e, o que é mais, que o fazia sem passar pelas forças caudianas da ‘revolução agrária’ – capítulo considerado incontornável da revolução democrático-burguesa, preparatória do caminho para o surgimento de um verdadeiro capitalismo industrial nacional. Mas, por outro lado, resisti também à tentação de lançar fora o menino, junto com a água do banho, isto é, de abandonar as categorias do materialismo histórico. E *Dualidade*, numa época em que identificar-se alguém com o marxismo não era tão seguro como hoje, até porque não havia marxismos, mas apenas um, condenado de plano por todo o pensamento oficial, apresenta-se como um esforço de utilização daquelas mesmas categorias, sem rebuscos. A idéia central era que, no Brasil (ainda sem pretensões a generalização a outras áreas do mundo) haviam-se criado condições para o aparecimento de modos de produção, sucedendo-se historicamente, mas todos caracterizados pela coexistência de relações de produção próprias de diferentes modos fundamentais de produção, agrupadas em ‘pólos’ – externo e interno – em união dialética, isto é, em oposição e conflito [...]” RANGEL, I. *Dualidade e “escravismo colonial”*. In: _____. **Obras reunidas**, Vol. II. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1978] págs. 633 ss.

¹⁵ “[...] Marx e Engels constataram os ciclos decenais entre 1848 e 1857, que foram sistematizados estatisticamente por Juglar em 1860. Engels assinalou também a chamada ‘longa depressão do final do séc. XIX’ e a sistematização estatística dos ciclos longos foi feita entre 1918-21 por N [ikolai] Kondratieff (1926). Até hoje tanto entre marxistas como não marxistas há resistência à aceitação dos ciclos longos, pois como assinalou [Ignácio] Rangel, para a URSS não convinha admitir que o capitalismo em depressão poderia sair da crise e voltar a se expandir e para o ocidente não interessava admitir que após longos anos de expansão poderia advir um período depressivo na economia [...] Entre os que aceitam os ciclos longos existem duas interpretações quanto às causas [...] causação interna ao sistema econômico capitalista: tendência a queda da lucratividade sob o capitalismo estimula invenções que restabelecem lucratividade e aplicadas sucessivamente aos diferentes setores e ramos acabam esgotando a lucratividade possível, provocando a necessidade de novas invenções [...] Mandel, entre outros, prefere a causação extra-econômica, de preferência política: a ‘onda ascendente’ (e não econômica) do pós-guerra (1948-73) nasceu de ‘ininterrupta revolução tecnológica’ decorrente da corrida armamentista [...]”. MAMIGONIAN, A. Ciclos longos e organização do espaço. In: **Geosul**, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 152-157, jul./dez. 1999. **Neste trabalho, assinalamos nossa preferência pelas causas internas, seguindo as observações de N. Kondratiev** “[...] Durante a fase descendente dos ciclos longos, ocorrem muitas e importantes descobertas e invenções, na técnica da produção e do comércio, as quais, não obstante, somente costumam ter aplicação em larga escala na vida econômica prática, quando começa nova e persistente fase ascendente [...]” N. D. Kondratiev “*Las ondas largas de la coyuctura*”, Revista de Occidente, Madrid *apud* RANGEL, I. *Ciclo, tecnologia e crescimento*. In: _____. **Obras reunidas**. Vol. II. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1969-1981] págs. 259 ss.

¹⁶ **Para o leitor pouco familiarizado com o assunto vale a pena apresentar a periodização básica de kondratiev, a saber:**

Primeiro ciclo longo: fase A: 1790-1815/fase B: 1815-1847

Segundo ciclo longo: fase A: 1847-1873/fase B: 1873-1896

Terceiro ciclo longo: fase A: 1896-1920/fase B: 1920-1948

brasileiro, cada ruptura feita em período depressivo favoreceu algum tipo de “**substituição natural de importações**”, conforme nosso atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas e das nossas relações de produção¹⁷.

Assim sendo, na fase “**b**” do primeiro kondratiev (1815-1847), a autossuficiência foi buscada via diversificação da produção dentro das fazendas de escravos, as unidades básicas fundamentais. Essa autossuficiência foi descrita por G. Paim no texto “*Ignácio Rangel: um intérprete original da realidade brasileira*”.

[...] reuni várias descrições, feitas por viajantes estrangeiros, das atividades desenvolvidas dentro das grandes fazendas brasileiras, durante todo o século passado. Em Populações meridionais do Brasil [...] Oliveira Viana sintetiza esse quadro de auto-suficiência em poucas palavras ‘Dispersos e isolados na sua desmedida enormidade territorial, os domínios fazendeiros são forçados a viver por si mesmos, de si mesmos e para si mesmos’. Acrescentava o historiador e sociólogo: ‘Essa necessidade de auto-suficiência gera, na economia das fazendas, uma considerável complexidade de aparelhos de produção, que ainda hoje [1920] subsistem, em parte, em alguns pontos mais entranhados de Minas e São Paulo’. Até fins do século passado, movidos a água, havia, nas grandes fazendas, o engenho de café, o de milho e o de farinha e o descascador de arroz, ao lado da grande nó que servia para extrair da mamona o azeite, ‘empregado para a iluminação da fazenda e outros misteres variados’. Funcionavam a serraria, a oficina de carpintaria, a olaria, a oficina de ferreiro e a sapataria [...] Oliveira Viana dá esta descrição: ‘Da olaria tira a fazenda os materiais de sua construção e reparação, bem como da carpintaria e da serraria. Dá-lhe a carpintaria, além disso, o mobiliário completo da casa e todas as peças, apetrechos e aparelhos de madeira necessários aos engenhos existentes. Dá-lhe a oficina de ferreiro os utensílios e armas de ferro, aço e cobre, precisos para o labor das roças e das fábricas: enxadas, machados, foices, objetos de serralheria, arcos de tanoagem e peças de reparação. Há ainda oficinas, que fazem sapatos e alpercatas; outras, que cosem as bolsas de couro e fabricam utilidades de sirgueiria, indispensáveis ao arreamento das tropas e dos cavalos; outras, em que se armam e arqueiam as domas, as tinas, os tonéis, os barris e demais vasilhames para aguardente e açúcar [...]. Em O desenvolvimento do

Quarto ciclo longo: fase A: 1948-1973/fase B: 1973- ?

¹⁷ Segundo esclarece Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira “[...] Diferentemente das visões teóricas da esquerda que enfatizam o atraso, Ignácio Rangel propõe uma interpretação da formação social brasileira que leva em conta a dinâmica interna. Trabalhando com a combinação de modos de produção dominantes que compõem a dualidade básica da formação brasileira (pólo externo e pólo interno, cada qual com duas faces), Rangel demonstra que a economia brasileira reage positivamente no período depressivo dos ciclos de Kondratieff. Portanto, ‘as dualidades assinaladas na formação social brasileira estavam fortemente relacionadas aos ciclos longos emanados do centro do sistema capitalista’. Vale ainda lembrar que, organizada como uma economia periférica, a economia brasileira, no que diz respeito às relações externas coloca-se sempre numa variável superior ao de suas relações internas, pois é obrigada a acompanhar a economia dominante do mundo que integra [...] o ponto de partida de Rangel é a visão da IIIª Internacional Comunista que atribui aos países coloniais duas faces: uma interna, dominada pelo feudalismo e outra externa, dominada pelo capitalismo, razão pela qual essas economias não se explicam se não forem analisadas dentro do contexto mundial e também como possuidoras de especificidades internas. O princípio da dualidade, aplicado com rigor na interpretação rangeliana, conduz à percepção de que o aspecto dual é uma peculiaridade não somente de nossa economia, mas da sociedade brasileira como um todo. Na expressão de Rangel, ‘todos os nossos institutos, todas as nossas categorias – o latifúndio, a indústria, o comércio, o capital, o trabalho e nossa própria economia nacional – são mistas, têm dupla natureza, e se afiguram coisas diversas, se vistos do interior ou do exterior, respectivamente’. Assim, pois, também a composição de classes no interior do Estado brasileiro é dual [...]” PEREIRA, R. A. F. do A. Rupturas e continuidades da formação social brasileira: a transição colônia-império. In: **Geosul**, Florianópolis, vol. 14, nº 28, págs. 55-60, jul./dez. 1999.

capitalismo na Rússia [...] Lênin descreve com riqueza de detalhes a especialização das atividades manufatureiras na zona urbana e das atividades da economia agrária, quando se intensifica a distribuição no campo dos produtos da indústria urbana moderna. O capítulo I desse livro trata do tema e nos dá a impressão de estarmos lendo Oliveira Viana. Escreveu Lênin 'Na economia natural a sociedade estava constituída por uma massa de unidades econômicas homogêneas (famílias camponesas patriarcais, comunidades rurais primitivas, fazendas feudais) e cada uma dessas unidades efetuava todos os trabalhos de natureza econômica, começando pela obtenção das mais diversas classes de matérias-primas e terminando pela preparação definitiva das mesmas para consumo próprio. A economia mercantil desenvolve unidades econômicas heterogêneas, aumenta o numero de ramos da economia e diminui o número de fazendas que desempenham idêntica função econômica'¹⁸ (grifos nossos).

Com o advento da fase “b” do segundo kondratiev (1873-1896) impunha-se novamente um novo esforço de substituição de importações, agora com a proliferação de unidades artesanais, tendo algumas manufaturas pré-industriais. Isto é, “[...] ocorreu um processo de substituição artesanal-mercantil de importações, destinado ao atendimento das necessidades urbanas, que se haviam expandido sob a forma de oficinas de conserto [...]”¹⁹.

Ao se iniciar a fase “a” do terceiro kondratiev (1896-1921) a economia nacional volta a crescer, aumentando o intercâmbio com o exterior, contudo, nas incontestáveis condições da Primeira Guerra Mundial e a subsequente crise do terceiro ciclo longo (1921-1948), “[...] primeiro nas regiões mais desenvolvidas do país e, depois na economia nacional como um todo, o esforço mercantil de substituições de importação desbordou seus quadros primitivos, isto é, *escalonadamente* [...] a substituição de importações ia assumindo feição industrial. Esse movimento tinha de comum com os anteriores o fato de constituir uma forma de substituição de importações, mas distinguia-se deles pelo fato de ser industrial”²⁰.

Cabe acrescentar, em uma **substituição de importações escalonada**, a dinamização de cada setor deve ser precedida pela criação de condições jurídico-institucionais novas, as quais ao mesmo tempo em que favorecem alguns tipos de indústrias, desfavorecem outras. Ou seja, “[...] investimentos que rompam e, de passagem, reativem a demanda global do sistema e convertam, afinal, com o passar do tempo, os pontos de estrangulamento referidos, em zonas de ociosidade, definindo assim o *pólo de ociosidade de outro ciclo* [...]”²¹.

Por outras palavras o desajustamento estrutural no corpo do organismo econômico nacional, ocasionado pela formação de um polo de ociosidade e um polo de antiociosidade

¹⁸ PAIM, G. Ignácio Rangel: um intérprete original da realidade brasileira. In: MAMIGONIAN, A.; REGO, J. M. (Orgs.). **O pensamento de Ignácio Rangel**. São Paulo, Editora 34, 1998 págs. 60 ss.

¹⁹ MAMIGONIAN, A. Introdução ao pensamento de Ignácio Rangel...

²⁰ RANGEL, I. Economia: milagre e antimilagre. In: _____. **Obras reunidas**. Vol. I. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1985] págs. 691ss.

²¹ RANGEL, I. Ciclo, tecnologia e crescimento. In: _____. **Obras reunidas**. Vol. II. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1969-1981] págs. 318 ss.

Ignácio Rangel destaca o papel desempenhado pela intermediação financeira, papel estratégico, visto como a retomada do ritmo do desenvolvimento não depende somente do reinvestimento dos lucros de cada empresa, mas sim dos investimentos, em um setor de lucros extraordinários para outros, evitando assim os **nós de estrangulamento**. Aliás, cabe observar:

[...] A substituição de importações e os estrangulamentos centrais definiram e redefiniram ao longo do tempo bens supérfluos e bens essenciais (os materiais de construção foram essenciais nas décadas de 30 e 40 e passaram a supérfluos a partir da década de 50), apontando para novos setores que deveriam ser implantados. O setor têxtil, que já era privilegiado na década de 50, passou a se abastecer de máquinas de três maneiras diferentes: 1) das oficinas mecânicas internas às fábricas, que consertavam e reproduziam máquinas antigas, o que significava um congelamento tecnológico, muito frequente no nordeste; 2) das fábricas de máquinas instaladas no Brasil (Ribeiro p. ex.) que copiavam as estrangeiras recém-lançadas; 3) da importação de máquinas estrangeiras novíssimas, como contrapartida de exportações de tecidos (Artex p. ex.). Neste mesmo momento (década de 50) os poucos cambiais disponíveis continuavam a ser usados, agora através da **Instrução 70 da SUMOC**, as importações essenciais, por exemplo, máquinas operatrizes sofisticadas. A ROMI, de Santa Barbara do Oeste-SP, foi privilegiada duplamente: reserva de mercado para tornos mecânicos (câmbio caro), que ela já produzia desde a década de 40 e importações de máquinas operatrizes sofisticadas ultra-moderna (câmbio barato). Mais tarde, na década de 70, ela passou a produzir estas máquinas operatrizes com controle numérico (computadorizados) [...]²².

Portanto, o Estado investe em novos setores e, em ciclo posterior em novíssimos, assim sucessivamente até a aproximação tecnológica com o centro do sistema.

Certamente, muito já foi discutido em relação ao pensamento rangeliano. Linhas acima esboçamos alguns traços de seu pensamento, mas gostaríamos de acrescentar algumas observações sobre *a crise da acumulação capitalista*.

De acordo com a **tese da dualidade** a evolução da economia e da sociedade brasileiras vai se manifestar conforme nosso atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas e das nossas relações de produção, aliada, “[...] a importância fundamental das políticas econômicas, que mudam com os pactos de poder acoplados as relações de produção”²³. É importante salientar que em seus últimos escritos Rangel comentava sobre uma contrarrevolução. E de fato, a quarta dualidade ainda não se efetivou. Em razão de, no nosso entender, as bases da política econômica constituírem as mesmas postas em prática nos governos neoliberais, o combate à inflação: “A presidente Dilma Rousseff aproveitou [...] seu discurso [...] para assegurar o controle da inflação. ‘Temos certeza que vamos fechar o ano

²² MAMIGONIAN, A. Padrões tecnológicos mundiais: o caso brasileiro. In: **Geosul**, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 139-151, jul./dez. 1999.

²³ MAMIGONIAN, A. Introdução. In: _____. **Estudos de geografia econômica...**

com a inflação dentro da meta' [...] e exaltar a estabilidade das contas públicas”²⁴. A propósito ao analisar as políticas de crescimento econômico no Brasil e as desenvolvidas na República Popular da China Elias Jabbour revela atitudes diametralmente opostas “É importante salientar que cerca de 300 km de linhas de metrô estão sendo construídas hoje em Pequim, enquanto no Brasil a busca da ‘estabilidade monetária’ e o ‘combate a inflação’, permitiram que o metrô da cidade de São Paulo expandisse 20 km, nos últimos dez anos”²⁵.

Aliás, conforme advertiu Delfim Netto:

Infelizmente foi preciso que o crescimento da produção industrial do Brasil em 2012 fosse talvez o menor do mundo, para que se transformasse num ‘problema’ para boa parte da academia, dos analistas financeiros com pouca familiaridade com a economia real e, finalmente, para o próprio governo. *As razões são múltiplas. A principal é que há muito tempo bifurcamos os estímulos internos à nossa indústria, originalmente destinados a transformar o país numa base exportadora, em favor de uma enganosa e míope política de estabilização monetária transformada num fim em si mesmo e, por isso mesmo, nunca alcançado*²⁶ (grifos nossos).

A política de combate à inflação tornou-se dominante a partir da hegemonia da chamada “globalização” e do neoliberalismo (Governos Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso). Desde suas origens, décadas de 1980-1990 aproximadamente, “globalização” e neoliberalismo se caracterizaram por possuir diversas vertentes na economia promovem a diminuição do papel do Estado; na Política e na Geografia o fim das fronteiras nacionais que seriam substituídas por uma espécie de “aldeia global” onde a livre circulação de mercadorias, ideias, etc. daria o tom norteador do “mundo globalizado”, entre outras novidades.

Entretanto, é preciso duvidar de certas “novidades” pregadas para usar uma expressão inspirada em Gramsci, por intelectuais orgânicos, que na sua esmagadora maioria são financiados por fundações provenientes do centro do sistema capitalista, mas que encontram ecos por toda a América Latina, especialmente no Brasil. Como lembrou Visconde de Mauá esses intelectuais orgânicos procuram explicar coisas que não podem compreender e fazem de forma tacanha e mesquinha uma transposição mecânica de ideias estranhas a realidade brasileira; seguindo as orientações do Consenso de Washington, não só o Brasil como toda a

²⁴ ROUSSEFF, D. Dilma diz ter “certeza” que inflação fecha o ano dentro da meta. **Valor econômico**, Brasília, 17 setembro de 2013. Caderno Política, página A3. Depoimento a Leandra Peres, Bruno Peres e Thiago Resende.

²⁵ JABBOUR, E. Segunda viagem à China: janeiro de 2007. In: **Dossiê Ásia/China**. Geografia econômica: anais de Geografia econômica e social. UFSC, 2008 págs. 69 ss.

²⁶ DELFIM NETTO, A. Indústria. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 maio de 2013. Colunistas, página A2.

América Latina foi obrigada a seguir o receituário neoliberal²⁷. Entre os males ocasionados por essas políticas destaca-se o sucateamento do sistema produtivo, abertura comercial indiscriminada e a *perda de uma visão nacional desenvolvimentista*. E, não por acaso:

No transcurso da década de 1990, houve um distanciamento da idéia do desenvolvimento econômico nacional. Se algumas empresas tiveram acesso a crédito barato no exterior, a maioria submeteu-se aos altos juros internos e as dificuldades, primeiro da hiperinflação e depois do arrocho cambial e das dívidas dolarizadas. Neste processo, milhares de trabalhadores perderam seus postos de trabalho, levando os sindicatos a classificarem o governo FHC como o ‘campeão do desemprego’. As maiores taxas de desemprego acompanharam os menores índices de crescimento da história, inferiores aos da ‘década perdida’ (anos 1980). A ausência de um projeto nacional de desenvolvimento e a política centrada na abertura comercial e de combate à inflação adotada pelo governo FHC, permitiu que o país ficasse à mercê das importações internacionais, ampliando os índices de desemprego. ‘No debate sobre a inflação – obsessivamente considerada o único mal a se combater, a qualquer preço, ou seja, à custa do emprego, do salário, do desenvolvimento – contemplam-se todas as sortes de renúncia à autonomia nacional’. (Batista, 1999, pg. 17). Alternativas ao modelo sequer foram testadas, e a privatização, realizada da maneira como o foi, desperdiçou o patrimônio nacional e dificultou a possibilidade de ocorrer novo período de crescimento econômico, ocasião em que importantes empresas de capital privado nacional faliram ou foram vendidas a estrangeiros, e as estatais, antes consideradas estratégicas para o desenvolvimento do país, foram desvalorizadas e privatizadas em transações consideradas, no mínimo, questionáveis ou suspeitas. *O país retraiu-se nos anos 1990, quando se intensificaram as dificuldades para a retomada do desenvolvimento e a superação da crise crônica que nos assola há mais de duas décadas.* Houve a predominância de negócios com o capital estrangeiro, inclusive em setores estratégicos para o desenvolvimento, e assim também as novas relações econômicas revestiram-se de conteúdo antidesenvolvimentista e antinacionalista, antes de serem propriamente a ‘modernização’ tão esperada. As privatizações funcionaram, em grande medida, como um fator de atração para as empresas de capital estrangeiro. As novas determinações indicavam uma ‘modernização’ através da abertura escancarada do mercado, o que prejudicava a empresa nacional em um momento de fragilidade, pois refletiam as dificuldades econômicas do país, em um quadro marcado pela crise e, por fim, também prejudicando a classe trabalhadora, com o fechamento de empresas, a redução de quadros, o processo de ‘enxugamento’ através dos Planos de demissão Voluntária, etc.²⁸ (grifos nossos).

Não obstante;

É cada vez mais evidente que para devolver à economia brasileira a capacidade de crescer robustamente temos de resolver um problema muito complicado que foi criado ao longo de vários anos. Agravou-se brutalmente depois da crise de 2008 que

²⁷ **Para um melhor entendimento sobre o assunto sugerimos:** BATISTA Jr., P. N. “**Globalização**” e **administração Tributária**. Palestra no Fórum Paralelo Nossa América, em evento patrocinado pelo Sindicato dos Fiscais e Agentes de Tributos do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, em 13 de maio de 1997. Publicada por Ensaios FEE, Porto Alegre, Rio Grande do Sul; BIONDI, A. **O Brasil privatizado: um balanço do desmonte do Estado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003; MAMIGONIAN, A. **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 págs. Tese (Livres docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.

²⁸ CORRÊA, Domingos Sávio. Fusões e aquisições de empresas no Brasil: concentração de capital e desnacionalização da economia. In: **Revista Ciência Geográfica**. AGB-Bauru-SP, Ano X, Vol. X nº 2, Maio/Agosto, 2004 págs. 122 ss.

*continua a dizimar a economia mundial. Trata-se da longa e tenaz sobrevalorização da moeda nacional produzida pelo controle da taxa de câmbio nominal através da taxa de juro real (até recentemente a mais elevada do mundo) [...] Não é sem razão, portanto, que a participação de nossas exportações no total mundial continua, há pelo menos 30 anos, em torno de 1,3%. Desde 1974, cada vez que o Brasil foi premiado com um ciclo de melhoria substancial da relação de troca, isto é, quando os preços da exportação crescem mais depressa do que os da importação (1977, 1997 e 2011), manipulamos a taxa de câmbio para reduzir a inflação. No fim de cada ciclo pagamos o preço e corremos ao Fundo Monetário Internacional! [...] Não é possível prever o efeito "líquido" de tantas variáveis, mas é seguro que um crescimento econômico mais sadio e robusto exige a recuperação do nosso setor industrial, o que só poderá ocorrer com a desvalorização do real como, aliás, parecem indicar os fatos acima. É o que sugere, também, a rápida deterioração da nossa balança comercial e o saldo em conta corrente [...]*²⁹ (grifos nossos).

Convém lembrar, a política econômica dos anos 1930 criou uma estrutura oligopólica, sobretudo nos segmentos empresariais da segunda substituição industrial de importações (bens de consumo intermediários). Essa economia oligopólica foi se manifestando em inflação nos períodos depressivos internos da industrialização brasileira. “A política ‘ortodoxa’ de combate a inflação, [...] justifica todas as medidas antipopulares [...]. Ora, se o fim da inflação não está à vista – até por que nossas costumeiras ‘políticas antiinflacionárias’ são contra-indicadas e agravam o problema – então, era mister apreender a conviver com a inflação”³⁰.

Por outras palavras, o problema não era a inflação, o problema era quando a economia deixava de crescer. Na década de 1970, com a crise do petróleo, surgiu o termo estagnaflação, ou seja, como demonstra Rangel, no Brasil quando a economia entra em estagnação temos inflação. Então, inflação por si só não gera crise, porque é um epifenômeno; inflação nada mais é do que um mecanismo de defesa dos agentes econômicos.

Portanto, a inflação para ser combatida tinha obrigatoriamente promover a abertura comercial, já que esta decorria, na visão de determinados economistas e cientistas sociais, do fato de que os oligopólios determinavam os preços, sim, mas numa conjuntura depressiva como já dito; nas recessões os oligopólios tratavam de explorar as possibilidades de maior lucratividade.

Assim sendo, controlar a inflação significa restringir o consumo, não financiar as indústrias. Então, o controle inflacionário se dar através de uma política de juros exorbitantes, como bem observou Delfim Netto “A crítica do mercado é simples de entender. Era muito mais fácil ganhar a vida com taxa de juro real de 12%. Ganhar a vida com taxa real de 2% é

²⁹ DELFIM NETTO, A. Crescimento mais difícil. **Valor econômico**, São Paulo, 28 maio de 2013. Caderno Ideias, página A2.

³⁰ RANGEL, I. Economia: milagre e antimilagre. In: _____. **Obras reunidas**. Vol. I. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1985] págs. 707 ss.

mais difícil. Por isso, a crítica do mercado financeiro é irrelevante, não faz cócega”³¹. Do mesmo modo, como uma política cambial favorável as importações e desestimulante para as exportações. Considerando a questão por este ângulo é como se quisesse combater a recessão econômica gerando mais recessão. Hegel certa vez mencionou “o artilho do conceito”, significa analisar as coisas simplesmente onde elas não mudam. O debate em torno da inflação esconde e, mistifica o essencial no debate econômico, o país não cresce somente e base de políticas monetárias sem crescimento não há distribuição de renda.

Na verdade o Brasil sofre de uma **crise cíclica de acumulação**, isto é,

*[...] A medida em que o Estado brasileiro se endividou nos anos 1970, junto aos bancos estrangeiros para financiar a ‘marcha forçada’ do governo Geisel (A. Barros de Castro) e depois junto aos bancos brasileiros, ‘empurrando com a barriga’ a dívida externa, ele se tornou refém do sistema financeiro e dirigiu o grosso da poupança brasileira ao pagamento das dívidas externa e interna, perdendo a capacidade de realizar políticas públicas. É aí, na dívida pública descomunal que reside o cerne da crise brasileira desde os anos 1980. A incapacidade de definir este problema como central e a incapacidade de enfrenta-lo corretamente levou-nos irremediavelmente ao beco sem saída em que nos encontramos: pagamos cada vez mais e a dívida não para de crescer. Cabe-nos perguntar com que política econômica, que seja do interesse dos trabalhadores e da nação poderemos sair efetivamente da crise, que já dura mais de duas décadas, com agravamento do problema central (dívida pública crescente) e dos problemas decorrentes, como as crises econômicas, social, política, moral, educacional, etc. Se não encontrarmos uma saída e continuarmos tutelados pelo FMI, vale dizer pelo imperialismo americano, seremos levados ao mesmo desastre que ocorreu recentemente na Argentina, que aliás parece redefinir o seu rumo*³²

Acreditamos que Ignácio Rangel³³ tenha decifrado o enigma ao apontar, principalmente, a partir da década de 1960, discutindo a *dialética da capacidade ociosa* que determinados setores da economia se desenvolvem mais do que outros nas fases ascendentes dos nossos ciclos breves e, para que a economia brasileira não entre em recessão, é imprescindível o estabelecimento de uma intermediação financeira que coloque os recursos ociosos do setor dinâmico para o setor deficitário do organismo econômico nacional. A propósito, somente após um longo período percebe-se que os nós de estrangulamento, ou seja, as infraestruturas (portos, aeroportos, rodovias, saneamento básico, etc.) podiam “ser tocadas para frente”, aliás, Estado e sociedade, conforme ensinou Rangel são duas faces da mesma moeda, sempre que o setor privado sentir dificuldades vai entregar partes delas ao setor Estatal e o Estado ao investir em determinados setores, pode concedê-los a iniciativa privada,

³¹ DELFIM NETTO, A. O apocalipse não está na esquina. Entrevista a revista **Isto é**, 13 outubro de 2013 [mimeo].

³² MAMIGONIAN, A. O enigma brasileiro atual: Lula será devorado? In: **Revista Ciência Geográfica**. AGB-Bauru-SP, Ano X, Vol. X, nº 2, Maio/Agosto, 2004 págs. 128 ss. (grifos nossos).

³³ RANGEL, I. Economia: milagre e antimilagre...

liberando recursos para investir em outros segmentos. C. Romero ao analisar a política governamental para o setor de infraestrutura enfatiza a contribuição rangeliana:

O pacote de infraestrutura anunciado pelo governo quebra um paradigma dos governos do PT: daqui em diante, o investimento em rodovias e ferrovias será liderado pelo setor privado e não pelo Estado. *É o reconhecimento de que o setor público não tem condições de bancar esses investimentos [...] O governo se inspirou, na opção de parcerias público-privadas (PPPs) para a construção de ferrovias, no modelo usado no sistema de transmissão de energia elétrica [...] 'Com esse pacote, Dilma realiza o sonho de Ignácio Rangel: o investimento privado em concessões de serviços público', comentou um assessor do governo [...] 'Meu governo reconhece as parcerias com o setor privado como essenciais à continuidade e aceleração do crescimento. Essas parcerias nos permitirão oferecer bens e serviços públicos mais adequados e eficientes à população' [...] 'O nosso propósito com este programa e os que anunciaremos na sequência para aeroportos e para portos é nos unirmos aos concessionários para obter o melhor que a iniciativa privada pode oferecer em eficiência, e o melhor que o Estado pode e deve oferecer em planejamento e gestão de recursos públicos', declarou Dilma. 'Investimento é palavra-chave hoje', definiu a presidente³⁴ (grifos nossos).*

Como se pode observar muito pouco das propostas esboçadas por Rangel efetivamente foi feito. Entretanto, já se começa a perceber ainda que canhestramente sua importância conforme lembra Y. Nakano;

Em outras palavras, o que poderia gerar, no atual contexto, um bloco de investimentos suficientemente grande, que tenha fortes efeitos multiplicadores, capazes de aumentar a produtividade e se transformar na locomotiva da economia brasileira? *O grande economista Ignácio Rangel, com longa experiência de analista de projetos do BNDES, dizia que o ponto de estrangulamento, tende a transformar-se, no período seguinte, na locomotiva que vai comandar a expansão econômica. E antes que dado que a poupança pública era negativa, a concessão de serviços públicos poderia engendrar esta locomotiva. A locomotiva aí está na nossa cara: é o programa de concessões de infraestrutura anunciado há um ano pela presidente Dilma [...] Não há dúvidas de que o programa de concessões de rodovias, ferrovias, portos e aeroportos pode gerar centenas de bilhões de reais de investimentos nos próximos anos e um novo ciclo de expansão da economia brasileira. O setor privado está com apetite e há uma fantástica abundância de recursos em busca de retorno, ainda com financiamentos a taxas de juros baixíssimas³⁵ (grifos nossos).*

Em resumo, o Brasil começou seu processo de industrialização pelo Departamento II (bens de consumo), depois pelo Departamento I (bens de produção). Acontece que por seguir uma ordem inversa dos países que compõe o centro do sistema capitalista que se industrializaram pelo setor de bens de produção (máquinas e equipamentos) no Brasil um determinado setor da economia se desenvolve subutilizando seu potencial produtivo (ociosidade), enquanto outros apresentam dificuldade em acompanhar o setor dinâmico da

³⁴ ROMERO, C. Setor privado passa a liderar investimento. **Valor econômico**, Brasília, 16 agosto de 2012. Caderno Brasil, página A3.

³⁵ NAKANO, Y. Novo ciclo de expansão está aí. **Valor econômico**, São Paulo, 10 setembro de 2013. Caderno Ideias, página A2.

economia (antiociosidade), assim, uma intermediação financeira que pudesse realocar os recursos dos setores dinâmicos (que compõe a poupança da economia nacional) representados pelos serviços de utilidade pública (correspondente ao setor de investimentos) faria com que a economia nacional conseguisse superar a crise provocada pelos seus ciclos internos (juglarianos). Isto é, o Estado investe em novos setores e em ciclo posterior, em novíssimos e assim por diante até a aproximação tecnológica com o centro do sistema. Isso, em parte, contingenciaria os medíocres prognósticos e o fraco desempenho da economia brasileira em geral e da industrialização em particular³⁶.

Para concluir a resolução desta problemática terá que se desenvolver na atual configuração da dualidade básica da economia e da sociedade brasileiras, ou seja, para Rangel no comando do novo pacto de poder deverá aparecer o sócio menor do pacto anterior, o capitalismo industrial, deslocando da hegemonia o latifúndio feudal. Entretanto, conforme destaca Armen Mamigonian:

No lugar desta possível evolução sobreveio a partir de 1990 com Collor e FHC uma contra-revolução que substituiu o nacional-desenvolvimentismo pelo neoliberalismo: 1) o capital financeiro americano (bancos e indústrias) se tornou hegemônico; 2) a indústria brasileira, sócia subalterna do pacto de 1930, foi sendo afastada do poder; 3) o latifúndio feudal (Norte e Nordeste), com poder político, mais agonizante economicamente, participou da contra-revolução; assim como 4) os bancos brasileiros ocuparam um espaço econômico e político subalterno ao capital financeiro norte-americano. Todo este bloco contra-revolucionário, sob o comando dos EUA, passou a paralisar a economia brasileira e o Estado nacional, bem como a provocar o apodrecimento da vida política e cultural no Brasil. Na eleição presidencial de 1989 as chamadas esquerdas lançaram, de maneira incompetente, três candidatos (Lula, Brizola e Covas) e permitiu a vitória da direita (Collor), com apoio norte americano, dando origem à contra-revolução e depois, de maneira novamente incompetente e por preocupações eleitoreiras, não aproveitaram o interregno Itamar Franco (1993-94) para se unirem diante de perigo crescente dos

³⁶ **Em relação à economia paulista destacamos alguns dados** “A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) concluiu há pouco dias um estudo em que questiona o que chama de ‘mitos’[...] Além do ‘mito’ em torno da discussão sobre desindustrialização, outros dois foram confrontados pela federação: a ideia de que os setores de maior intensidade tecnológica estariam ganhando participação no PIB e o entendimento de que a importação de alta tecnologia tem sido direcionada para a modernização da indústria e para o aumento da produtividade, portanto, não sendo algo negativo para a indústria sediada no país. ‘Existia uma percepção, e o nosso estudo demonstra que isso estava errado, de que neste período em que o real esteve valorizado, a indústria tivesse se modernizado, comprado equipamentos e tivesse ampliado sua produtividade. Mas o nosso estudo não apontou isso’[...] ‘A gente continua exportando mais produtos de média e baixa tecnologia e importando cada vez mais produtos de alta tecnologia’, acrescentou José Roriz Coelho, diretor do Departamento de Competitividade e Tecnologia da Fiesp [...] Baseado nos dados mais recentes da Pesquisa Industrial Anual (PIA) e das Contas Nacionais, o estudo da Fiesp chama atenção para a queda da participação da indústria no PIB brasileiro, para 13,3% em 2012, patamar mais baixo desde 1955. Também destaca que a indústria não se sofisticou, numa avaliação sobre o nível de intensidade tecnológica [...] Na avaliação de Roriz, há duas razões principais para a continuidade do processo de desindustrialização relativa, iniciado em 1985. A primeira diz respeito ao custo Brasil, o que envolve ‘carga tributária elevada e complexa, alto custo de capital devido aos juros básicos e spread, elevado custo de insumos e energia e infraestrutura logística precária’. O segundo fator seria a sobre valorização cambial”. JURGENFELD, V. Para Fiesp, indústria continua perdendo valor. **Valor Econômico**, São Paulo, 25 novembro de 2013. Caderno Brasil, página A3.

EUA, cujas primeiras manifestações explícitas já se fizeram sentir sob o governo Figueiredo, ainda durante a ditadura militar [...]. *No Brasil, o nacional-desenvolvimentismo começou a se enfraquecer durante o governo Figueiredo, que moderou o nacionalismo militar por conta do peso da dívida externa e por consequência das pressões dos países centrais.* Foi forçado a aceitar financiamento alemão visando construir para a Portobrás novo terminal graneleiro no Rio Grande-RS, prejudicando o terminal da Cotrijuí, que não operava à plena capacidade, bem como cedeu a Mitsubishi a implantação do metrô de superfície de P. Alegre, em detrimento da Marfesa, empresa estatal de vagões ferroviários, que continuou sem encomendas. *Nos dois casos, entre outros, a indústria nacional passou a ser submetida ao dumping das importações de equipamentos estrangeiros, por conta dos financiamentos facilitados. Assim, o endividamento externo aumentou e se iniciou o estrangulamento da indústria nacional de equipamentos pesados, implantados ou ampliados durante o governo Geisel.* Entretanto a postura nacionalista ainda dominava: 1) na demissão de M. H. Simonsen, que propunha combate a inflação crescente com aplicação de política recessiva e sua substituição por Antonio Delfim Netto, que propunha o uso das capacidades ociosas da economia; 2) nos estímulos à exportação, que cresceu muito com a desvalorizações cambiais (Delfim Netto) e ao mesmo tempo ajudando o entendimento dos interesses do setor bancário do imperialismo americano, pois os dólares gerados pelas exportações serviam ao pagamento dos juros da dívida externa; 3) na implantação da reserva de mercado da informática, que deu origem à Itautec e outras empresas de alta tecnologia; 4) no acordo de cooperação científica com a China etc. Mas o pior estava por acontecer e ocorreu após a abertura democrática. Intelectuais de esquerda, sobretudo economistas, passaram a repetir, posando-se de ‘radicais’, que era necessário decretar a moratória da dívida externa (C. Furtado, P. Nogueira Batista Filho e muitos outros), posta em prática no Plano Cruzado (Governo Sarney), quando a incompetência dos economistas de esquerda (Unicamp), se somou a desfaçatez dos economistas de direita (PUC-RJ) na definição do ‘inimigo’ a enfrentar, isto é a inflação, como se nas décadas, de 1940 a 1980, de enormes taxas de crescimento, a inflação não tivesse se manifestado periodicamente. *Do Plano Cruzado (1986) ao Plano Real (1994) os economistas brasileiros, quase unanimemente, ignorantes uns e vendidos outros, passaram a engrossar a ‘jihad anti-inflacionária’ imposta pelo FMI [...]. Anteriormente, o combate a inflação já havia sido um fracasso no governo João Goulart, com a aplicação do Plano Trienal (C. Furtado), ajudando a ocorrência do golpe militar de 1964, assim como havia fracassado, na época em que os assessores monetaristas da primeira fase do governo JK forçaram-no a admitir que ‘são condições essenciais de uma política de estímulo ao capital estrangeiro a estabilidade política, cambial e monetária’ (JK: Mensagem ao Congresso Nacional, 1957 p. 247), como se o Brasil tivesse que optar entre capital estrangeiro e arrocho salarial, opinião compartilhada por monetaristas e estruturalistas, que ignoravam a capacidade ociosa como promotora da crise, e em decorrência da inflação, e igualmente promotora da retomada do crescimento, desde que utilizada (I. Rangel: A inflação brasileira, 1963 e Francisco Sá Jr., org. Inflação e desenvolvimento, Ed. Vozes)³⁷ (grifos nossos).*

I. 2. 2. Geografia e Formação Socioespacial

“Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método”, de Milton Santos, publicado originalmente em 1977, no Boletim Paulista de Geografia, nº 1, vol. 9, constitui o marco na renovação da Geografia Humana marxista brasileira, o escrito tem entre

³⁷ MAMIGONIAN, A. O enigma brasileiro atual..., op. cit., págs. 129 ss.

outros méritos, o fato de reafirmar o caráter global e totalizador da Geografia³⁸. Conforme o referido autor:

Pode-se dizer que a Geografia se interessou mais pela *forma* das coisas do que pela sua *formação* [...]. Daí a categoria de Formação Econômica e Social (FES) parecer-nos a mais adequada para auxiliar a formação de uma teoria válida do espaço. *Essa categoria diz respeito à evolução diferencial das sociedades, no seu quadro próprio e em relação com as forças externas de onde mais frequentemente lhes provém o impulso. A própria base da explicação é a produção, isto é, o trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com o qual o grupo se confronta [...]*³⁹ (grifos nossos).

De acordo com Maria Graciana E. de Deus Vieira & Raquel M. F. do A. Pereira “Para se compreender uma formação [...] (M. Santos) deve-se considerar [...]: a) a identificação e a caracterização, ao longo do tempo, das combinações (A. Cholley) [...]; b) a relação entre sociedade e natureza [...]; c) o conceito de formação social”⁴⁰. Conforme as observações de A. Mamigonian, a ciência geográfica tem um caráter particular como conhecimento integrado, visto que ao regionalizar os fenômenos físicos, biológicos e humanos atravessa em linhas transversais os diversos ramos científicos em vez de confinar com os mesmos. Desta forma, a Geografia está qualificada para absorver dois grandes paradigmas: a Formação Social e os Geossistemas não de forma excludente, mas conectando dialeticamente⁴¹. Aliás, cabe destacar: [...] *A própria geografia econômica, nosso campo preferencial de pesquisas, baseia-se em três grandes fontes de conhecimentos: a geografia com um todo, a história como um todo e naturalmente a economia. Ao elaborar a idéia fundamental de que os fatos geográficos são combinações concretas, simples algumas (os ventos, por exemplo), mais complexas outras [...]. A. Cholley assinalou que as condições econômicas se compõe de fatos físicos, biológicos e humanos de diferentes ordens, que se juntam num processo histórico e que se materializam no espaço [...]. Coincidentemente o procedimento de trabalhar com combinações (A. Cholley) é o mesmo de trabalhar com múltiplas determinações (Marx) [...]*⁴².

³⁸ MAMIGONIAN, A. A Geografia e a “formação social como teoria e método”. In: _____. **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 págs. Tese (Livre docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.

³⁹ SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2008 [1977] págs. 21 ss.

⁴⁰ VIEIRA, M. G. E. de D.; PEREIRA, M. F. do A. Latifúndio pastoril e pequena produção mercantil: o caso do Brasil subtropical. In: **Transformações regionais no Brasil. Geografia econômica: anais de Geografia econômica e social**. UFSC, 2009 págs. 159 ss.

⁴¹ MAMIGONIAN, A. Tendências atuais da Geografia. In: **Geosul**, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 171-178, jul./dez. 1999.

⁴² MAMIGONIAN, A. Introdução. In: _____. **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 págs. Tese (Livre docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.

Certamente, uma das maiores contribuições do professor Milton Santos a ciência geográfica foi incorporar a noção de *Formação Econômica e Social (FES)*. De modo rudimentar, *FES* é um fenômeno de combinação de modos de produção que se realiza concretamente numa determinada localidade. Para este autor a Geografia tem por especificidade enxergar a sociedade, vista como uma totalidade, nas suas relações econômicas, políticas, culturais, ideológicas, etc. a partir do Espaço, isto é, como essa sociedade se manifesta no território; todas essas especificidades são conectadas através da noção de *Formação Econômica e Social* ou como as definiu *Formação Socioespacial*, a partir da ideia de relações de produção e das forças produtivas, se a sociedade é fundamental, então, a sociedade espacializada é a temática da Geografia⁴³.

Tendo em vista sua atuação não só na Geografia, mas nas Ciências Humanas como um todo, Milton Santos fez parte da chamada ala combativa, segundo Antonio Candido. Deste modo não poderíamos deixar de mencionar certos traços que foram moldando essa área do conhecimento nesses muitos tempos. Consideramos a seguinte passagem extensa, mas fundamental para entender o atual momento da ciência geográfica no Brasil e no Mundo.

A perda do dinamismo da Geografia Humana coincidiu com o enfraquecimento do 'marxismo ocidental' e da esquerda europeia nos anos 1960-70 e como a revolução foi saindo da ordem das possibilidades. H. Lefebvre e M. Castels voltaram-se para questões mais amenas, como a reprodução da força de trabalho (habitação etc.) e inspiram os 'novos' estudos de geografia urbana [...] Sob influência de H. Lefebvre, a geografia urbana deixou de se interessar pelos fenômenos econômicos

⁴³ **Observação:** “M. Santos percebeu que formação social e geografia humana não coincidem completamente, não pelas teorias que embasam aquela categoria marxista e está área do conhecimento acadêmico e mais pela prática indispensável de localização da geografia, nem sempre usada nos estudos de formação social, daí ter proposto a categoria formação sócio-espacial. Como disse Humboldt ‘de que serve toda a descrição das particularidades do reino animal e dos homens se não é possível determinar o ponto da terra a qual pertence esta ou aquela particularidade’ (K. R. Biermann, p. 129). Mas na verdade, qualquer estudo rigoroso de formação social deve cuidar de localizações e espacializações, como se pode ver, por exemplo, em Lênin (Desenvolvimento do capitalismo na Rússia), Trotsky (Peculiaridades do desenvolvimento da Rússia, In: História da revolução russa), Gramsci (Questão meridional), I. Rangel (História da dualidade brasileira), etc.” MAMIGONIAN, A. A geografia e “A formação social como teoria e como método”. In: _____. **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 págs. Tese (Livre docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004. **Para Maria Graciana E. de Deus Vieira** “[...] Ao discutir a relação entre a categoria de formação social e geografia [...] importa retomar os vários pontos de aproximação entre geografia e marxismo entre eles: preocupação pela totalidade, relação sociedade/natureza, relação geral/local ou unidade e diversidade, localização no tempo e no espaço, inter-relação de múltiplos elementos ou múltiplas determinações. *Para prosseguir é necessário também resgatar o debate sobre a categoria de formação social, quando então se impõe, para o aprofundamento da investigação, a categoria de modo de produção. A definição por oposição destes dois conceitos, um relativo à diversidade e unidade no tempo, o outro à diversidade e unidade no espaço, ressaltou a interdependência destas categorias na análise de qualquer realidade histórico geográfica, ou seja, na análise das formações sócio-espaciais. O conceito de modo de produção, inerente ao desvendar de uma formação social, ou melhor, uma formação localizada no tempo e no espaço [...] reacende ‘antigos’ e ‘calorosos’ debates, apesar de ser considerado, por alguns, que sobre esta temática já ‘se jogou uma pá de cal’*”. VIEIRA, M. G. E. de D. Considerações a respeito do paradigma de formação sócio-espacial”. In: **Anais do 12º Encontro de Geógrafos da América Latina**. Montevideu, 2009 [mimeo] (grifos nossos).

importantes, tratados anteriormente. Para exemplificar, a industrialização ou a desindustrialização passaram a ser temas marginais, juntamente com os processos profundos que animam o urbano [...] Com a subordinação da geografia à temática da reprodução da força de trabalho é possível entender por que D. Harvey considerou todas as grandes cidades do mundo, Nova York ou Rio de Janeiro, Londres ou Dacca, Paris ou Dakar, semelhantes, com problemas comuns, pois todas têm milionários e ricos, classes médias, pobres e miseráveis. Descartou as formações sociais distintas e a perspectiva mundial centro-periferia e assim desconsiderou as dimensões gigantescas da função bancária de Londres, hipertrofiada, contrastando com o fechamento da bolsa de valores do Rio de Janeiro, como fenômenos opostos e igualmente importantes para a análise urbana. *O vendaval que assolou a Geografia continua a se manifestar e as fragmentações afetam inclusive as antigas boas relações entre as Geografias física e humana, como se o sistema natural não incorporasse o social ou a formação social não abrangesse a natureza. Alguns geógrafos da área humana passaram a desconsiderar o natural, antagonizando mesmo a Geografia física. Nós acreditamos que a Geografia estuda os fenômenos físicos, biológicos e humanos na superfície da Terra, conectados e combinados, como é plataforma de outros geógrafos [...] e foi preocupação de F. Braudel pouco antes de morrer, ao cobrar um retorno à antiga grandeza da Geografia. As dificuldades também se situam na mudança da preocupação dos intelectuais com o destino das suas respectivas disciplinas, pois se há um esforço positivo de alguns, também há uma crescente postura de individualismo neurotizado de outros. No caso brasileiro surgiu um novo mandarinato de professores subalternos aos órgãos governamentais de financiamento, constituído de verdadeiros yuppies que incentivava uma política de poder mais do que uma política cultural, aceitando produções 'gastro-intestinais' dos 'amigos', para usar a expressão de M. Santos, e que constitui um enorme obstáculo à renovação da Geografia.*⁴⁴. (grifos nossos).

I. 2. 3. Desconcentração industrial no Estado de São Paulo

Para Armen Mamigonian

[...] a desconcentração industrial paulistana esteve por muito tempo na ordem do dia do mundo acadêmico e começou com H. Rattner ('Estudo sobre deseconomias na área metropolitana da Grande São Paulo', FGV, 1974), mas o estopim foi o estudo de C. R. Azzoni ('Indústria e reversão da polarização no Brasil', FEA-USP, 1986) que enfatizava a ocorrência de uma 'reversão da polarização', baseado teoricamente na ideia de que as economias de aglomeração estão no centro tanto da polarização como da reversão da polarização e baseado empiricamente da rápida queda da indústria na área metropolitana de São Paulo [...] Azzoni concluiu que longe de constituir numa reversão da polarização, o fenômeno seria de um espraiamento, isto é uma 'desconcentração concentrada'. Assim seu conceito de 'campo aglomerativo' inclui cidades num raio de 150 quilômetros e pode ampliar-se com o tempo. C. C. Diniz ('Desenvolvimento poligonal no Brasil, nem aglomeração nem continua polarização', UFMG, 1991) prefere discordar do raio de 150 quilômetros, centrado em São Paulo, de Ribeirão Preto e Rio Preto e áreas fora do Estado de São Paulo, mas concorda com a ideia de 'campo aglomerativo', defendendo a ideia de 'desenvolvimento poligonal', abrangendo o sul do Brasil e Minas Gerais. B. Negri ('Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1980-1990)', UNICAMP, 1996) lembra que dentro do 'polígono' o Rio de Janeiro e São Paulo

⁴⁴ MAMIGONIAN, A.; BASTOS, J. M. Apresentação. In: **Dossiê Ásia/China**. Geografia econômica: anais de Geografia econômica e social. UFSC, 2008 págs. 10 ss.

sofreram esvaziamento, enquanto regiões de fora do polígono, como a Zona Franca de Manaus, o Ceará etc. tiveram forte crescimento no conjunto brasileiro⁴⁵.

Como demonstrado no fragmento de texto acima entre os estudos que analisam a desconcentração industrial no Estado de São Paulo nota-se a coexistência de pontos convergentes e divergentes resultando, indubitavelmente, do tipo de referencial teórico e dos procedimentos metodológicos adotados.

Procurando sintetizar essas análises, notadamente para o caso paulista, M. Serafim Gomes⁴⁶ assinala que o desenvolvimento industrial brasileiro a partir da década de 1950 (correspondente à etapa expansiva do pós-segunda guerra mundial, mais precisamente a primeira fase do quarto kondratiev 1948-1973) ocasionou uma gigantesca expansão territorial-urbana na metrópole paulistana ocasionando o surgimento de uma “economia de aglomeração”; essa “economia de aglomeração” começou a encontrar seus limites nos anos de 1960. Segundo a referida autora.

Em outros termos, a indústria no Estado de São Paulo que sempre esteve concentrada territorialmente na Capital e na Região Metropolitana a partir de 1960 começa a sofrer alterações na sua espacialização. Em 1970 a metrópole tinha uma participação de 43,4 % em relação à indústria nacional passando para 38,8 % em 1975 e para 34, 2 % em 1980, enquanto o Interior aumentou sua participação, passando de 14,7% para 17,1% em 1975 e para 20,2% em 1980. Todavia, essa alteração da participação do Interior se deve apenas ao desempenho industrial de algumas regiões do Estado, particularmente, aquelas que estão mais próximas à região metropolitana. Com relação ao valor de transformação industrial, em 1960 a RMSP tinha uma participação de 73,79% em relação ao Estado passando para 62,94% em 1980, ocorrendo assim uma queda de quase 10%. Já o Interior ocorre um crescimento do VTI, passando de 26, 21% para 37,06%, com um acréscimo de mais 10% na sua participação. *Observa-se que a concentração territorial da indústria em São Paulo gerou essa ‘deseconomia de aglomeração’. A indústria foi se expandindo para áreas próximas à metrópole, formando uma mancha urbana contínua ou ‘uma gigantesca mancha urbana da região metropolitana desconcentrada’, como afirma Lencioni (1998a)*⁴⁷ (grifos nossos).

Neste sentido, ainda conforme a autora, baseada em Barjas Negri afirma:

[...] acerca do desenvolvimento industrial do interior, alguns elementos foram importantes: a intensificação do processo de modernização da agricultura paulista (cana, soja e cítricos), sobretudo para exportação; a instalação de duas grandes refinarias de petróleo (Paulínia) e em São José dos Campos; a consolidação do principal pólo petroquímico do país, em Cubatão e também pela expansão da Cosipa

⁴⁵ MAMIGONIAN, A. **A geografia urbano industrial-paulista e sua inserção nacional e internacional**. Projeto de pesquisa para o CNPQ. Processo nº 310830/2006-0 [mimeo].

⁴⁶ GOMES, M. T. S. **O processo de reestruturação produtiva em cidades médias do oeste paulista**. Tese (doutorado), FFLCH, São Paulo, 2007.

⁴⁷ GOMES, M. T. S. As políticas de descentralização industrial e o processo de desconcentração na indústria no oeste paulista. *In: O processo de reestruturação produtiva em cidades médias do oeste paulista*. Tese (doutorado), FFLCH, São Paulo, 2007 págs. 51 ss.

no setor siderúrgico; a política econômica do governo federal, instituindo o Proálcool em meados dos anos 1970 – regiões de Ribeirão Preto e Campinas; a implantação dos ramos de informática, microeletrônica e de telecomunicações na região de Campinas, basicamente por estatais federais e institutos de pesquisa e, também, pela influência da pesquisa na UNICAMP e; a implantação do complexo aeronáutico para fins civis e militares e indústria de material bélico, no Vale do Paraíba. *Cabe aqui fazer uma ressalva: essas políticas do governo estadual não atenderam a todas as regiões, tendo privilégio as próximas a metrópole, contudo, indubitavelmente, foi importante para o crescimento do interior*⁴⁸ (grifos nossos).

Em estudo recente sobre “*O novo mapa da indústria no começo do século XXI: novas dinâmicas industriais e o território*” trabalho conjunto entre pesquisadores das universidades de São Paulo (UNESP, USP), Federal do Paraná (UFPR) e da Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) procura explicar a desconcentração industrial como resultado da transição de um sistema fordista de produção, caracterizado pela linha de montagem e produção em massa vinculada fortemente a relação entre empresas e território para um sistema flexível do capital cujos investimentos não acatam fronteiras rígidas⁴⁹. Consequentemente; “O processo de desconcentração industrial no Estado de São Paulo [...] alterou profundamente seu mapa e território: a mancha metropolitana da capital se expandiu em direção ao Vale do Paraíba, Sorocaba e às regiões de Campinas e Ribeirão Preto, conglomerados urbanos especializados se formaram ao longo de uma densa malha rodoviária [...] muitas empresas deslocaram fábricas para o interior, mas mantiveram a sede, assim como o seu *board*, na cidade de São Paulo. Esse divórcio dos processos de gestão e de produção [...] ‘disjunção produtiva’, obedece à ‘lógica da acumulação capitalista’ de reduzir custos de produção que, nos anos 1980, cresciam significativamente na metrópole. Essa lógica, no caso de São Paulo, conferiu um caráter particular à desconcentração industrial [...] A nova cartografia se traduz num mapa recortado por eixos de desenvolvimento orientado pela malha rodoviária, corredores ferroviários e uma hidrovia, em torno dos quais se aglutinam grandes empresas industriais com acesso ao mercado nacional e global [...] Articuladas por eixos de desenvolvimento, a macrometrópole e o interior do estado formam o maior e mais diversificado parque industrial do país, com participação de 33% no Produto Interno Bruto Nacional (PIB) [...] *Distantes da*

⁴⁸ GOMES, M. T. S. As políticas de descentralização industrial e o processo de desconcentração na indústria no oeste paulista. In: **O processo de reestruturação produtiva...** op., cit., págs. 57 ss.

⁴⁹ “[...] Esta desconcentração teve como área mais afetada a RMSP, cuja participação na indústria brasileira cai sucessivamente de 43,5% em 1970 para 16,9% em 2004. Por outro lado, o interior paulista vem aumentando seu peso na indústria nacional, subindo de 14,7% em 1970 para 26,2% em 2004, contrabalançando os efeitos negativos para o Estado” Cf. “Economia paulista mantém hegemonia, mas produção se descentraliza”. In: **Jornal da Unicamp**, Universidade de Campinas, 25 de junho a 1 de julho de 2007.

macrometrópole, nas cidades [...] predominam empresas de capital local e os setores industriais, de serviços e o comércio se mantêm ligados ao mercado consumidor regional”⁵⁰.

Entretanto, não se trata apenas de uma transferência de plantas industriais em busca de um melhor aproveitamento do território e incentivos fiscais, assim como não se trata somente da transição do sistema fordista para um sistema flexível. Quando nos anos 1990, a liberalização da economia, justificada segundo seus ideólogos pela falta de concorrência interna, ocasionou desnacionalização, privatizações, significativo aumento das empresas transnacionais, além de abertura abrupta das importações⁵¹. Por consequência das importações predatórias as empresas que sobreviveram foram obrigadas a se instalar onde os incentivos fiscais e os custos de mão de obra eram melhores⁵².

Cabe ressaltar, em estudo realizado pelo Programa de Planejamento Ambiental da Atividade Industrial sobre as “*Tendências de industrialização do interior do Estado de São Paulo*”, que ao analisar a economia brasileira nos anos 1980 e o histórico da industrialização no interior paulista na década de 1970, evidencia claramente os resultados vistos nas análises anteriores e, a nosso ver com um diferencial, as tendências de localização por ramo industrial.

⁵⁰ Izique, C. “O relevo econômico do interior”. In: **Pesquisa Fapesp**, nº 197, julho de 2012 págs. 73 ss.

⁵¹ MOURÃO, P. F. C. Sudeste o “core” econômico em questão. In: **Geografia Econômica: Anais de Geografia Econômica e Social. Transformações regionais no Brasil**. UFSC. Florianópolis: Impressão no Departamento de Geociências, Abril de 2009 págs. 129 ss.

⁵² MAMIGONIAN, A. **A geografia urbano industrial-paulista e sua inserção nacional e internacional**. Projeto de pesquisa para o CNPQ. Processo nº 310830/2006-0 [mimeo].

Com relação aos nossos estudos de caso as “*Tendências de industrialização...*”, revelam “a presença do ramo de material de transportes é localizada e concentrada em apenas um município [da região centro-oeste] Botucatu” e nos “municípios ao longo da Rodovia Raposo Tavares, nas proximidades de Ourinhos e Assis, os ramos que mais se destacaram foram o de bebidas/destilarias de álcool combustível (33,6% do total do ramo [...]) e o alimentar (27,2%)⁵³”. Para o ramo de material de transportes o município de Botucatu foi beneficiado (10% da concentração industrial das empresas na sub-região centro-oeste) pela ampliação de importantes empresas: a **Caio Induscar** (Ônibus) e a **Indústria Aeronáutica Neiva S/A**. Botucatu também se destacou nos ramos alimentar (**Costa Pinto Indústria Alimentar**), madeira e produtos de matérias plásticas (ampliação de indústrias pré-existentes).

No caso de Ourinhos notabiliza-se o ramo alimentar: a **Indústria Zilo S/A** (Extração de Óleos); o município também recebeu importância nos sub-ramos de bebidas (**Indústria Aguardente Caninha Oncinha**).

Avaré ainda segundo o estudo acima mencionado recebeu importância nos ramos de madeira, vestuário e calçados e produtos de matérias plásticas (ampliação de indústrias pré-existentes).

Tanto a **Indústria Aeronáutica Neiva** em Botucatu, como a **Indústria de Aguardente Caninha Oncinha** de Ourinhos, além da menção “*ampliação de indústrias já pré-existent*” confirma que a interiorização da indústria no Estado de São Paulo se deu de maneira diferenciada conforme as necessidades de cada segmento industrial, afora conciliar a dinâmica socioeconômica interna de cada localidade. E, sobretudo não foi somente o resultado do processo de “deseconomias de aglomeração”, já que antes de tudo a dinâmica econômica se dá no interior das economias. Então, pode-se dizer que existe, sim, um dinamismo próprio do interior paulista.

Convém notar, inicialmente no Brasil a localização industrial reflete os acontecimentos da primeira etapa do processo de industrialização espontânea, que vai de fins do século XIX até aproximadamente 1930, sendo que esse tipo de industrialização espontânea se deu particularmente em São Paulo devido à imigração europeia, pela **pequena produção mercantil**. Historicamente, temos a indústria mecânica no interior paulista, máquinas para madeira (Cruaães), beneficiamento de cereais (D’Andrea, Zacacaria) em Limeira, máquinas

⁵³ SÃO PAULO (Estado) Secretária do Meio Ambiente. Coordenadoria de Planejamento Ambiental. **Tendências de Industrialização no Interior do Estado de São Paulo**. Coordenado por Francisco Mariani Guariba Neto. São Paulo, 1989 págs. 45 ss.

para usinas de açúcar em Piracicaba (Dedini) e Sertãozinho (Zaninni) e máquinas para beneficiar café e cereais em Pinhal (Federighi), etc⁵⁴.

Assim sendo, concordamos com T. M. Fresca quando aborda a dinâmica econômica da região sudeste e, sua importância como “área core” da economia nacional.

Além da transferência industrial ou desconcentração produtiva – que não é resultante apenas da reestruturação produtiva como se tem colocado – ocorreu a expansão da produção industrial de origem local/regional. Este é um ponto fundamental na presente análise. Havia e há uma capacidade de investimento e produção nos mais distintos lugares, mas que podem ou não ser realizadas. Isso se liga à capacidade de agentes locais, sejam eles representantes da elite ou não, em perceber e capturar processos gerais que permitam a realização de uma dada produção no lugar. Claro que este processo é contingencial. *E é neste percurso que se pode entender a força da pequena produção mercantil presente na formação sócioespacial brasileira. Isto é, a capacidade em termos técnicos, de buscar alternativas de investimentos, de perceber no sentido mais claro do termo, de implantar atividades produtivas que se tornam inclusive competitivas com aquela similar que havia e há na região metropolitana de São Paulo. Este é um ponto importante da análise, pois caso contrário, não se entenderá que a expansão da produção industrial nas outras Regiões brasileiras é apenas resultante da desconcentração industrial oriunda do Sudeste.* Se esta região está perdendo posição relativa e absoluta para trabalhadores e estabelecimentos indústrias, especialmente o estado de São Paulo, enquanto a Região Sul mais ganhou entre as duas datas consideradas, não é possível considerar que isto foi resultante apenas das transferências industriais. O norte do Paraná foi uma das áreas que recebeu muitas indústrias transferidas de São Paulo e de sua região metropolitana, diante dos qualitativos fatores de localização industrial como a Atlas Schindler, Pado, Hussmann/Termo King, Dixie Toga, Itap Bemmis, dentre outras (FRESCA, 2004). Contudo, parcela significativa da industrialização da área está ligada aos investimentos de origem local e regional, realizados em diversos setores como: moveleiro em Arapongas que tornou a cidade no quarto pólo moveleiro do Sul do Brasil; metalúrgico em Siqueira Campos com a Tork, maior indústria de peças para motos da América Latina; mecânica em Assaí com indústrias como a Jumbo e a Veipa, dentre outras; metalúrgico em Loanda, produzindo importante parcela da produção nacional de metais sanitários; de material de transporte com a Noma do Brasil; material elétrico – transformadores – com a Romagnole (SILVA, 2005), além é claro do importante setor agroindustrial⁵⁵ (grifos nossos).

⁵⁴ MAMIGONIAN, A. localização industrial no Brasil: notas metodológicas e exemplos. In: **Boletim paulista de Geografia**, nº 51, São Paulo, jun. 1976.

⁵⁵ FRESCA, T. M. O sudeste como “core” brasileiro: aspectos para a discussão. In: **Geografia Econômica: Anais de Geografia Econômica e Social**. Transformações regionais no Brasil. UFSC. Florianópolis: Impressão no Departamento de Geociências, Abril de 2009 págs. 120 ss.

CAPÍTULO II: INDUSTRIALIZAÇÃO DE BOTUCATU, AVARÉ E OURINHOS

II. 1. GÊNESE DAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS E O TIPO DE EVOLUÇÃO CAPITALISTA: A INDUSTRIALIZAÇÃO PAULISTA

Para Milton Santos

O interesse dos estudos sobre as FES está na possibilidade que tais estudos oferecem de permitir o conhecimento de uma sociedade na sua totalidade e nas suas frações, mas sempre como um conhecimento específico, percebido num dado momento de sua evolução. O estudo genético permite reconhecer, a partir de sua filiação, as similaridades entre FES; mas isso não é suficiente. É preciso definir a especificidade de cada formação, o que a distingue das outras, e, no interior da FES, a apreensão do particular como uma fração do todo, um momento do todo, assim como o todo reproduzido numa de suas frações. Nenhuma sociedade tem funções permanentes, nem um nível de forças produtivas fixo, nenhuma é marcada por formas definitivas de propriedade, de relações sociais. ‘Etapas no decorrer de um processo’, como Labriola as definiu, as FES não podem ser compreendidas senão no quadro de um movimento totalizador, no qual todos os seus elementos são variáveis que interagem e evoluem juntas, submetidas à lei do todo. A sociedade evolui sistematicamente, como ‘um organismo social coerente cujas leis sistêmicas [...] são leis supremas, a medida-padrão para todas as outras regularidades, mais específicas’ (V. Kusmin, 1974:72)⁵⁶ (grifos nossos).

Entre as correntes teóricas que analisam a economia brasileira em geral, e a industrialização em particular, nas esquerdas brasileiras três se destacam na luta ideológica: i) a teoria da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina – ONU) que tornou popular o termo “industrialização via substituição de importações”, e foi dominante entre 1955-1964; ii) a teoria da dependência, enfatizando a subordinação da industrialização aos interesses do centro do sistema capitalista; e a iii) a teoria dos ciclos econômicos, destacando o enorme dinamismo referente ao processo de acumulação capitalista brasileiro⁵⁷.

Já explicitamos nossa preferência pela perspectiva teórica que destaca a “causação interna ao sistema capitalista” e, o papel da pequena produção mercantil na dinâmica socioeconômica (processo de acumulação interna; industrialização via imigrantes, não pela via da oligarquia paulista). De fato, o ponto de partida são as relações sociais na cafeicultura, sobretudo as contradições e conflitos de interesses entre colonos e fazendeiros de café, uma

⁵⁶ SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2008 [1977] págs. 25 ss.

⁵⁷ MAMIGONIAN, A. Teorias sobre a industrialização brasileira. In: **Cadernos Geográficos/UFSC**. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geociências, nº 1, Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999.

ideia marxista que Maurice Dobb já havia desenvolvido para a Inglaterra e de forma mais explícita ao tratar da transição feudalismo-capitalismo.

A meu ver, é esta a conexão. Na medida em que os pequenos produtores conseguiram emancipação parcial da exploração feudal – talvez no começo um mero abrandamento (como a transição da renda-trabalho para a renda-dinheiro) – eles podiam guardar para si mesmo uma parte do produto excedente. Assim obtinham os meios e a motivação para melhorar o cultivo e ampliá-lo a áreas novas, o que incidentalmente serviu para aguçá-las ainda o antagonismo contra as restrições feudais. Assim se lançaram também as bases para alguma acumulação de capital no interior do próprio pequeno modo de produção, e portanto para o começo de um processo de diferenciação de classes no interior da economia de pequenos produtores – o conhecido processo, presenciado em várias épocas em lugares muito espalhados do mundo, no sentido da formação, por um lado, de uma camada superior de agricultores progressistas relativamente abastados (os kulaks da tradição russa) e, por outro, de uma camada de camponeses arruinados. Essa polarização social na aldeia (e, de maneira similar, nos artesanatos urbanos) preparou o caminho para a produção assalariada e, em decorrência, para as relações burguesas de produção. Foi assim que se formou o embrião das relações burguesas de produção no seio da antiga sociedade. O processo, porém, não amadureceu imediatamente. Levou tempo: na Inglaterra, alguns séculos. Nesse sentido, convém lembrar que, ao se referir à transição para o capitalismo e ao papel do capital mercantil, Marx falou da ascensão dos capitalistas oriundos das fileiras dos produtores como ‘a via realmente revolucionária’ de transição. Quando a mudança para os métodos burgueses de produção se inicia ‘de cima’, então o processo tende a interromper-se, e o velho modo de produção é conservado, ao invés de suplantado⁵⁸ (grifos nossos).

Aqui, torna-se necessário abrir um parêntese: se observarmos as frentes pioneiras do Estado de São Paulo, onde nossos estudos de caso estão inseridos, vamos perceber certas semelhanças no que concerne a “*acumulação de capital no interior do próprio pequeno modo de produção*” conforme M. Dobb e, “*da ascensão dos capitalistas oriundos das fileiras dos produtores como a ‘via revolucionária’ de transição*” da qual K. Marx faz referência. Nessas zonas pioneiras, caracterizadas pela abundância de terras e escassez de mão de obra, entre os colonos^{*} existia a possibilidade de desenvolver uma agricultura diversificada nos interstícios

⁵⁸ DOBB, M. Do feudalismo para o capitalismo. In: SWEEZY, P. e outros. **A transição do feudalismo para o capitalismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977 págs. 167 ss. Aliás, “Marx pôde fundamentar o método científico em História precisamente porque soube isolar de início os raciocínios ‘histórico-filosóficos’ sobre a ‘sociedade em geral’ e se propôs a dar somente uma análise científica de uma sociedade e de um progresso” Cf. Globot (1967:8, junho) *apud* SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2008 [1977] págs. 24 ss.

^{*} “[...] O que em São Paulo se denomina *colono* nada tem de comum com um pequeno proprietário rural; é apenas um trabalhador rural, munido de uma carteira que lhe é fornecida pela Hospedaria de Imigrantes, na qual consta um contrato de trabalho por um ano. Esse contrato estabelece que o trabalhador rural receberá uma certa quantia mensal para tratar de tantos milhares de pés de café; receberá ainda uma outra importância por dia trabalhado para o fazendeiro fora do cafezal, até um limite intransponível de número de dias por semana; na época da colheita, uma quantia proporcional à quantidade de café colhido, e, além disso, terá direito a fazer, para si, culturas intercalares no meio dos pés de café (no caso de o cafezal ser novo), ou numa área para esse fim designada pelo fazendeiro. O regime do colonato, embora complexo, foi capaz de atrair para o planalto paulista grandes massas de mão-de-obra estrangeira e nacional, que escapavam às condições econômicas e sociais geralmente difíceis dos seus lugares de origem. Ele teve, entretanto, uma série de consequências, das quais a mais importante foi esta: recebendo o agricultor um contrato anual, e não uma propriedade, não se radicou à

das plantações de café “Este fato leva também a explicar o desenvolvimento de outras culturas [...] que se desenvolvem paralelas à lavoura cafeeira, visando a própria subsistência dos colonos, que vendem no mercado o excedente da sua produção”⁵⁹ o que consequentemente originava uma fonte de acumulação. Quando ocorria o estrangulamento do comércio exterior, e a economia cafeeira entrava em crise, havia um processo de fragmentação das fazendas, isto é, os comandantes do complexo cafeeiro subdividiam suas propriedades que acabavam sendo adquiridas pelos colonos, assim, esses colonos, sobretudo imigrantes, gradativamente tornaram-se pequenos proprietários, concomitantemente ao empobrecimento dos fazendeiros, a cada crise de superprodução.

Diversos intelectuais perceberam esse fenômeno, para citar apenas alguns: Pierre Monbeig com relação “As zonas pioneiras de São Paulo” observa:

O abalo de 1929 havia sacudido a sociedade paulista fortemente demais, para que pudesse ela conservar a estrutura tradicional. Para o fazendeiro, o problema consistia em refazer-se e compensar as perdas [...] Naturalmente, já não era possível vender superfícies consideráveis e de extensão continua. Mas, não faltavam compradores de pequenas parcelas: uns eram imigrantes japoneses, outros, trabalhadores de plantações arruinadas, colonos que tinham sofrido menos que seus patrões com a crise e que podiam adquirir reduzidos lotes de terra virgem, vendidos a preços acessíveis [...] A segunda Guerra Mundial nada acarretou que pudesse frear a marcha dos pioneiros. Ao contrário, favoreceu ela a industrialização de São Paulo. Cresceu consideravelmente a população urbana. Para nutri-la, era necessários arroz, café, trigo, feijão, batatas, culturas fácieis para o desbravador, que delas retirava lucro imediato⁶⁰ (grifos nossos).

Orlando Valverde ao tratar da contribuição italiana na agricultura brasileira destaca:

Não era, portanto, para os três Estados mais meridionais que se ia dirigir o fluxo imigratório [de São Paulo]; tampouco o seria para o vale do Paraíba do Sul, cujas fazendas de café em decadência, devido ao esgotamento dos solos, receberam apenas um ‘golpe de misericórdia’ com a abolição da escravatura. Eram, desta vez, as novas fazendas do planalto paulista [...] A cultura intercalar representa uma grande economia de trabalho e de tempo para o colono: evita os constantes deslocamentos entre a casa, o cafezal e a lavoura de subsistência, como também, com uma só capina, ele trata do cafezal e da cultura intercalar. Por isso, as zonas

*terra; forma uma população instável que, uma vez terminada a colheita, em setembro, abandona na maioria a fazenda, à procura de melhores condições de trabalho. Estas condições são: melhor salário mensal; permissão para fazer culturas intercalares; depois da Primeira, e sobretudo da Segunda Guerra Mundial, possibilidades de emprego nas indústrias, e, por fim, aquisição de um lote em zonas novas, mais longe (Norte do Paraná, Alta Sorocabana, Alta Paulista etc.), ou mais perto da capital, em velhas fazendas desmembradas”. Cf. VALVERDE, O. A velha imigração italiana e sua influência na agricultura e na economia do Brasil. In: **Estudos de geografia agrária brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1984 págs. 94 ss (grifos nossos).*

⁵⁹ REIS GARCIA, L. B. dos. O Café na história de Botucatu. In: **Ciência Geográfica**, nº 03 – Abril 1996 págs. 18 ss.

⁶⁰ MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo, Hucitec e Polis, 1984 págs. 117 ss.

*novas, com fazendas em plena produção, constituem especial atrativo para os 'colonos'*⁶¹ (grifos nossos).

Maria T. Fresca ao estudar a dinâmica funcional da rede urbana do oeste paulista também relata o fato:

*A cafeicultura nunca foi uma monocultura em seu sentido mais puro. Ao lado da produção do café concorria o cultivo de produtos agrícolas alimentares. A instalação definitiva do trabalho assalariado nas fazendas, através da relação particular do colonato, produziu entre outros fatos, a possibilidade dos colonos cultivarem sua própria alimentação, descrita por HOLLOWAY como uma receita não monetária [...] a que mais interessa é a permissão dos fazendeiros aos colonos para cultivarem sua própria alimentação, principalmente milho, feijão, às vezes arroz, batata, etc. Desta permissão resulta a prática dos cultivos intercalares, ou seja, o cultivo de produtos em meio às ruas dos cafezais, permitindo que o mesmo tempo que o colono dispensava no cafezal pudesse ser usado para cuidar da sua roça, o que representava para ele economia de tempo. Neste sentido, os colonos não eram apenas trabalhadores assalariados, eram também pequenos produtores familiares no campo [...] Dessa forma, o dinheiro recebido pela venda destes produtos somavam-se às outras fontes de renda, o que era uma possibilidade a mais para acumular [...]. Enquanto os colonos prosseguiram com sua economia, os fazendeiros continuamente enfrentavam crises [...]. E dada as contingências que afetaram muitas dessas explorações, os fazendeiros, impossibilitados de resolverem suas crises financeiras de outra maneira, viram-se forçados a retalhar suas propriedades em pequenos e médios estabelecimentos. Muitos dos colonos instalados no estado paulista desde o último quarto do século XIX já haviam conseguido, através de sua pequena produção camponesa, acumular certa quantia de capital que poderia ser investida na aquisição de um pequeno lote possibilitando-lhes sua ascensão social [...]*⁶² (grifos nossos).

L. B. dos Reis Garcia quando aborda o desenvolvimento da economia cafeeira em Botucatu ressalta:

*Essas crises da cafeicultura levam ao desenvolvimento, na região estudada, de outras atividades, sobretudo a pecuária. E o reflexo dessa situação em Botucatu provoca a hipoteca de inúmeras propriedades a bancos e casas comissárias. Essas propriedades inclusive, são vendidas a outros proprietários ou aos próprios colonos imigrantes. Muitas passam também a ser exploradas através do sistema de parceria ou arrendamento*⁶³ (grifos nossos).

B. H. Alonso sobre a formação histórica de Ourinhos nota:

A existência de colonos e de sitiantes era grande nessa região, com a permanência de atividade de subsistência e pequena produção mercantil, que abasteciam as pequenas cidades. Cabe aqui tecer um parêntese para a explicação da ocupação de terras na área, contando com a existência de grandes fazendas, regime de colonato e sitiantes. Nesse contexto se encaixam a história de muitos imigrantes e fazendeiros

⁶¹ VALVERDE, O. A velha imigração italiana e sua influência na agricultura... op., cit. págs. 74 ss.

⁶² FRESCA, M. T. O processo de formação da rede urbana de Marília e sua dinâmica. In: **A dinâmica funcional da rede urbana do oeste paulista estudos de caso: Osvaldo Cruz e Inúbia Paulista**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 1990 págs. 17 ss.

⁶³ REIS GARCIA, L. B. dos. O Café na história..., op., cit. págs. 18 ss.

vindos de outras regiões. *Não é de estranhar, pois o loteamento de antigas fazendas para a venda era comum [...]. muitos colonos ascenderam nesse momento, atingindo o status de sitiantes; imigrantes já com alguma poupança formada, tornando-se fazendeiros; êxodo rumo às cidades para trabalhos urbanos etc. E também havia as populações tradicionais, sitiantes desde a época do início do desbravamento destes sertões. Ao lado do café despontava as culturas do milho, feijão, algodão e arroz*⁶⁴ (grifos nossos).

E, A. Mamigonian sobre a industrialização do Brasil.

Enquanto os fazendeiros de café declinavam em cada crise de superprodução, os colonos ascendiam economicamente. R. Soares Jr. (“Jorge Tibiriçá e sua época” CEDN, 1958) enfatizou que Jorge Tibiriçá conseguiu superar a crise do café de 1896-1901 produzindo e vendendo laticínios para os seus próprios colonos. *Muitos estudiosos não perceberam que a relação entre fazendeiros e colonos continha divergência de interesses, uma verdadeira luta de classes, que se manifestava a partir do momento em que os colonos se dirigiam às frentes pioneiras, mais novas do que as regiões já ocupadas, para onde eles preferiam ir, pois nelas havia abundância de terras e escassez de trabalhadores e por isto mesmo conquistaram o direito aos cultivos intercalares. A primeira Guerra Mundial marcou a virada na economia paulista, pois as exportações de café caíram de 46, 4 milhões de libras esterlinas em 1912 para 19,0 milhões em 1918 (P. Denis, “Amerique Du Sud”, A. Colin, 1927), arrastando muitos grandes fazendeiros à crise. Tudo indica que A. Silva Prado se desfez dos seus negócios industriais, como outros empresários em situação semelhante, para salvar suas fazendas de café. Acabou fazendo a opção errada e assim traçou o seu destino declinante. Ainda durante a guerra São Paulo tornou-se exportador de alimentos [...], conforme assinalou Demangeon (“Desenvolvimento econômico do Estado de São Paulo”, transcrição BG, nº 42). As produções de cereais eram realizadas principalmente pelos colonos de café e assim B. Giovannetti (“Esboço histórico da Alta Sorocabana”, Ver. Trib., 1943) pode dizer que ‘durante a conflagração europeia de 1914-18 as velhas regiões do Estado impossibilitadas de vender as colheitas cafeeiras a preços remuneradores, apresentava a extravagante anomalia econômico-financeira de fazendeiros empobrecidos e colonos enriquecidos; a alta dos preços dos cereais favoreceu sobremaneira aquela situação’. Assim, nas conjunturas de crises do café, os fazendeiros das áreas velhas foram obrigados a lotear parcial ou totalmente suas terras, adquiridas pelos colonos, como em Piracicaba, segundo N. L. Müller (“Bairros rurais do município de Piracicaba”, BPG, nº 43, 1966)*⁶⁵ (grifos nossos).

Em outras palavras, a transição das relações fundamentais de produção, seguem determinadas leis, não de forma arbitrária, mas seguindo certa lógica, não à toa enfatizava Marx, as relações de produção atual guardam os germes das relações de produção futura, mesmo que ainda tenham dentro de si elementos do modo de produção anterior ou como demonstrou Rangel em relação à **tese da dualidade**: “[...] sobre economia brasileira, parto da

⁶⁴ ALONSO, B. H. **Breves considerações sobre a formação do espaço rural da região de Ourinhos (SP)**. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Ourinhos (SP): Universidade Estadual Paulista, 2014 págs. 36 ss.

⁶⁵ MAMIGONIAN, A. **A geografia urbano industrial-paulista e sua inserção nacional e internacional**. Projeto de pesquisa para o CNPQ. Processo nº 310830/2006-0 [mimeo].

historicidade das leis em ciência [...]. Mas é preciso compreender [...] que suas verdades nem são universais nem eternas. São *verdades* enquanto se referem a essa fase”⁶⁶.

Destarte, de degrau em degrau, escalonadamente, passamos de uma economia natural para uma dinâmica economia industrial, sempre conforme o **atual estágio de desenvolvimento das nossas forças produtivas e das nossas relações de produção**. Aliás, como ressalta Rangel, cada volta no parafuso cíclico, muda à face do país, pois os interesses estabelecidos pela formação do novo pacto de poder que foram beneficiados pelo desenvolvimento das forças produtivas, não permitirá a volta às condições anteriores, formalizadas na antiga dualidade. Por conseguinte;

Do mesmo modo como as fases B alternam-se com as fases A dos ciclos longos, o motor primário da economia, ora era a produção de exportações, ora a substituição de importações, mas essa repetição era mais aparente do que real, uma vez que, *a cada novo ciclo, mudava o modo de produção, como reflexo do novo estágio de desenvolvimento das forças produtivas. Assim, se as condições mundiais nos facultarem a possibilidade de um período de crescimento para fora, esse será diferente do anterior à Grande depressão, visto que será a continuação da industrialização começada como substituição de importações*⁶⁷ (grifos nossos).

Assim sendo:

[...] respectivamente nos períodos depressivos e expansivos da acumulação capitalista interna, o Brasil construiu a economia industrial mais dinâmica, complexa e estruturada da América Latina, conseguindo em sucessivos ciclos econômicos juglarianos brasileiros passar dos bens de consumo simples (anos 30), aos bens intermediários (anos 40), bens de consumo duráveis (anos 50) até os bens de equipamentos pesados (anos 70). Este último setor foi constituído de empresas estatais (GE, ABB). A marcha forçada da economia nos anos 70, liderada pelos militares nacionalistas, provocou um enorme endividamento do governo brasileiro, que investiu em infra-estruturas e empréstimos estrangeiros e depois empréstimos internos. Paralelamente os investimentos em infra-estruturas (Ferrovia do Aço, usinas de eletricidade, rodovias, portos etc.) foram paralisados, constituindo gigantescos nós-de-estrangulamento econômicos, enquanto as indústrias mecânicas ficaram sem encomendas e fortemente ociosas. Desde 1980 o Brasil vive a crise acima descrita, de maneira prolonga e perigosa, mas ela pode ser superada, no interesse dos trabalhadores e da nação pela ligação econômico-financeira entre ociosidades e estrangulamentos, que provocará a retomada do crescimento econômico e a consequente sanidade financeira do Estado e sua possibilidade de realizar políticas públicas, sobretudo a distribuição de lotes rurais para milhões de bóia-frias e lotes urbanos para milhões de sem-teto nas cidades, mudando a estrutura do mercado de trabalho e do nível de renda⁶⁸.

⁶⁶ RANGEL, I. Dualidade básica da economia brasileira. In: _____. **Obras reunidas**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1955] págs. 289 ss.

⁶⁷ RANGEL, I. Ciclo, tecnologia e crescimento. In: _____. **Obras reunidas**. Vol. II. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1969-1981] págs. 264 ss.

⁶⁸ MAMIGONIAN, A. A América Latina e a economia mundial: notas sobre os casos chileno, mexicano e brasileiro. In: **Geosul**, Florianópolis, vol. 14, nº 28, págs. 139-151, jul./dez. 1999.

O desenvolvimento econômico nos estudos de caso e nos ramos industriais analisados seguiu, excetuando-se determinadas ocorrências, o que demonstra a evolução do capitalismo e a história da industrialização brasileira, isto é, na sua gênese Botucatu, Avaré e Ourinhos estavam associadas a uma “economia de subsistência”, depois à cafeicultura e seguiram paulatinamente em direção a uma economia mais diversificada; o fato de certas atividades industriais terem surgido em períodos distintos é um indício desta diversificação. Evidentemente, esta diversidade reflete as particularidades de cada localidade e os diferentes tipos de industrialização. Desta forma, o aparecimento e posterior desenvolvimento dessas atividades seguiram, de maneira geral, as transformações da economia nacional e suas políticas econômicas, aliadas, às características internas da nossa Formação Econômica e Social.

Remontando a história do processo de industrialização no Estado de São Paulo, vamos perceber a presença de “capitalistas sem capital”^{*} pequenas iniciativas, sobretudo de imigrantes (europeus, asiáticos entre outros) que traziam de suas regiões de origem algum tipo de experiência empresarial, comercial e/ou industrial⁶⁹, visto como “Em casos numericamente não descoráveis, a precariedade dos recursos financeiros pôde ser contrabalançada pelo fato de o imigrante portar uma bagagem técnica especializada, em particular setor da atividade

^{*} Expressão oral de Ernesto Stodieck Júnior, diretor-gerente da Empresa Industrial Garcia S/A; conforme registrado por A. Mamigonian sobre a Industrialização de Blumenau no Estado de Santa Catarina.

⁶⁹ “[...] São estes países que adquirem uma estrutura econômico-social comparável à dos países capitalistas mais antigos, enquanto todos os países nos quais continuam predominando a população nativa não conseguem desenvolver o capitalismo além de poucas zonas e de alguns setores. Isto não é devido, naturalmente, à ‘superioridade da raça branca’, a única que seria capaz de aprender a desenvolver as técnicas produtivas modernas. Isto se deve simplesmente ao fato de que no Canadá, Austrália, Nova Zelândia, o capital – como relação social – não está obstaculizado na sua implantação por relações pré-capitalistas ou por uma estrutura que havia sido distorcida pelo comércio precedente. Nas colônias de povoamento, ao contrário, as relações capitalistas se inserem numa estrutura preparada para recebê-las. Trata-se de uma estrutura mercantil que tem como eixo a propriedade privada e que, graças às contínuas migrações, atenua também os sofrimentos da expropriação dos produtores-proprietários. A colonização branca povoa o país de pessoas já dotadas daquele mínimo de cultura que se torna indispensável ao desenvolvimento capitalista, sem que seja imprescindível a formação de uma força de trabalho qualificada às expensas do capital, sem necessidade, portanto, de desperdiçar capital em atividade não imediata ou diretamente produtiva. Sobre a base de tais combinações é possível o desenvolvimento de uma mentalidade ‘empresarial’ não obstaculizada pela combinação de relações capitalistas puras e relações não-capitalistas, não limitadas pela presença de uma camada de ‘compradores’ ligados apenas passivamente ao capitalismo, nem tão pouco vinculados à ‘tutela’ de uma camada exploradora nativa” MARX: História crítica da teoria da mais valia *apud* MAMIGONIAN, A. O processo de industrialização em São Paulo. In: **Boletim Paulista de Geografia**, nº 50, São Paulo, mar. 1976 págs. 89 ss. (grifos nossos).

fabril [...]. Não há como não reconhecer, também, que em determinados casos trata-se de ‘self made-man’ [...] que construíram ‘impérios’ econômico-financeiros”⁷⁰.

Ora, muito se tem discutido sobre o processo de industrialização paulista, principalmente no que tange ao desenvolvimento da economia cafeeira. De modo rudimentar pode-se dizer que essa visão busca salientar o fato de a industrialização brasileira dever-se a transferência de capitais e empresários do café para a indústria, notadamente, após a crise de 1929⁷¹. No entanto, como esclarece J. S. Martins.

As diferentes interpretações sobre o papel desempenhado pela substituição de importações na industrialização brasileira tem em comum a idéia de um mercado interno estreitamente vinculado às exportações. Em outras palavras, a economia de exportação teria sido inteiramente responsável pelo aparecimento do mercado ou, dizendo de outro modo ainda, o mercado teria sido uma função das exportações. Entretanto, tendo em conta essa linha de reflexão, não fica absolutamente clara a origem da indústria. *Particularmente, não se pode entender como a indústria cresceu fora dos períodos de crise no setor exportador. O importante a notar é que, para explicar a substituição de importações nos períodos críticos do café, os autores referem-se ao fato de que a indústria veio socorrer a economia, substituindo importações; mas ocorre que essa indústria já existia.* Dessa constatação decorrem duas posições. Uma formulada por mim no estudo sobre a industrialização através do caso Matarazzo e que está fundada numa ampla pesquisa empírica que envolveu diversos grupos econômicos pioneiros: *é a de que a indústria brasileira não surgiu no próprio corpo das relações imediatamente produzidas pelo comércio de produtos coloniais, como o café, mas sim nos interstícios dessas relações, à margem e contra o circuito de trocas estabelecido pelos importadores. Assim, a gênese da indústria brasileira não deve ser buscada nas oscilações da economia do café, na alternância de períodos de crise e falta de crise. Na verdade, o aparecimento da indústria está vinculado a um complexo de relações e produtos que não pode ser reduzido ao binômio café-indústria.* É nesse plano que se pode dizer que é improvável a hipótese de que a indústria brasileira já nasceu como grande empresa, formulada por Sérgio Silva (p. 91). A indústria de 1907 já era indústria consolidada e é nos dados do censo industrial desse ano que aquele autor funda a sua conclusão. *Na verdade, os principais grupos econômicos, os que se tornaram grandes depois, surgiram no último quarto do século XIX. E praticamente todos eles nasceram para substituir a produção artesanal e doméstica ou a produção em pequena escala disseminadas por um pequeno número de pequenos estabelecimentos tanto na capital quanto no interior. Aliás, a indústria em São Paulo nasceu distribuída por quase todos os*

⁷⁰ PETRONE, P. A influência da imigração italiana nas origens da industrialização brasileira. In: **Orientação**. São Paulo: Departamento de Geografia – FFLCH/USP, 1990 págs. 88 ss.

⁷¹ **Entre os autores que enfatizam a dinâmica do complexo cafeeiro destacamos:** CANO, Wilson. Raízes da concentração industrial em São Paulo. 4ª Ed. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1998; SILVA, S. Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil. São Paulo, Alfa – Ômega, 1976 entre outros. **Observação:** “[...] Na verdade, nos anos de 1950-60, a preocupação principal dos pesquisadores era definir o papel dos fazendeiros de café e dos imigrantes estrangeiros radicados em São Paulo na economia cafeeira como empresários pioneiros do processo de industrialização. F. H. Cardoso (‘Condições sociais da industrialização de São Paulo’, Rev. Brasiliense, 1960), entre outros, decidiu-se pelos fazendeiros de café, mas L. C. Bresser-Pereira, após exaustiva enquete entre as grandes empresas paulistas (‘Origens étnicas e sociais do empresariado paulista’, ERA, 1964) demonstrou claramente o papel decisivo dos imigrantes, desde os comerciantes de export-import (Zerrenner e Von Bülow, por exemplo) até modestos ferreiros (Bardella, por exemplo). É interessante lembrar que os fazendeiros de café derrubados do poder central pela Revolução de 30, continuaram ainda importantes na política paulista e tinham seus porta-vozes entre os intelectuais”. MAMIGONIAN, A. A geografia urbano industrial-paulista e sua inserção nacional e internacional. Projeto de pesquisa para o CNPQ. Processo nº 310830/2006-0 [mimeo].

municípios da província. Só depois do “Ensilhamento” é que passou a concentra-se na capital e nuns poucos municípios importantes do interior, o que completou um processo iniciado com a expansão das ferrovias⁷² (grifos nossos).

O desenvolvimento da economia cafeeira possibilitou: i) ampliação do mercado interno (artigos importados); ii) construção de estradas de ferro; iii) implantação da energia elétrica; e iv) sistema bancário. Contudo, convém lembrar que toda essa estrutura organizacional fazia parte, na economia cafeeira, do seu “mundo especializado”. J. R. de Araújo Filho ao analisar a importância da economia cafeeira para a evolução do Estado de São Paulo destaca “[...] há pouco mais de um século, as terras de São Paulo apresentavam-se de modo bem diverso [...] Foi preciso que o café – riqueza que já levará ao apogeu econômico a Província fluminense e trechos de Minas Gerais e que já existia em desenvolvimento no vale do Paraíba Paulista – penetrasse o oeste de São Paulo [...] para que, de fato, se iniciasse uma arrancada continua do desenvolvimento paulista [...]”⁷³.

Entretanto, numa economia de exportação que instiga o consumo de artigos industriais importados não gera automaticamente mecanismos de substituição de importações; a exportação da borracha na Amazônia ou de cacau do sul da Bahia não provocou nenhuma industrialização significativa⁷⁴.

Como já dito, para entender o processo de industrialização paulista deve-se considerar o papel da pequena produção mercantil na dinâmica socioeconômica, ou seja, industrialização via imigrantes e não pela via da oligarquia paulista. Conforme as observações de A. Mamigonian a sociedade tradicional paulista como existia no século XIX era constituída por fazendeiros latifundiários, classe média de funcionários civis e militares e população escrava; essa sociedade assim constituída não tinha condições de se autossuperar e, promover o desenvolvimento industrial. Deste modo, os imigrantes europeus, asiáticos e de outras nacionalidades que vieram para o país inseriam-se como: i) trabalhadores nas fazendas da aristocracia; ii) pequenos negociantes artesanais; e iii) grandes comerciantes⁷⁵. Ainda segundo A. Mamigonian:

[...] na verdade podemos dizer que a parte principal da industrialização paulista na sua primeira fase (até a 1ª Guerra Mundial) processou-se no interior da ‘sociedade’

⁷² MARTINS, J. **O cativo da terra**. 8ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2004 págs. 106 ss.

⁷³ ARAÚJO FILHO, J. R. de .O Café em São Paulo. In: **Boletim Paulista de Geografia**, nº 50, São Paulo, mar. 1976 págs. 59 ss.

⁷⁴ MAMIGONIAN, A. Notas sobre o processo de industrialização no Brasil. In: **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 págs. Tese (Livre docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004 [1969].

⁷⁵ MAMIGONIAN, A. O processo de industrialização em São Paulo...

emigrante. Se os estímulos provocados pela expansão do café não encontraram condições sociais favoráveis (espírito de iniciativa generalizado, consumo difundido, etc.) na sociedade latifundiária-escravista, ocorreu o oposto entre os europeus. Os colonos de café tornaram-se o principal e mais sólido mercado consumidor da indústria paulista [...] Enquanto os trabalhadores escravos das fazendas de café andavam descalços, os colonos europeus que os substituíram usavam botinas 'rigideiras', primeiro mercado da indústria de calçados de Franca, onde sapateiros italianos imigrantes como J. Palermo e S. Spessoto tiraram proveito das condições favoráveis. Grandes consumidores de alimentos, como massas, banha de porco, salamarias, chocolates, etc., os imigrantes estimularam a produção de chocolates (Falchi), refinação de açúcar (Morganti), bem como massas alimentícias na capital paulista (Secchi, Quaranta, Christofani, etc.), que permitiram a implantação de um grande moinho de trigo em 1900 (Matarazzo), logo seguido de outros. Os capitais iniciais necessários aos empreendimentos, foram freqüentemente modestos. Mesmo F. Matarazzo antes de se tornar importador de farinha de trigo, foi um pequeno comerciante em Sorocaba. Grande parte dos empresários imigrantes eram inicialmente 'capitalistas sem capital' para usar a feliz expressão de E. STODIEK JR⁷⁶ (grifos nossos).

L. C. Bresser-Pereira no texto “*Origens étnicas e sociais do empresariado paulista*” constata que dos 204 empresários estudados 172 (84,3%) eram de origem imigrante: Italianos, Alemães, Portugueses, Libaneses, etc. enquanto somente 8 (3,9%) eram originários da antiga aristocracia rural brasileira “paulistas de quatrocentos anos”. Ou seja, o ponto de partida do processo de industrialização paulista esteve diretamente relacionado à presença de inúmeros e modestos empresários, na sua maioria imigrantes⁷⁷. A indústria no Estado de São Paulo, aproximadamente entre 1880 a 1914 baseou-se, principalmente no mercado paulista, mas dadas as características do processo de implantação e do mercado regional, gradativamente, a indústria paulista foi sobressaindo-se e conquistando mercados regionais (Rio de Janeiro, Nordeste, etc.) conquista essa facilitada pelo desenvolvimento de ferrovias e posteriormente dos transportes rodoviários⁷⁸. Corroborando para isso podemos afirmar:

De 1919 até 1930, percebe-se que num primeiro momento, a participação da indústria era reduzida, numa etapa em que esta atividade estava começando no Brasil de forma descentralizada. Com todos os processos históricos que vão ocorrendo nas várias economias regionais brasileiras, o complexo cafeeiro acaba gerando condições favoráveis ao desenvolvimento de indústrias em São Paulo. Em 1929, o Estado já assume a maior parte da produção industrial do país [...]. Entre 1930 e 1970, a indústria vai ter a mais alta taxa de crescimento, reduzindo do PIB industrial nacional a participação dos demais estados, acentuando o processo de concentração, que atinge o ponto máximo em 1970 [...]. Contribuíram para isso, além das condições materiais existentes em São Paulo, geradas pela cultura cafeeira, a própria imigração, como apontam vários estudos, inclusive do Professor Armen, que mostra a importância dos imigrantes, bem como sua mão-de-obra livre

⁷⁶ MAMIGONIAN, A. O processo de industrialização..., op. cit., págs. 91 ss.

⁷⁷ BRESSER-PEREIRA, L. C. **Origens étnicas e sociais do empresariado paulista**. Revista Adm. Empr., Junho, 1960 *apud* MAMIGONIAN, A. Notas sobre o processo de industrialização no Brasil. In: **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 págs. Tese (Livre docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004 [1969].

⁷⁸ MAMIGONIAN, A. O processo de industrialização...

para montar todo o processo dinâmico de industrialização. A diversificação da indústria e da agricultura (uma economia mercantil-agrícola) vai gerar infra-estruturas para os setores de transporte, financeiro e comercial, dando melhores condições matérias para São Paulo concentrar atividades industriais. Os transportes vão facilitar tal fato à medida que começa o processo de integração nacional, no qual os produtos paulistas irão destruir iniciativas industriais em outras áreas periféricas. Em um segundo momento, a partir da década de 1970 até 1985, inicia-se um processo de desconcentração. Neste período a desconcentração vai ser praticamente um projeto do governo nacional [...]. O segundo período, época de Geisel, foi decisivo na política de governo, pois atenuou a concentração, que apresentava uma série de sinais de saturação, começando com aquilo que os economistas gostam de chamar de ‘deseconomias de aglomeração’⁷⁹ (grifos nossos).

Cabe ressaltar, ao estudar a gênese das atividades industriais e o tipo de evolução capitalista no nordeste do Estado de Santa Catarina Marcos A. da Silva apoiando-se em Marx e Lênin assinala que para compreender corretamente a questão é preciso partir dos grandes tipos de Formação Econômico Social, isto é:

Seguindo as formulações de Lênin a esse respeito, podemos dizer que as formas de transição se agrupam segundo dois grandes tipos, cuja concentração geográfica numa ou noutra área define, pois, as formações regionais individualizadas por diferentes histórias de acumulação capitalista. Com efeito, o processo pode se fazer segundo uma via prussiana, onde a grande fazenda latifundiária ‘se transforma numa fazenda burguesa, Jünker, condenando os camponeses a decênios inteiros... (de) expropriação e... jugo...’; mas também do tipo norte-americano, marcado pelo domínio do ‘camponês, que passa a ser o agente exclusivo da agricultura e vai evoluindo até converte-se no granjeiro capitalista [...]. Ora, é por demais evidente que, de maneira geral, a história brasileira, marcada por vários séculos de trabalho compulsório e estrutura latifundiária jamais liquidada por uma evolução agrária [...] seguiu tipicamente um modelo prussiano de desenvolvimento capitalista. Todavia, seria uma simplificação insistir que esse processo se tenha realizado sem nenhuma imbricação com relações econômicas-sociais mais complexas [...]. Daí a formação de economias não satelizadas, mas de poderosa dinâmica interna, bem como, a presença de tantos capitalistas self made men [...]. Os empresários do setor de equipamentos elétrico por nós estudados correspondem bem ao padrão aqui traçado de capitalistas oriundos de baixo (das fileiras dos produtores diretos) com grandes possibilidades de ascensão no interior de uma economia pujante. Eles não raro herdaram habilidades profissionais da família, que posteriormente aperfeiçoadas no trabalho como operários para diversas industriais regionais, permitiram o estabelecimento de pequenas oficinas que as economias de aglomeração local fizeram crescer. Estão neste caso os exemplos de Werner Voigt, Geraldo Weminghaus (grupo Weg-Jaraguá do Sul) e Heinz R. Kohlbach (Kohlbach Motores- Jaraguá do Sul), mas de alguma forma se pode dizer o mesmo para o caso de Eggon J. da Silva (Weg), filho de um professor que teve um rico aprendizado como empregado de serviços administrativos (o exemplo dos quadros de escritório) na economia urbana local (trabalhou em cartório e agência bancária) até ingressar como sócio-gerente da pequena firma de escapamentos de João Wiest.⁸⁰ (grifos nossos).

⁷⁹ MOURÃO, P. F. C. Sudeste o “core” econômico em questão. In: **Geografia Econômica: Anais de Geografia Econômica e Social. Transformações regionais no Brasil**. UFSC. Florianópolis: Impressão no Departamento de Geociências, Abril de 2009 págs. 128 ss.

⁸⁰ SILVA, M. A. As origens da burguesia industrial e o tipo de evolução capitalista no nordeste catarinense (uma nota crítica). In: **Geosul**, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 101-111, jul./dez. 1999.

Gostaríamos de acrescentar, além do que já foi exposto, certas características concernentes ao empresariado e suas especificidades apoiando-se na argumentação de J. Schumpeter sobre as origens dos capitalistas industriais, o processo de acumulação de capital se da fundamentalmente na capacidade de inovação dos agentes econômicos, a “destruição criativa”⁸¹. Entretanto, no caso brasileiro, as ideias schumpeterianas apresentam certas especificações.

Retomando a ideia de **Dualidade**, a economia e a sociedade brasileiras são conduzidas pela coalizão de duas classes hegemônicas que constituirão o pacto fundamental de poder “[...] cada estágio do nosso desenvolvimento, duas formações sociais ocupam posições marcantes: uma em posição hegemônica; outra em posição subalterna [...] no processo de transição [...] a posição hegemônica passa a ser ocupada por uma variante da anterior formação subalterna”⁸², assim, chega-se ao poder com uma determinada força e a partir de um certo momento como sócio prioritário, muitas vezes sem ter noção, está se perdendo força econômica, mas têm força política “Embora na condição de sócio menor, a classe dos empresários industriais brasileiros – imensamente fortalecida [...] tolera a presença dos setores mais arcaicos da classe dos comerciantes da qual emergiu como grupo especial. Com efeito, se bem que com crescente impaciência ela suporta a hegemonia ideológica desse grupo arcaico, deixa que os seus ideólogos ocupem posições de comando no aparelho do Estado, num estranho contrato social em que o processo de industrialização é conduzido por homens que professam sua descrença na indústria nacional e que, muitas vezes, sustentam ser ela um erro e um crime. Não obstante, sob a pressão dos fatos, o processo de industrialização avança, em parte graças à incapacidade dos ideólogos do setor arcaico sobrevivente da velha classe dos comerciantes de compreender as leis que governam aquele processo. Através dos seus sucessivos equívocos, a vida impõe os seus direitos e vão surgindo, ainda que desordenadamente, as novas instituições, correspondentes à nova problemática”⁸³.

⁸¹ **De acordo com J. Schumpeter** “Em nove casos em dez, uma inteligência e uma energia acima do normal são as responsáveis pelo êxito industrial e, em particular, pela fundação de posições industriais”. SHUMPETER, Joseph A. Capitalismo, socialismo e democracia. Trad. Sérgio G. de Paula. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984, p. 33 *apud* SILVA, M. A. As origens da burguesia industrial e o tipo de evolução capitalista no nordeste catarinense... op. cit., págs. 102 ss.

⁸² RANGEL, I. 500 anos de desenvolvimento da América e do Brasil. In: **GEOSUL**, nº 15, ano VII, 1º semestre de 1993 págs. 10 ss.

⁸³ RANGEL, I. A dinâmica da dualidade brasileira. In: _____. **Obras reunidas**. Vol. II. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1962] pág. 557. **Interessante notar que Pierre Monbeig também aponta essa dinâmica contraditória das classes sociais em relação aos cafeicultores.** “[...] Em século e meio de cultura cafeeira, malgrado algumas pausas bruscas, a euforia comercial contribuiu para a formação de fortunas muito sólidas [...] Aliás, a agricultura não era a única fonte de recursos dos fazendeiros [...] Alguns eram mesmo comerciantes enriquecidos, que tinham passado a empreender uma agricultura essencialmente comercial [...] A riqueza, os laços com a corte, a política, impeliram os grandes fazendeiros a relações de negócio e a uma vida mundana que

Portanto, em relação às particularidades do empresariado nacional e, ao atual pacto de poder, podemos adicionar comparado com o anterior:

[...] esses latifundiários nacionalistas alavancaram a indústria brasileira. Os industriais eram os sócios secundários. Tanto que em [19]32, na revolução constitucionista, os industriais aderiam. Quer dizer, um bando de ignorantes. Eles não sabiam que a revolução constitucionista contra o Getúlio [Vargas] seria contra eles. Aí o Roberto Simonsen foi obrigado a sair, mas logo voltou. Ora, agora quando terminou o governo do Fernando Henrique [Cardoso], houve um novo fato, digamos inusitado. Assim como em [19]30 um latifundiário, um estancieiro, foi o pai da industrialização brasileira, agora, sem que os industriais tivessem consciência disso, precisou de um [Luís Ignácio] Lula [da Silva], que sai do movimento operário, para que eles pudessem ser novamente alavancados. Eu costumo dizer que *os industriais brasileiros são extremamente competentes e extremamente agressivos do ponto de vista empresarial. Mas são absolutamente covardes, medrosos, incompetentes do ponto de vista político*. Por exemplo, o Antônio Ermírio de Moraes se preparou para ser governador de São Paulo? Não se preparou coisa nenhuma. De repente ele botou na cabeça que ia ser governador. Então, o Lula acabou sendo o representante dos interesses nacionais, que interessam tanto à classe operária quanto a burguesia brasileira. Mas ele chega aí e essa coisa está dominada pelo neoliberalismo. É obrigado a engolir, por exemplo, o Banco Central. Ele já poderia ter pressionado o Banco Central há mais tempo [...] mas o Banco Central é o imperialismo dentro do governo. *Quer dizer, o pacto de poder em 1990 eliminou a burguesia industrial. Então, neoliberalismo, abre a economia, destrói uma série de empresas. Essa burguesia incompetente do ponto de vista político precisava de um governo de esquerda, de centro-esquerda. E esse governo tem desempenhado esse papel, mas não conseguiu desalojar o imperialismo americano do governo, que está dentro que é o Banco Central. O Banco Central não pode ser controlado pelo sistema financeiro. Tem de ser controlado pelo Estado brasileiro, tendo em vista os interesses nacionais, os interesses dos trabalhadores, da criação de emprego [...]*⁸⁴ (grifos nossos).

os punham em contato com os europeus: com os representantes diplomáticos, os financistas e os pequenos comerciantes do Rio de Janeiro, primeiramente; com a própria Europa em seguida. Estavam eles, pois, a par das transformações econômicas e das revoluções políticas da Inglaterra, da França, da Itália e da Alemanha. Era normal que procurassem inspirar-se nelas ou delas tirar partido [...] *Nem todos os fazendeiros partilhavam dessa prosperidade, nem dessa maneira de pensar. Mais de um, nas regiões montanhosas entre Rio e São Paulo, ou no interior de São Paulo, compravam-se em não comprara nada, a não ser 'o sal e a pólvora': seus domínios lhes forneciam não somente o restante, mas também um excedente exportável. Eram tais homens firmemente aferrados às tradições de uma vida frugal, sem brilho, mas também sem misérias; como a que tinham vivido os paulistas desde o declínio das bandeiras até o advento do café. Assim, os plantadores de cana de Itu queriam ater-se 'a uma espécie de feudalidade favorável às grandes virtudes'. Inquietava-os a chegada de estrangeiros ao seu círculo. Mas a necessidade dita a lei e esses sobreviventes de uma época extinta acabaram por aderir ao movimento moderno. Renunciaram à velha cultura da cana, também plantaram cafeeiros, partiram para o oeste em busca de novas terras. A tal ponto se desprenderam do passado, que foram os mais ardentes em reclamar a abolição da escravatura e em combater o Império claudicante. Assim, não se introduziu uma cultura nova, sem que se fizesse uma revolução na sociedade rural paulista. Como cultura comercial, a do café contribuía para se formasse uma classe numericamente reduzida, mas econômica e financeiramente onipotente; desferia uma chicotada nos homens mais apegados ao passado. A essa cultura nova, correspondiam novos modos de pensar. A sociedade dos ricos fazendeiros, os do 'oeste' ainda mais que os do 'norte', tirava sua força da sua dupla origem, rural e mercantil ao mesmo tempo; a riqueza e o espírito de empreendimento. Soube ela utilizar essas duas forças, para aproveitar-se das ocasiões que se lhe ofereciam e enfrentar audazmente as dificuldades*". MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo...**, op., cit. págs. 96 ss. (grifos nossos).

⁸⁴ MAMIGONIAN, A. "Esta é a segunda crise depressiva de ciclo longo". Fundação Maurício Grabois; Junho de 2010. Depoimento a Osvaldo Bertolino [mimeo].

Para um maior entendimento da dinâmica econômica em nossos estudos de caso é necessário analisar sua *formação histórica e as origens das atividades industriais*.

II. 1. 2. AS ZONAS PIONEIRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO: OS PRIMÓRDIOS DA OCUPAÇÃO DAS TERRAS EM BOTUCATU, AVARÉ E OURINHOS

Para Pierre Monbeig

Atualmente é preciso ir muito longe, para atingir a frente do povoamento. Mas, na sua retaguarda, tudo lembra um passado ainda recente. Espanta-se o europeu, quando ouve chamar de ‘velha’ uma cidade como Ribeirão Preto, que não conta três quartos de século; custa-lhe compreender que ‘outrora’ significa 1910 e mesmo 1920, se o seu interlocutor é um homem moço. Tudo se passa como se este país conhecesse em setenta anos, um século no máximo, o que se levou milênios para fazer na Europa. E certamente é isso: nascimento e formação da paisagem rural, fundação e crescimento das cidades, construção duma rede de comunicações, mistura de raças, elaboração de uma mentalidade regional, tal o imenso trabalho que ainda prosseguia, aos nossos olhos.* Em sua forma atual, a ‘marcha para o oeste’ é essencialmente paulista e continua a sê-lo, mesmo ao penetrar territórios de outros Estados, porque não somente o impulso é dado por São Paulo, como a maior parte dos homens provêm desse Estado e as relações econômicas se fazem sobretudo com São Paulo e Santos⁸⁵ (grifos nossos).

Os primórdios da ocupação das terras na região de Botucatu, Avaré e Ourinhos se dá a partir da vinda de contingentes populacionais das Minas Gerais⁸⁶. Tanto Pierre Monbeig⁸⁷

* Não podemos deixar de perceber aqui certos traços em comum sobre a *contemporaneidade do não coetâneo* “[...] Já observou alguém que o Brasil é um país no qual se pode estudar a história universal simplesmente viajando do litoral para o interior. À medida que avançamos, instituições similares às que caracterizaram, em outras épocas, os países mais avançados, vão-nos aparecendo, às vezes, vivas e florescentes. Houve quem pretendesse explicar a história do Brasil como importação de formas e culturas estrangeiras, sem atentar para o fato de que realmente vamos construindo um edifício original e que, se aqui ressurgem institutos de outras eras que a história clássica registra, a única razão disso está em que a história da civilização não é nem milagre nem acaso. Paulatinamente se criam aqui condições semelhantes às que deram origem, em seu tempo, a determinados institutos – se bem que em forma modificada pela coexistência com institutos não coetâneos, pelos menos do ponto de vista da história clássica – e, quando isso acontece, recoremos ao patrimônio clássico onde o reflexo ideal daqueles institutos está consagrado – na literatura, na ciência e na arte. Nosso trabalho consiste, em grande parte, em combinar essas peças de cultura importadas com outras igualmente importadas mas não coetâneas com elas em vista da dualidade básica de nossa sociedade, como de nossa economia. Dessa combinação resulta um edifício original”. RANGEL, I. Dualidade básica da economia brasileira. In: _____. **Obras reunidas**. Vol. I. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1957] págs. 299 ss.

⁸⁵ MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo, Hucitec e Polis, 1984 págs. 23 ss.

⁸⁶ **Certamente, a contribuição dos mineiros na Frente de Expansão dos sertões paulistas foi considerável. Entretanto, devemos considerar que não foi à única, principalmente no que se refere à ocupação do território** “[...] A primeira tentativa de povoamento no vale do Paranapanema ocorreu no início do século XVII, com a fundação das missões de jesuítas espanhóis com o intuito de reunir e catequizar os índios guaranis. Esta área se encontrava sob domínio territorial espanhol. Esse esboço de povoamento não teve, no entanto, vida longa, pois no fim do século XVII as missões haviam sido destruídas pelos bandeirantes paulistas (Muller, 1956; 69/70)”. BRAY, SILVIO C. Os primeiros povoadores e a posse da terra no Vale do Paranapanema. In: **Bol. de Geografia** – UEM – Ano 5 – nº 1 – Março, 1987 págs. 05 ss. **Pierre Monbeig fez excelente trabalho sobre os**

quanto Diores Santos Abreu⁸⁸ citam o nome do mineiro José Teodoro de Souza como um dos precursores que vieram desbravar os Sertões do Paranapanema (ou simplesmente Vale do Paranapanema, que abrange toda área do rio homônimo, desde Sorocaba e Botucatu até o Rio Paraná)⁸⁹. Ao analisarmos a historiografia podemos apreender a importância desse movimento migratório, em relação à Avaré “Em 1849, saiu de Pouso Alegre, cidade ao Sul de Minas, o capitão Tito Corrêa de Melo, agricultor e rábula, que compara umas terras de cultura em Botucatu. Foi êsse mineiro que teve a idéia de desbravar o imenso sertão que ia até o rio Paraná [...] Entre os mineiros que atenderam ao convite [...] estava o famoso caboclo José Teodoro de Souza, sitiante em Pouso Alegre [...]. E foi no vale do rio ‘Abaré-i’ o primeiro local visado pelos ‘posseiros’ vindos de Pouso Alegre”⁹⁰. No caso de Ourinhos “[...] as terras que deram origem ao município faziam parte anteriormente do vasto território ‘conquistado’ por José Teodoro de Souza”⁹¹. Em Botucatu temos os relatos de Pierre Monbeig “Foi igualmente obra da gente de Minas, a tentativa de penetração nos campos de Avanhandava. Sua avançada foi ainda mais sensível no espigão que separa a bacia do Paranapanema da do rio do Peixe. Em 1850, a cidade mais importante nessa direção era Botucatu”⁹².

precursores que habitavam “nas matas dos planaltos ocidentais”, os índios mais exatamente os Tupis-Guaranis também designados como Caingúá ou Cayúa entre outras ramificações da nação Jê. Gostaríamos de acrescentar a participação dos jesuítas ao que concerne a Botucatu “[...] Um fato de extrema importância para o conhecimento dessa extensa área vai ser, no século XVIII, a doação de sesmarias a capitães-mores de Itú, Sorocaba, Porto Feliz e, também, aos padres jesuítas. Estes últimos, atuando na área como sesmeiros, vão exercer um papel muito importante para o reconhecimento de terras até então abandonadas e sem qualquer título de propriedade, assim como dão início à formação de uma fazenda no Alto da Serra de Botucatu [...]. Os jesuítas não são os primeiros a chegar à região, mas cabe a eles o papel de primeiros povoadores e colonizadores. Foram eles os primeiros a ocupar efetivamente a área, dedicando-se exclusivamente a criação de gado muars [...]. Os jesuítas permaneceram na região até por volta de 1760, quando ocorre o seqüestro de suas propriedades e bens, decretada pela Metrópole Portuguesa [...]. A retirada dos jesuítas da região vem significar o seu completo abandono até o ano de 1776, quando o sesmeiro Simão Barbosa Franco dá início à fundação da povoação de Botucatu [...]”. REIS GARCIA, L. B. dos. Os caminhos que conduzem Botucatu e a organização do espaço urbano. *In: Ciência Geográfica*, nº 05 – Dezembro 1996 págs. 13 ss.

⁸⁷ MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo, Hucitec e Polis, 1984.

⁸⁸ ABREU, D. S. Os Medeiros: uma família pioneira na ocupação do sertão do Paranapanema. *In: Recortes*. Presidente Prudente: Impress, 1997.

⁸⁹ ALONSO, B. H. **Breves considerações sobre a formação do espaço rural da região de Ourinhos (SP)**. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Ourinhos (SP): Universidade Estadual Paulista, 2014 págs. 30 ss.

⁹⁰ **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Volume XXIX. Rio de Janeiro, edição do IBGE, 1957 págs. 99 ss.

⁹¹ ARAÚJO, D. F. de.; CUNHA, F. L. da. A ocupação da terra na formação do município de Ourinhos/SP. *In: Revista Geografia e Pesquisa*, Ourinhos, v. 5, nº 1, págs. 39-58 ss.

⁹² MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**... op., cit., págs. 134 ss.

Ilustração: O Vale do Rio Paranapanema em 1886.

Fonte: Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo – Theodoro Sampaio, 1886. *Apud* BRAY, SILVIO C. Os primeiros povoadores e a posse da terra no Vale do Paranapanema. *In: Bol. de Geografia* – UEM – Ano 5 – nº 1 – Março, 1987 págs. 06 ss.

É interessante salientar alguns aspectos desse processo de ocupação pioneiro. Primeiro a crise da província das Minas Gerais acarretada pela decadência da mineração, perturbações políticas como a insurgência de 1842, a Guerra do Paraguai de 1864-1870, etc. Todo esse conjunto de acontecimentos fez com que boa parte dos mineiros preferisse correr riscos desbravando os sertões a ter que se sujeitar ao alistamento militar e, a escassez de recursos materiais⁹³, além disso, “[...] Outro fator que parece explicar a entrada das famílias mineiras no sudoeste paulista é o crescimento demográfico e a partilha das propriedades pelas heranças sucessivas que diminuía as áreas das fazendas aquém daquele mínimo que a criação de gado extensiva necessitava. Na ânsia de mais terras para criar o gado, só restava aos mineiros a ocupação dos amplos espaços que o Vale do Paranapanema oferecia em condições convenientes [...]”⁹⁴. Também é importante destacar que na região das Minas Gerais desenvolveu-se uma economia de subsistência (já demonstramos alguns aspectos dessa economia quando abordamos a “**substituição natural de importações**”), economia essa fundamental para a efetivação dos mineiros quando de sua chegada às zonas pioneiras.

Igualmente, quando se iniciou a partir de meados do século XVIII a fase de decadência da extração do ouro em Minas Gerais, ocorreu um sólido processo de substituição de importações, que foi dando origem à ‘fazenda mineira’, caracterizada por uma policultura agrária extremamente variada, além de forte auto-suficiência artesanal. Por isto mesmo o Marquês do Lavradio, em 1779, salientava ‘a independência com que os povos de Minas se tinham posto dos gêneros da Europa, estabelecendo a maior parte dos particulares, nas suas próprias fazendas, fábricas e teares, com que se vestiam a si e à sua família e escravatura, fazendo panos e estopa e diferentes outras drogas de linho e algodão, e ainda de lã. Este mesmo processo ocorreu em menores proporções nas áreas de mineração de Mato Grosso e Goiás, como assinalaram os viajantes estrangeiros, permitindo o aparecimento de um setor de subsistência muito diversificado, em diferentes regiões brasileiras [...]’⁹⁵ (grifos nossos).

⁹³ MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo, Hucitec e Polis, 1984.

⁹⁴ ABREU, D. S. Os Medeiros: uma família pioneira na ocupação do sertão do Paranapanema. In: **Recortes**. Presidente Prudente: Impress, 1997 págs. 63 ss.

⁹⁵ MAMIGONIAN, A. Teorias sobre a industrialização brasileira. In: **Cadernos Geográficos/UFSC**. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geociências, nº 1, Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999 págs. 33 ss. **Gostaríamos aqui de destacar a contribuição de Dióres Santos Abreu; ao relatar a saga da família Medeiros este autor faz importante relato sobre o tipo de economia desenvolvida pelos povos das Minas Gerais** “[...] As terras que haviam adquirido eram de matas e campos. A mata era evitada por causa dos índios, que a habitavam e de onde hostilizavam os brancos. Desta forma, os campos com suas aguadas eram utilizados para a criação de gado vacum e suínos e para a lavoura de subsistência: feijão, milho, arroz, batata, banana, mandioca, café e cana de açúcar. A produção era para o gasto complementada com a carne de vaca, de porco e de caça. Os Medeiros, embora também tivessem porcos, preferiam a criação de gado bovino, continuando a tradição familiar trazida de Minas Gerais. Os animais eram soltos no campo, aproveitando pastos naturais ou os sapezeiros, vegetação nascida em terras que tinham sido de matas queimadas pelos índios [...]. A vida simples e trabalhosa [...] se preenchia também com outros cuidados realizados em casa. Tecido grosseiro para roupas de trabalho e cobertores e colchas eram feitos na roca e no tear primitivos. Colchões eram feitos de palha de milho; preparavam azeite de mamona, gordura de vaca ou de porco para alimentar as lamparinas. Produziam açúcar mascavo. Utilizavam o pilão para bater farinhas e para beneficiar o café e o arroz. As doenças e os ferimentos eram cuidados com remédios caseiros [...]. O trabalho cotidiano prendia os Medeiros nos seus

Outro aspecto essencial no processo de ocupação pioneira é a Lei de Terras de 1850.

A Lei de terras de 1850 revalidou as sesmarias concedidas até 1822, ratificou as ocupações e legitimou diretamente as aquisições por compra de terras até então simplesmente possuídas, fossem posses propriamente ditas, fossem sesmarias caducas. Entre as condições de revalidação das sesmarias e de ratificação das posses impunha-se a existência, na terra pretendida, de cultura efetiva ou de princípio de cultura efetiva. Desta maneira, a lei sancionada, dentro de certas condições, todas as formas de aquisição de terras existentes até então: por concessão governamental (sesmarias) e por ocupação (posse) e por compra. Todas as demais terras, à exceção das que se encontravam aplicadas em algum uso público, eram consideradas devolutas. No que se referia ao futuro, a Lei de 1850, pelo seu artigo 1º, vedava a aquisição de terras devolutas por qualquer título que não o da compra. Era o fim legal das ocupações que até então o costume reconhecia ou, mesmo, o poder público indiretamente legitimava. O artigo 14 da Lei fazia do governo imperial o vendedor das terras devolutas e fixava um preço mínimo para elas superior – na época – ao das terras particulares⁹⁶.

campos e raramente iam as povoações. As saídas se restringiam às obrigações religiosas ou cívicas (eleições) [...]”. ABREU, D. S. Os Medeiros: uma família pioneira na ocupação do sertão do Paranapanema. *In: Recortes. Presidente Prudente: Impress, 1997* págs. 67 ss. **Ao redigir “As zonas pioneiras do Brasil” Léo H. Waibel escreve** “Quando se analisa a estrutura econômica das zonas pioneiras [...] no Brasil, o colono nos primeiros anos de trabalho na mata adota o sistema da queimada e da rotação de terras e planta com o emprego da enxada, sobretudo milho, feijão e abóbora com que engorda porcos. Com exceção da criação de porcos, este sistema foi inteiramente adotado por índios, e isto porque é um sistema muito simples, barato e em poucos meses já permite obter alimentos para toda a família de pioneiros. Este sistema, porém, tem a desvantagem de não ligar o colono à sua terra e este é o principal motivo porque ele muda frequentemente de propriedade”. WAIBEL, L. H. As zonas pioneiras do Brasil. *In: Revista Brasileira de Geografia*, nº 4. Rio de Janeiro: IBGE, 1955 págs. 27 ss. **Pierre Monbieg resume a contribuição das Minas Gerais na Frente Pioneira da seguinte forma:** “[...] À diferença do povoamento índio, essa fase mineira teve consequências diretas e fortes sobre a grande vaga do café. Malgrado tudo que distingue esses criadores de gado dos seus sucessores imediatos, os plantadores, aqueles abriram a estes os caminhos, inaugurando os espigões; suas estradas vieram a ser seguidas; os núcleos de povoamento que fundaram serviram de ponto de apoio e a prática da pecuária pioneira jamais desapareceu completamente. Por outro lado, os mineiros deixaram descendência: seus filhos puderam reencetar o avanço, à aproximação dos plantadores de café, como fizeram em Ribeirão Preto, em São Pedro do Turvo e em Campos Novos; constituíram, portanto, as famílias tradicionais da zona pioneira [...]. Quando se divisa uma plantação de fumo ou uma bela criação de porcos, pode-se apostar, sem excesso de risco, que esse pioneiro é de Minas. Mas, não demorou ele sentir-se paulista; é o que lhe fazem ver, no caso de ele regressar à vila natal, para ali arrastar os amigos e seguir-lhe o exemplo: logo o chamam o ‘paulista’. Seus filhos e netos estiveram entre os paulistas mais agressivos”. MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo, Hucitec e Polis, 1984 págs. 137 ss.

⁹⁶ SALLUM Jr., B. (1982). **Capitalismo e Cafeicultura: Oeste Paulista 1888-1930**. São Paulo, Duas Cidades. *Apud* REIS GARCIA, L. B. dos. O Café na história de Botucatu. *In: Ciência Geográfica*, nº 03 – Abril de 1996 págs. 16 ss.

Mesmo com as restrições impostas pela Lei de Terras de 1850, as autoridades fizeram “vista grossa” à letra da lei com o intuito de não interromper o processo de povoamento⁹⁷. Assim sendo, quando os plantadores de café, em fins do século XIX e início do século XX, começaram a penetrar no Vale do Paranapanema, encontraram uma rede urbana organizando-se, certos núcleos urbanos servindo como pontos de apoio as plantações, estradas abertas, além é claro, da economia de subsistência desenvolvida pelos mineiros e da posse da terra pelas “aguadas”^{*}. Para os fazendeiros recém-chegados com a marcha do café, os mineiros constituíam um obstáculo para a posse da terra; obstáculo contornado por meio de negociações, grilagem ou simplesmente pela expulsão dos antigos moradores⁹⁸. Conforme as observações de S. Bray.

[...] A frente pioneira do café no sertão do Paranapanema, nas primeiras décadas do século XX, vai estabelecer uma nova paisagem (onde as áreas de matas vão desaparecendo pouco a pouco e os cafezais novos vão se ampliando), e uma nova organização agrária vai se superpondo-se à ocupação mineira do século XIX. *Esta nova força (formada e consolidada através das velhas e organizadas fazendas de café do leste) caracterizou a frente pioneira do sertão do Paranapanema, numa migração contínua de nacionais e estrangeiros (fazendeiros e colonos), alterando a malha fundiária anterior. Com a penetração dos plantadores de café, grileiros e especuladores no sertão do Paranapanema, a primitiva malha fundiária (constituída em aguadas) estabelecida pelos povoadores mineiros, desmembrou-se e implantou-se a forma das fazendas tradicionais de café [...]*⁹⁹ (grifos nossos).

Desta breve explicação, sobre a ocupação das terras nas frentes pioneiras paulistas, limitar-nos-emos a acrescentar mais algumas observações referentes à fundação das cidades.

De acordo com Pierre Monbeig a fundação das cidades ou dos patrimônios tinha como objetivo fundamental fornecer ao povoamento rural e, sobretudo aos pequenos lavradores os seus quadros urbanos; as aglomerações urbanas utilizavam os cruzamentos, estradas que serviam aos loteamentos rurais, para deixar a agricultura e estabelecer um pequeno povoado, deixando os vales e indo alojar-se nos espigões abrindo estabelecimentos comerciais onde são vendidos principalmente gêneros alimentares. Para Pierre Monbeig alguns pequenos

⁹⁷ **Dióres Santos Abreu** escreve “[...] A rigor, as terras no Sertão do Paranapanema nunca foram legalmente de ninguém. José Teodoro de Souza, João da Silva Oliveira e Francisco de Paula Moraes realizaram posses depois de 1850, no que estavam impelidos pela Lei de Terras daquele ano. Assim, esses três mineiros venderam terras que não eram suas por lei. E o governo, talvez tenha legalizado uma outra propriedade dos sertanistas que vieram depois, fazendo vistas grossas ao rigor da letra da lei, em atenção à ocupação efetiva do que vinha realizando em benefício do desbravamento do oeste paulista [...]”. ABREU, D. S. Os Medeiros: uma família pioneira na ocupação do sertão do Paranapanema. In: **Recortes**. Presidente Prudente: Imprensa, 1997 págs. 72 ss.

^{*} **Segundo Pierre Monbeig “aguadas” eram terras compreendidas entre duas linhas de espigões, correspondendo a uma pequena bacia hidrográfica.**

⁹⁸ MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**, Hucitec e Polis, 1984.

⁹⁹ BRAY, SILVIO C. Os primeiros povoadores e a posse da terra no Vale do Paranapanema. In: **Bol. de Geografia** – UEM – Ano 5 – nº 1 – Março, 1987 págs. 16 ss.

estabelecimentos são capazes de satisfazer uma clientela diminuta composta por diminutos loteamentos locais, mas não conseguem agradar centenas de famílias de sitiantes instalados por grandes companhias de colonização. Por isso, a instalação de caminhos, era indispensável para as funções urbanas, assim como para o sitiante produtor de artigos comercializáveis. Escreve o autor “[...] *Basta comparar duas estações ferroviárias vizinhas, como as de Aguapeí e Lavínia para avaliar a relação estreita que existe entre o sitiante e a aglomeração. Aguapeí, contornada por grandes propriedades, consta de uma estação, uma só grande construção que abriga uma máquina de descaroçar algodão e algumas pequenas lojas, frequentadas aos domingos pelos colonos das fazendas. Lavínia, ao contrário, é uma verdadeira pequena cidade ativa e próspera, que não parou de crescer depois da inauguração da estrada de ferro. É um centro de pequenas propriedades e os pioneiros simples têm necessidade de uma praça de comércio para vender e para aprovisionarem-se*”¹⁰⁰.

Esta observação assinalada por Pierre Monebig ajuda a compreender a **força da pequena produção mercantil na dinâmica socioeconômica**, uma vez que nas áreas contornadas por grandes propriedades não havia uma economia pujante capaz de sustentar pequenos núcleos comerciais originários de iniciativas locais *diferentemente* das áreas pautadas pela pequena propriedade policultora, no artesanato e no pequeno comércio.

Já nos referimos ao tipo de evolução capitalista e assinalamos o fato de que existem formações sociais individualizadas através de diferentes histórias de acumulação capitalista, essas formações vão dar origem a diversos tipos de economias cada uma com sua própria dinâmica interna. Em relação à industrialização paulista constata-se a presença de capitalista *sefl-made-man*, originários das fileiras dos produtores diretos com grandes possibilidades de ascensão como vimos em relação ao regime de colonato e da qual Pierre Monbeig também menciona. Maria Graciana E. de D. Vieira & Raquel M. F. do Amaral Pereira ao estudar a pequena produção mercantil no sul do Brasil demonstram:

No caso de São Paulo, a industrialização, tal como nos estados sulinos, se deve igualmente ao dinamismo da pequena produção mercantil de colonos imigrantes inseridos na estrutura cafeeira, pois, como destaca Mamigonian, as relações de trabalho no interior das grandes fazendas de café lhes dava o direito de realizar cultivos intercalares (milho, feijão, arroz), cujos os excedentes eram comercializados nos núcleos urbanos, permitindo uma acumulação. *Certamente, a presença destes pequenos produtores não se restringe ao mundo rural, ocorrendo nas pequenas cidades através de oficinas artesanais, incrementando desta forma o mercado interno e a divisão social do trabalho, gênese da via dos produtores na transição*

¹⁰⁰ MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**, Hucitec e Polis, 1984 págs. 235 ss.

para o capitalismo (Marx, 1979; Dobb, 1976; Mamigonian, 1969, 1976). Tal interpretação contraria a corrente que atribui a origem da industrialização brasileira aos capitais e empresários originários da própria cafeicultura. Esta é uma ‘falsa idéia’, assim como a das multinacionais, ou mesmo a da iniciativa estatal [...] ¹⁰¹ (grifos nossos).

Por conseguinte podemos afirmar:

[...] Assim, nas conjunturas de crises cafeeiras, os fazendeiros das áreas velhas foram obrigados a lotear parcial ou totalmente suas terras, adquiridas pelos colonos, como em Piracicaba, segundo N. L. Müller (“Bairros rurais do município de Piracicaba”, BPG, nº 43, 1966). Por outro lado muitos colonos das áreas velhas da Mogiana, por exemplo, adquiriram terras em matas nas áreas novas do oeste paulista, como a Alta Sorocabana, a Alta Paulista, a Alta Mogiana, etc. *Estas mudanças na estrutura agrária repercutiram rapidamente nas cidades. O café nas áreas de grandes fazendas sofriam beneficiamento nas próprias fazendas, sem passar pelas cidades, enquanto nas novas regiões cafeeiras de pequenas propriedades o café passou a ser beneficiado por comerciantes urbanos, que instalavam máquinas que somadas a outros negócios (escritórios de contabilidade, agências bancárias, comércio de máquinas agrícolas, etc.) levavam a multiplicação de pequenas cidades, que acabaram crescendo mas não existiam nas regiões de grande fazendas. Foi nascendo assim uma nova rede urbana, ligada à ascensão dos imigrantes, ao aumento da riqueza e a uma maior divisão social do trabalho. Isto se manifesta, por exemplo, na maior dimensão e complexidade das capitais regionais paulistas (Bauru, Ribeirão Preto, Rio Preto e outras)* ¹⁰² (grifos nossos).

Outro fator importante para a consolidação de núcleos urbanos foi à implantação de ferrovias ligadas à expansão da economia cafeeira. Em relação aos nossos estudos de caso não podemos deixar de mencionar a importância da *Estrada de Ferro Sorocabana*. Para J. Del Rios:

[...] A Sorocabana foi a primeira estrada de ferro a explorar o interior paulista mais profundo, desempenhando papel econômico vital como meio de transporte do café, fator de valorização das terras e de formação de centros urbanos [...] A Sorocabana nasceu no dia 2 de fevereiro de 1890, em Sorocaba, durante reunião na casa do húngaro Luiz Matheus Maylasky. Fazendeiros, financistas e exportadores tinham que escoar a produção de café e algodão para o porto de Santos. Para isso, precisavam de um ramal que ligasse a cidade à *The São Paulo Railway Co. Ltda.*, criada em 1855 para ligar Santos a Jundiaí. Houve um projeto inicial de um ramal único para Sorocaba e Itu, mas a divergência de interesses econômicos e políticos entre as cidades levou ao impasse. Da pendência surgiram duas ferrovias, a duas ferrovias, a *Ituana*, em 1873, e a *Sorocabana*, em 1875 ¹⁰³ (grifos nossos).

¹⁰¹ VIEIRA, M. G. E. de D.; PEREIRA, M. F. do A. Latifúndio pastoril e pequena produção mercantil: o caso do Brasil subtropical. In: **Transformações regionais no Brasil**. Geografia econômica: anais de Geografia econômica e social. UFSC, 2009 págs. 185 ss.

¹⁰² MAMIGONIAN, A. A **geografia urbano industrial-paulista e sua inserção nacional e internacional**. Projeto de pesquisa para o CNPQ. Processo nº 310830/2006-0 [mimeo].

¹⁰³ DEL RIOS, J. **Ourinhos memórias de uma cidade paulista**. Ourinhos, SP: Prefeitura Municipal, 1992 págs. 90 ss.

Em Avaré temos o seguinte registro histórico “[...] A desejada ferrovia chegou à cidade em 31 de março de 1895 e trouxe o ambicioso desenvolvimento no final do século XIX”¹⁰⁴. No que concerne Ourinhos “A estação de Ourinhos [...] deverá servir à riquíssima zona cafeeira de Jacarezinho, no Estado do Paraná [...] e será de grande importância comercial e industrial, além de seu alto valor estratégico [...]”¹⁰⁵. E no município de Botucatu ver-se “Tão grande o interesse da Sorocabana nesse prolongamento que aceitou do governo realizá-lo, sem a garantia costumeira dos juros com que o Estado encorajava iniciativas pioneiras daquela ordem. A 25 de setembro, 1882, obteve permissão para levar seus trens a Botucatu. Estava ganha a etapa inicial da conquista do oeste paulista”¹⁰⁶.

Não é nossa intenção descrever pormenorizadamente todo o processo de ocupação pioneira, mas sim indicar que o processo em questão vai transformando-se gradualmente. Isto é, a transição de uma economia natural, logo seguida de uma economia agroexportadora, baseada na cafeicultura, numa dinâmica economia industrial nascida dos interstícios da produção cafeeira; pois conforme ensina Lênin o desenvolvimento das relações capitalistas gradualmente dissolve as arcaicas relações de produção provocando alterações nas relações sociais e nas forças produtivas, sempre no sentido de transformar a antiga produção natural para a pequena produção mercantil e esta num estágio posterior em produção capitalista propriamente dita¹⁰⁷.

¹⁰⁴ SILVA JÚNIOR, G. T. da. **Avaré: terra do verde, da água e do sol**. São Paulo: Noovha América, 2007 págs. 27 ss.

¹⁰⁵ Relatório da Comissão de Prolongamentos e Desenvolvimento da Sorocabana *apud* DEL RIOS, J. **Ourinhos memórias de uma cidade paulista**. Ourinhos, SP: Prefeitura Municipal, 1992 págs. 23 ss.

¹⁰⁶ DONATO, H. **Achegas para a história de Botucatu**. 3ª ed. reescrita. Botucatu, São Paulo: Banco Sudameris e Prefeitura Municipal de Botucatu, 1985 págs. 280 ss.

¹⁰⁷ “[...] Portanto, a economia capitalista não podia surgir subitamente, nem a corvéia podia desaparecer de repente. O único sistema econômico possível era, pois, um sistema de transição, combinando e associando traços da corvéia e do sistema capitalista. E são precisamente esses traços que caracterizam de fato a estrutura da economia latifundiária após a reforma. Apesar de uma diversidade infinita de formas, própria de uma época de transição, a organização da economia latifundiária reduz-se atualmente a dois sistemas básicos em combinações as mais variadas: o sistema de pagamento em trabalho e o sistema capitalista. O sistema de pagamento em trabalho consiste em que os camponeses das vizinhas trabalham a terra com seus próprios instrumentos, sendo que a forma de pagamento não muda a essência desse sistema (seja em dinheiro, quando são contratados por tarefa; em espécie, quando se trata de parceria; em terras ou servidões, quando se trata de pagamento em trabalho no sentido estrito da expressão). Trata-se de um remanescente direto da corvéia cujas características, acima enumeradas, se aplicam quase inteiramente ao sistema de pagamento em trabalho (excetuando-se apenas o fato de que numa das formas da corvéia, ou seja, nos contratos de trabalho por tarefa, o pagamento em espécie é substituído pelo pagamento em dinheiro). O sistema capitalista consiste na contratação de trabalhadores (por ano, temporada, dia etc.) que cultivam a terra com os instrumentos do dono. Na realidade, esses dois sistemas se entrelaçam da forma mais variada e bizarra: a maioria dos latifundiários recorre a ambos, empregando-os em operações econômicas diferentes. É perfeitamente natural que a combinação de sistemas tão heterogêneos e mesmo opostos resulte, na prática, numa série de contradições e conflitos extremamente profundos e complexos, que ocasionam a ruína de um grande número de proprietários. Esse fenômeno é típico dos períodos de transição. LÊNIN, V. I. A passagem da agricultura baseada na corvéia para a capitalista”. *In: O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria*. São Paulo:

Assim sendo, L. B. dos Reis Garcia ao tratar da urbanização de Botucatu enfatiza “Portanto, o período proposto para análise engloba o urbano que se redefine com o processo de industrialização que vai se implantar em Botucatu, em decorrência do fluxo migratório para a lavoura do café. A cidade torna-se o centro burocrático e o centro do aparelho produtivo. *O processo de urbanização impõe um certo padrão de acumulação responsável por um tipo específico de urbanização. Vê-se, portanto, o urbano se constituindo e a industrialização se concentrando não nas grandes indústrias produtoras de bens de consumo, mas sim, num padrão específico de acumulação centrado nas pequenas oficinas de fundo de quintal e nas pequenas indústrias manufatureiras tanto produtoras de bens de consumo como de bens de produção*”¹⁰⁸. B. H. Alonso sobre a formação da região de Ourinhos põe em evidência “Em nossa região [...] *onde o desenvolvimento da divisão social do trabalho era pouco, estando no que podemos designar como transição entre renda natural (autoconsumo) e pequena produção mercantil. Nesse momento de ocupação pioneiras os agricultores se ajeitavam numa limitada produção agrícola e na pequena produção mercantil de criação de animais [...]*”¹⁰⁹. Já em Avaré registra-se que as primeiras iniciativas industriais eram constituídas de “[...] máquinas de beneficiar café e os primitivos engenhos de açúcar [...] sendo os principais a fábrica de Tecidos Nossa Senhora das Dores e Laticínios Noroeste Ltda., várias fábricas de calçados e olerias [...]”¹¹⁰.

Abril Cultural, 1982 págs. 125 ss. **Observação:** Marx em *O Capital, Livro I* e, M. Dobb *A evolução do capitalismo* também abordam a questão, aliás, Lênin têm como base os ensinamentos de Karl Marx.

¹⁰⁸ REIS GARCIA, L. B. dos. Os caminhos que conduzem Botucatu e a organização do espaço urbano. In: **Ciência Geográfica**, nº 03 – Dezembro 1996 págs. 12 ss (grifos nossos).

¹⁰⁹ ALONSO, B. H. **Breves considerações sobre a formação do espaço rural...**, op., cit, págs. 32 ss (grifos nossos).

¹¹⁰ **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Volume XXIX. Rio de Janeiro, edição do IBGE, 1957 págs. 102 ss.

Ilustração: A colonização do Vale do Paranapanema.

Fonte: BRAY, SILVIO C. Os primeiros povoadores e a posse da terra no Vale do Paranapanema. In: **Bol. de Geografia** – UEM – Ano 5 – nº 1 – Março, 1987 págs. 17 ss.

II. 1. 2. 1. GÊNESE E EVOLUÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO EM BOTUCATU

A colonização de Botucatu deu-se a partir de 1721. Em 1766 foi inaugurada a capela de “Nossa Senhora das Dores de Cima da Serra”, onde, provavelmente, está localizada a cidade. No ano de 1830, intensifica-se o afluxo de criadores e lavradores vindos de Sorocaba, Itapetininga e Tiête. Num primeiro momento, as atividades agropecuárias deram impulso ao processo de colonização, mas as incertezas intrínsecas à época dificultaram a efetiva ocupação do território¹¹¹. Progressivamente, a afluência de imigrantes atraídos pela expansão da economia cafeeira no oeste do Estado possibilitou a transformação de Botucatu num centro regional. Conforme as observações de L. B. dos Reis Garcia:

O progresso torna-se visível em todos os setores. Novas fazendas são abertas. Cria-se condições para que a terra se transforme numa mercadoria e sua abundância se torne relativa para os grandes capitais gerados nas antigas zonas cafeeiras. Esses são paulatinamente deslocados para essas zonas de expansão, onde o café já começa a ser cultivado [...]. A cidade de Botucatu passa a polarizar as atividades urbanas da região, tornando-se um centro de abastecimento de bens de consumo. Surgem os primeiros bancos, depósitos, armazéns e casas comissionárias e o café começa a despontar como o produto da região. Em 1870, a população de botucatuense já é expressiva. A constante chegada de novos moradores leva ao aumento da cidade. Muitos vêm dos sertões de Minas Gerais, outros do Rio e São Paulo [...]. Muito contribui o incentivo nacional à migração, fazendo com que grande contingente de italianos, portugueses e sírios procurem Botucatu para fixar moradia. O aumento populacional reflete-se no comércio, que deixa de ser pequeno, tornando-se ativo e movimentado. As casas comerciais transformam-se num ponto de abastecimento para a cidade e para o sertão. Ampliam os seus estoques de mercadorias e passam a vender de tudo, desde alfinetes até sacarias, perfumarias, armas e munições, bebidas, armarinhos, fazendas, calçados, ferragens e gêneros de toda sorte, ativando as transações bancárias e as das casas comissionárias. É também nesse período (década de 70) que o complexo cafeeiro atinge definitivamente a região de Botucatu. Este fato dá um impulso maior às atividades urbanas, pois, ‘em 1876, Botucatu já conta com doze estabelecimentos de fazendas e armarinhos, 9 armazéns de molhados, 2 padarias, 3 farmácias, 3 hotéis, 3 alfaiatarias, 4 ferrarias, 1 ourivesaria e 2 selarias’ (Donato, 1954). O café leva Botucatu a se integrar no processo de expansão econômica da cafeeira no Estado de São Paulo, ganhando efetivamente importância como destacado centro urbano¹¹² (grifos nossos).

Tanto Hernâni Donato¹¹³, Armando M. Delmanto¹¹⁴, quanto L. B. dos Reis Garcia¹¹⁵ consideram os imigrantes, sobretudo os italianos como os pioneiros da industrialização em

¹¹¹ **Enciclopédia dos Municípios...**, op. cit., págs. 158 ss.

¹¹² REIS GARCIA, L. B. dos. Os caminhos que conduzem Botucatu e a organização do espaço urbano. In: **Ciência Geográfica**, nº 05 – Dezembro 1996 págs. 14 ss.

¹¹³ DONATO, H. Achegas para a história de Botucatu. 3ª ed. reescrita. Botucatu, São Paulo: Banco Sudameris e Prefeitura Municipal de Botucatu, 1985.

¹¹⁴ DELMANTO, A. M. Ciclos Industriais. In: **Memórias de Botucatu**. Edição da vanguarda de Botucatu, 1995.

¹¹⁵ REIS GARCIA, L. B. dos. O café na história de Botucatu. In: **Ciência Geográfica**, nº 03 – Abril de 1996.

Botucatu. Nomes como os de: Petrarca Bacchi, Virgínio Lunardi, Aleixo Varoli, Atílio Losi, Pedro Delmanto, Pedro Stefanini, Antônio Michelucci, Adeodato Faconti, João Pescatori, Felipe di Sanctis, Serafim Blasi, Eugênio Monteferrante, Ângelo Milanesi, João Spencieri e Palleóge Guimarães destacaram-se na origem, consolidação e futura ampliação da indústria botucatuense.

Hernâni Donato, ao analisar a historiografia botucatuense, faz importante levantamento sobre as origens dos empreendimentos industriais, enfatizando, notadamente a dinâmica do empresariado. De acordo com este autor:

O primeiro surto industrial é dos anos vinte. Francisco Egidio do Amaral (barão do Amaral) fabrica chapéus, na Boa Vista fábrica de sedas e de fósforos da firma Mori & Losi [...] *os imigrantes bem sucedidos na lavoura e no comércio dedicam-se à indústria [...] O clã dos Blasi fez-se presente no progresso local em 1884 quando Serafin Blasi instalou uma oficina de ferreiro. Progredindo, favorecido pelo surto do café, deu-se conta de que esse produto abria vasto futuro e viria a ser responsável pela maior parte da exportação nacional. Passou a fabricar máquinas para processamento do café e de outros produtos agrícolas.* Durante 90 anos as máquinas Blasi foram vendidas para produtores de todos os Estados brasileiros, da Colômbia, Argentina, Paraguai, Venezuela e vários países africanos [...] *O surto de industrialização a partir da intensa atividade agrícola patrocinada pelo café, atraiu para Botucatu também os Milanesi. O patriarca Francisco estava abrindo tenda de ferreiro em 1890. Tal como outros patrícios estabelecidos no ramo, passou a reparar e logo a fabricar máquinas agrícolas, com especialidade as bombas d'água tipo carneiro, produtos conceituados ainda nos fins de 1984. Os industriais de 1920.* No ano de 1920 – data que é marca no primeiro surto de industrialização, o 'Almanack Botucatu' registrava: 'Está em vias de funcionamento uma (fábrica) de tecidos. Já funcionam fábricas de sabão, de fósforos, de vassouras, de doces, de produtos medicinais, de calçados, de massas, de couros, de mosaico, de cerveja, (que rivaliza com a Antártica), de bebidas, de tintas, torrefação de café, benefício de arroz, etc.'¹¹⁶ (grifo nosso).

Outro registro importe sobre os primórdios da industrialização refere-se à desintegração da economia cafeeicultora, segundo L. B. dos Reis Garcia:

A crise da cafeeicultura do início do século [XX] atinge os grandes proprietários da região de Botucatu. Muitos, dispondo de tecnologia para o beneficiamento do café, recorrem como meio de subsistência, nessa fase crítica da cafeeicultura, à sublocação de suas máquinas, mediante o pagamento de taxas estipuladas [...]. Para isso em muito contribuiu o papel desempenhado pela indústria Blasi. Ela torna acessível a um número elevado de grandes proprietários os maquinários por ela produzidos [...]. A indústria Angelo Milanesi e as indústrias Ítalo Brasileiras Petraca Bacchi, juntamente com a Indústria Blasi, têm destacado papel no processo de desenvolvimento de Botucatu. Desenvolvem-se como indústrias manufatureiras e se integram ao processo de desenvolvimento industrial, que se faz presente nesse momento em Botucatu. A indústria Angelo Milanesi, produzindo máquinas em geral para a indústria de madeira, curtumes e lavoura, e as indústrias Ítalo Brasileiras Petraca Bacchi destinando-se à produção de bens de consumo para o mercado consumidor botucatuense e da região, destacando-se, entre sua produção, a de

¹¹⁶ DONATO, H. *Achegas para a história de Botucatu...*, op. cit., págs. 198 ss.

cervejas, refrigerantes, doces, balas, caramelos, torrefação de café, massas em geral, chapéus, etc¹¹⁷.

De acordo com Armando M. Delmanto¹¹⁸ a importância do primeiro surto industrial (1884-1920) é medido pela grandiosidade do **Grupo Industrial Petrarcha Bacchi**¹¹⁹ e pela atuação das **Indústrias Lunardi**. As **Indústrias Bachi** compreendiam: fabricação cerveja, fábrica de gelo, sabão, serraria, máquinas de beneficiar café e cereais, massas alimentícias, fiação e fábrica de chapéus. Possuíam também uma Usina Hidrelétrica. Além de Petrarcha Bacchi outro industrial importante foi Virgínio Lunardi que chegou a Botucatu em 1897¹²⁰.

¹¹⁷ REIS GARCIA, L. B. dos. O café na história de Botucatu..., op., cit., págs. 18 ss.

¹¹⁸ DELMANTO, A. M. Ciclos Industriais... **Para Delmanto a industrialização de Botucatu apresentou várias fases ou ciclos industriais. O primeiro ciclo industrial vai de 1890 a 1930; o segundo de 1930 até 1950; e o terceiro corresponde aos anos de 1970 em diante.**

¹¹⁹ **Petrarcha Bacchi:** "Petrarcha Bacchi nasceu em Brescello, província de Reggio Emilia, Itália, em 13 de Novembro de 1817. Era filho de Domingos Bacchi e de d. Maria Sommi Bacchi. Em 1896, sob as ordens do general Baratieri fez a campanha da Abissínia. Em 1898 veio para o Brasil passando a residir na cidade de Sorocaba. Nesse mesmo ano transferiu-se para Botucatu. Em 1901 contraiu núpcias com d. Maria Petry, já falecida. Desse consórcio teve os seguintes filhos: Domingos, casado com d. Onélia Dromani; Sidraco, casado com d. Teodomira Pampado; Hermínio, casado com d. Ida Milanesi; dr. Jacob, casado com d. Maria Dromani; dr Américo e Anita. Em segundas núpcias, casou-se com d. Elvira Grazini e deste casamento são suas filhas as menores Mariana e Marina. O sr. Petrarcha Bacchi iniciou suas indústrias com um moinho de Fubá no local denominado hoje de Salgueiro, isto é, no começo da rua Amando de Barros; transferiu-se depois para o moinho do Russo hoje de propriedade do sr. Adriano Ribeiro. Em 1909, localizou-se na Avenida Floriano Peixoto, primeiramente com uma máquina de arroz. É esta a modesta origem do grande parque industrial. Da máquina de arroz o sr Petrarcha Bacchi instala um pastificio, depois a serraria, máquina de algodão, a Usina HidroElétrica e, finalmente, uma fábrica de chapéus. Cerca de 400 operários trabalhavam nas indústrias Bacchi. As origens da Família Bacchi remontam-se à Idade Média. De estirpe nobre, originária de Modena, os antepassados do sr. Petrarcha Bacchi foram exclusivamente homens de armas. Vários deles participaram da Batalha de Beoca, contra os mouros, no dia de Santo André. No ano de 1022 passam a pertencer a Ordem dos Cavaleiros, instituída pelo rei Roberto, o Devoto. Foram defensores de fé cristã e o brasão heráldico, representa a batalha de Beoca. O sr. Petrarcha Bacchi naturalizou-se brasileiro". **Publicado originalmente na Folha de Botucatu, março de 1940.**

¹²⁰ **Virgínio Lunardi:** "Virgínio Lunardi, cidadão de S. Pelegrino, Itália, é cidadão de Botucatu, Brasil. Foi coragem e força, abnegação e filantropia, capacidade de inteligência e apologista do trabalho. O bronze que hoje lhe perpetua o nome serve, apenas, como motivo de fixação porque, mais do que o metal, a sua memória se espelha na sua própria vida. E sua vida foi um Exemplo e sua existência foi uma diretriz de retidão. Planta transplantada da velha Itália trouxe, para a terra ubertosa de Botucatu, a seiva de séculos de civilização. E como os carvalhos que foram testemunhas da história, Virgínio Lunardi, filho ilustre de duas pátrias, uma de nascimento e de coração, outra adotiva e de sua alma, mergulhou raízes na ancestralidade e explendeu a folhagem para o céu, para o alto, para o sol, para a alegria da vida nova, num hosana festivo, numa epopéia de pujança e sentimento. A sombra de sua amizade verificouse o humanismo do gênio de sua raça. Nunca negou o pão a quem lhe o pediu, nunca faltou com o conselho a quem se sentia deprimido, nunca negou o estímulo a quem precisava de um pequeno apoio para progredir. Foi o homem humano porque viveu sempre em função de seus semelhantes; foi o homem total porque criou um império de trabalho, esse trabalho que é dignidade e que é sua herança mais preciosa; foi o homem abnegação porque compartilhou sempre do sofrimento alheio. Quando todos descreeram, ele acreditou. E a sua fé levantou uma indústria como atestado de confiança no futuro de Botucatu. Do alto desta colina ele descortinou, no porvir, os horizontes do progresso da terra de seus filhos. Virgínio Lunardi foi o herói, não o herói da bravata e da inconsistência mas foi o herói da compreensão e da justiça, da integridade e do caráter. Impondo a si mesmo uma norma de conduta rígida e sempre soube compreender a falta alheia e a dor do próximo porque nele o coração sempre conseguiu, para os outros, a concessão da consciência. Amou a Itália com amor de filho e amou o Brasil com amor de pai. Se a Itália lhe deu o nascimento, o Brasil lhe deu o berço da descendência E sempre foi o filho amoroso e o pai emotivo, filho que se ajoelha e o pai que abençoa. Virgínio Lunardi, neste primeiro ano do Centenário da tua e da nossa terra, esta Botucatu que amaste e que amamos, recebe a homenagem da tua gente. Que este bronze seja a lembrança de um

Primeiramente, dedicou-se ao comércio, especialmente os de gêneros alimentícios. As **Industriais Lunardi** constituíam-se das seguintes unidades: fábrica de bolachas, máquinas para o beneficiamento de café, arroz e algodão, comercialização de cereais, representante da Standard Oil, agência Chevrolet (oficina mecânica), seção agrícola (Fazendas Boa Vista, Indianápolis, Santa Luzia e São Bento), imobiliária, acionista da S/A Industrial botucatuense (madeiras), e sócio das empresas Lunardi e Cia., Lunardi & Pescatori e Cortume Vitoria.

Entretanto, deve-se considerar que desde os “tempos das tropas”, desenvolviam-se em Botucatu produtos obtidos em série, como o fito, selaria e madeira. Por volta de 1870 eram três selarias. Outra indústria proeminente era a da olaria que persistiu até a virada do século XX. Esta indústria localizava-se na baixada do ribeirão do Tanquinho, confluência com o Lavapés, na Vila Jaú, havia entre 1890 e 1930 em torno de quatro, sendo três dirigidas por italianos. Afora as olarias outra indústria onde os italianos tinham influência, nesses primeiros tempos, eram os curtumes. Pedro Delmanto montou uma fábrica de calçados e, logo, seguiram-se os Pescatori, os Losi e os Tecchio¹²¹.

Entre os anos 1950 até 1960 têm início uma nova fase de desenvolvimento industrial, apesar de não ser um período de grandes avanços econômicos surgiram indústrias ligadas aos segmentos de aeronáutica, autopeças e vestuário¹²².

Já os anos de 1970 marca “uma nova realidade socioeconômica a nível nacional e uma outra cidade de Botucatu, progressista e universitária, representa o cenário do novo ciclo industrial que vivemos”¹²³. Nessa fase verificar-se a presença de grandes complexos industriais e Botucatu apresenta grande progresso. Entre as grandes indústrias estão: a **Caio (Companhia Americana Industrial de ônibus)** fabricante de carrocerias para ônibus; a **Duratex** pertencente ao conglomerado Itaúsa; a **Staroup**, fábrica de jeans; a **Hidroplás** e **Bras-Hidro**, fabricação de fibras de vidro; a **Neiva-Embraer**, aeronaves entre outras.

Para L. B. dos Reis Garcia na década de 1970, Botucatu volta a ter um novo surto de desenvolvimento, através da instalação de indústrias ligadas ao setor de madeira e confecções, além de algumas industriais relacionadas ao setor de montagem¹²⁴.

povo que reconheceu o teu mérito e que amanhã, nesse dia longínquo do futuro, as gerações aqui parem e meditem, que sintam teu exemplo e a dignidade de tua vida e que, concentradas na análise do que foste, possam proclamar: "Este, de fato, foi um homem; este, de fato, é um símbolo". **Publicado originalmente na Folha de Botucatu, abril de 1955.**

¹²¹ DONATO, H. **Achegas para a história de Botucatu**. 3ª ed. reescrita. Botucatu, São Paulo: Banco Sudameris e Prefeitura Municipal de Botucatu, 1985.

¹²² DELMANTO, A. M. Ciclos Industriais. In: **Memórias de Botucatu**. Edição da vanguarda de Botucatu, 1995.

¹²³ DELMANTO, A. M. Ciclos Industriais...

¹²⁴ REIS GARCIA, L. B. dos. O café na história de Botucatu. In: **Ciência Geográfica**, nº 03 – Abril de 1996.

II. 1. 2. 2. GÊNESE E EVOLUÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO EM AVARÉ

Avaré, antigamente Rio Novo, começou a ser povoada por volta de 1865, segundo o recenseamento realizado na época a mando do delegado de Botucatu, constataram-se dezoito casebres e, oitenta e três habitantes. No ano de 1891 o presidente da Câmara Municipal requereu junto ao Governo do Estado uma petição para a municipalidade. Em relação às origens do nome Avaré existem diversas versões as mais aceitas referem-se a:

[...] Manuel Marcelino de Souza Franco, um dos primeiros professores que ensinaram o ‘a-bê-cê’ em Avaré, em ‘Memória’ apresentada no 1º Congresso Brasileiro de Geografia, em setembro de 1909, (a ‘Memória’ traz a data de 26 de julho de 1907), explica o nome do rio da maneira seguinte: ‘A denominação de ‘Rio Novo’ dada à nascente povoação, foi por ficar mais próxima do rio desse nome, bastante conhecido, o qual nasce na cordilheira da serra de Botucatu, onde bifurca-se a que passa na proximidade de Avaré e que na opinião de pessoas competentes, não é cordilheira daquela, mas serra distinta. E a origem daquele nome, dado ao rio, segundo tradição, foi por terem os antigos posseiros, quando o atravessaram no verão, em conquista da nova Canaan sonhada, nos ínvios sertões da margem direita do Paranapanema, encontrado reduzido a pequeno regato, quase seco, sem corrente, fenômeno hidrográfico conhecido em certas regiões mas ignorado pelos intrépidos e ingênuos posseiros, que, decorridos alguns meses, em seu regresso, reconheceram-no, mas agora caudaloso, dentro do seu leito, pelo que, estupefatos, exclamaram: ‘Rio Novo’ – e o denominaram assim, como faziam aos lugares por onde passavam, aproveitado o mais simples acontecimento ou mais superficial observação para a escolha do nome pelo qual devia ser conhecido o local’. E o mesmo Manuel Marcelino (o popular mestre Maneco Dionísio tão conhecido pelos antigos avaréenses), também informa: - Avaré, segundo o erudito João Mendes de Almeida, é corruptela de Abiré e segundo outros de ‘Abaré’ que em língua indígena significa ‘Missionário’ e é nome de um monte no campo, isolado, com a altitude de 625 metros, que se avista ao longe, entre o rio dos Veados e o ribeirão Tamanduá, no Município de São João de Itatinga, onde, segundo a lenda, foi encontrado um monge, quando os posseiros aí penetraram’. Parece mais certa a explicação dada pelo rábula Tito Correa de Melo, que foi o guia e o consultor dos primeiros posseiros. Demais, convém frisar, se os posseiros encontraram um padre, frade, missionário ou monge em tal morro, poderiam dar a êsse morro o nome de Morro do Frade, do Monge, do Padre ou do Missionário, e nunca o de ‘Abaré’, evidente origem tupi-guarani¹²⁵

Avaré já fez parte de Botucatu. Hernani Donato, ao estudar o território botucatuense relata esse desmembramento:

[...] A conquista dessa região esteve ligada à história do encurralamento e do extermínio dos índios caiuá. O selvagem não era tido como dono. Em 1849, Tito Corrêa de Melo escrevia de Botucatu a um amigo, José Theodoro de Souza, de Pouso Alegre, Minas Gerais, convidando-o a vir ‘fazer posses em terras riquíssimas sem dono’. Nessas terras viviam os caiuá e outros restos de tribos. O destinatário não se fez esperar e logo no ano seguinte destroçou o morador selvagem, apossou-se da terra que venderá mais tarde por um quase nada. A certo momento foi dono de

¹²⁵ Enciclopédia dos Municípios..., op. cit., págs. 99 ss.

território igual ao da Holanda e, em troca de um negro batuqueiro que vira em ação numa festa em Botucatu, entregou terras de extensão igual à do Luxemburgo. A fúria de obter posses nas zonas assim abertas quase despovoou a freguesia de Santana. De tal forma que em 1862, a 15 de maio, Vitoriano de Souza Rocha apresentou-se ao tabelião botucatuense Francisco Antônio Castro para doação de vinte e quatro hectares de terras às margens do ribeirão Lageado, afluente do Rio Novo, para constituir o patrimônio de capela sob invocação de Nossa Senhora das Dores, orago especialmente presente das doações de mineiros. No ano em que Botucatu era elevada a cidade, instalava-se o município de Avaré [...]¹²⁶.

¹²⁶ DONATO, H. **Achegas para a história de Botucatu**. 3ª ed. reescrita. Botucatu, São Paulo: Banco Sudameris e Prefeitura Municipal de Botucatu, 1985 págs. 102 ss.

Arquivo Público do Estado de São Paulo - Memória Pública

Ilustração: Esboço cartográfico do município de Avaré [s/d].

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo; Memória Paulista; Acervo Cartográfico.

As primeiras iniciativas industriais em Avaré, como já mencionado, constituíam-se de máquinas de beneficiar café e os primitivos engenhos de açúcar, além de várias fábricas de calçados e olarias.

Não existem muitos registros confiáveis sobre a industrialização avareense. Deste modo, pautamos nossas afirmações com base nos escritos de Gesiel T. da Silva Jr¹²⁷. sobre o desenvolvimento econômico de Avaré. Segundo este autor na segunda metade do século XIX, certos acontecimentos contribuíram para o desenvolvimento de Avaré, entre eles a Lei de Terras de 1850. Em 1888, veio centenas de famílias italianas substituir a mão de obra escrava nas lavouras de algodão, cana de açúcar e café. Além dos italianos, Avaré recebeu portugueses, espanhóis, armênios, sírios libaneses e, por último, japoneses. Esses imigrantes inseriam-se como artesãos, agricultores, entre outras profissões e, contribuíram para a urbanização do município.

Assim como muitas cidades do oeste paulista Avaré estava ligada a economia cafeeira, mas ficou conhecida realmente como “Capital do Ouro Branco”, pois a cotonicultura alcançava índices extraordinários.

Na fase de apogeu do algodão, décadas de 1930 a 1940 a paisagem avareense compunha-se de carroças e caminhões em busca de máquinas de beneficiamento. Entre as indústrias dessa época destacamos a **Anderson Clayton** especializada na extração de óleo.

Na década de 1960, os fazendeiros da região introduziram o gado, o que representou certo progresso econômico. Essa iniciativa e a melhora dos plantéis possibilitou a criação de grandes haras, que nos anos de 1980 impulsionaram Avaré com a “Capital Nacional do Cavalo” devido às exposições e torneios hípicas. Para Gesiel T. da Silva Jr a evolução econômica de Avaré se processou da seguinte forma:

No seu desenvolvimento, Avaré passou por vários e importantes ciclos. O café inaugurou a época das grandes fazendas, com seu imenso tecido branco estendendo-se pelos campos verdes, participando ativamente na economia do Estado e refletindo-se na economia nacional. Ainda hoje algumas fazendas antigas conservam os grandes terrenos de ontem, testemunhas de uma época áurea [...]. Atualmente, por ser um importante centro pecuário regional Avaré tem 70% de sua área utilizada para atividades pastoris. O restante da terra divide-se entre lavoura, principalmente plantio de cana de açúcar, milho, laranja, banana, café e soja (17,6%) e florestas de eucaliptos e pinheiros (12,4%). Aproximadamente 60% da mão de obra ocupada no setor rural trabalha sazonalmente no corte de cana, madeira e na avicultura, e estima-se que cerca de 2 mil pessoas trabalham no campo e vivem na cidade. Outras importantes atividades na geração de emprego e renda são o cultivo protegido, a fruticultura e a produção de cogumelos e flores [...]. A pecuária leiteira se faz muito presente, já que há várias indústrias da área no município, que abriga ainda 62 mil

¹²⁷ SILVA Jr., G. T. da. **Avaré: terra do verde, da água e do sol**. São Paulo: Noovha América, 2007.

cabeças de gado de corte e mais de 800 mil galinhas. Dados como esses explicam a existência de um evento tão importante como a Exposição Municipal Agropecuária de Avaré (Emapa), o principal evento do calendário anual da Estância Turística. Quanto ao número de empregados da cidade, 20,1% estão no comércio varejista; 13,5% na agropecuária; 8,9% na indústria do vestuário e do calçado; 8,5% na administração pública e 5,4% na indústria de alimentos. Em termos de infraestrutura de transportes, o município conta com o Aeroporto Estadual Avaré-Arandu, que possui uma pista pavimentada com 1.280 metros de extensão. Além disso, por ficar a 90 km do Rio Tietê, está na área de influência da Hidrovia Tietê-Paraná. Especificamente no setor industrial, Avaré é centro de referência para cerca de 20 municípios, principalmente em atividades produtoras de aquecedores e duchas, brinquedos, embalagens plásticas, cartonagem, estruturas metálicas, bebidas, cerâmica, torrefação de café, beneficiamento de arroz e confecções têxteis. Para administrar as atividades tradicionais, o setor industrial emergente, o comércio diversificado e o turismo, a cidade conta com a Associação Comercial e Industrial de Avaré, com mais de 800 sócios, além de sindicatos de várias categorias profissionais [...]¹²⁸.

Por ser uma instância turística, a municipalidade incentiva artistas e artesãos, promove feiras e, mantém desde 1985 a Casa de Artes e Artesanato. Além das produções artísticas há ainda a produção de doces artesanais, sobretudo o doce de leite, tornando-se anos de 1970 artigo de exportação.

Aliás, o turismo constitui importante atividade econômica, a Represa Jurumirim, é um dos principais atrativos, não a toa que já na década de 1960 ocorreu forte especulação imobiliária nas suas margens. A origem de Jurumirim está na construção da Usina Armando Laydner sua expansão e o acúmulo de água possibilitaram a criação da represa. Jurumirim é cortada pela Ponte Carvalho Pinto e, localiza-se a vinte quilômetros do centro de Avaré, as margens da represa encontra-se o Camping Municipal com área total de 48 mil m².

II. 1. 2. 3. GÊNESE E EVOLUÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO EM OURINHOS

De acordo com os registros históricos a municipalidade é o resultado da conjunção de dois fatores: i) a expansão da economia cafeeira em direção ao interior do Estado de São Paulo e, ao ii) desenvolvimento da ferrovia, que iria escoar a produção de café. Há informações imprecisas de que por volta de 1905, Ourinhos já era uma pequena vila encravada na fronteira de São Paulo com o Paraná¹²⁹.

¹²⁸ SILVA Jr., G. T. da. **Avaré: terra do verde, da água e do sol**. São Paulo: Noovha América, 2007 págs. 34 ss.

¹²⁹ MASSEI, R. C. **As inovações tecnológicas e o caso dos oleiros: a mecanização das olarias em Ourinhos 1950-1990**. Dissertação (mestrado em história), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001. “[...] Em 1906 teve início o povoamento, havendo nessa data reduzido número de casas. Os primeiros moradores da cidade foram os Srs.: Haráclito Sândano, Franscisco Lourenço, Manoel Soutello, Abuassali Abujamra, Bendito Ferreira, Ângelo Christoni, José Felipe do Amaral, Isordino Cunha, José Fernandes Grillo e Odilon Chaves. Em

Segundo Love, esta busca incessante por terras férteis propiciou que a fronteira pioneira avançasse para o oeste incorporando novos espaços, o que gestaria uma reserva para o café. Em virtude disso, muitas famílias de fazendeiros compravam terras ainda não cultivadas com o intuito de as utilizar para operações futuras. Estas, muitas vezes, se localizavam bem longe de suas propriedades originais. Como por exemplo, os Pereira Barreto, apesar de serem provenientes do Vale do Paraíba, acabaram se tornando pioneiros no desenvolvimento do cultivo do café em Ribeirão Preto, ‘primeiro município cafeicultor na zona Mogiana, enquanto que os Rodrigues Alves iniciam plantações em São Manuel e Piratininga, nas zonas da Alta Sorocabana e Alta Paulista, respectivamente’. Em virtude disso, a história de Ourinhos está intimamente relacionada pela expansão da cultura do café e da ferrovia. Uma vez que as terras que dariam origem a Ourinhos pertenciam ao território de Salto Grande, conhecidas como Fazenda das Furnas, quando desocupadas e cobertas pela vegetação nativa, estas foram no início do século XX adquiridas pela família de D. Escolástica Melchert da Fonseca [...] levantamento documental realizado no cartório de Registro de Imóveis de Ourinhos nos possibilitou analisar a forma como Jacintho F. de Sá foi acumulando uma grande extensão de terras na região transformando-se em um dos maiores proprietários da vila de Ourinhos, quando esta foi elevada a categoria de Município, Jacintho já havia iniciado o processo de loteamentos de suas terras situadas em pontos estratégicos da cidade, conforme pudemos verificar nos documentos cartoriais pesquisados no cartório desta cidade [...] as terras que dariam origem ao município faziam parte anteriormente do vasto território ‘conquistado’ por José Teodoro de Souza, no entanto, com os desmembramentos destas em conjunto com uma série de irregularidades estas passaram para as mãos de outras pessoas. D. Escolástica, por exemplo, adquiriu estas terras no início do século XX com o intuito de reserva-las para uma futura expansão do café. Entretanto, as vende para este mineiro empreendedor que consegue obter riqueza e prestígio, e que, por fatos ainda não esclarecidos, consegue com que o prolongamento da Sorocabana passe a privilegiar suas terras. Com estas propriedades valorizadas ele inicia então um novo processo de ocupação através do loteamento de pequenas parcelas de terra que dariam origem ao formato que Ourinhos possui hoje¹³⁰.

De acordo com Del Rios, um das primeiras iniciativas industriais na municipalidade deve-se:

Henrique Migliari seria um dos primeiros industriais de Ourinhos, onde chegou em 1910. Um anúncio das *Indústrias Migliari* publicado em 1996 no jornal *A Cidade de Ourinhos* revela o tamanho do empreendimento: Oficina mecânica, fundição de ferro e bronze. Fábrica de veículos em geral. Engrenagens, ferragens para roda d’água, buchas para carroças, chapas para fogões [...] portas e cilindros para padaria, banco para jardins, cruzeiros para túmulos [...] ferragens para prensa de alfafa [...] engenhos para cana [...] Assentamento de máquinas¹³¹.

Entretanto, as características geográficas do município, clima, solo e, localização contribuíram para o desenvolvimento de outras iniciativas industriais, sobretudo aquelas ligadas à fabricação e confecção da cerâmica vermelha, as olarias, que originalmente

1908, foi criado o posto da Estrada de Ferro Sorocabana que em 1912 foi elevada a Estação”. **Enciclopédia dos Municípios...**, op. cit., págs. 211 ss.

¹³⁰ ARAÚJO, D. F. de.; CUNHA, F. L. da. A ocupação da terra na formação do município de Ourinhos/SP. In: **Revista Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v. 5, n. 1, p. 39-58.

¹³¹ DEL RIOS, J. **Ourinhos memórias de uma cidade paulista**. Ourinhos, SP: Prefeitura Municipal, 1992 págs. 90 ss.

constituíam-se de uma rudimentar atividade artesanal. Conforme as observações de Roberto C. Massei o processo de urbanização verificado nesta época, década de 1920, nas cidades do norte do Paraná favoreceu o desenvolvimento da indústria cerâmica (construção civil), na cidade.¹³²

Foi na Vila Odilon, o lugar onde se desenvolveu a indústria cerâmica, visto que nas adjacências havia as maiores jazidas de barro da região¹³³. As primeiras iniciativas para o aproveitamento das jazidas foram de famílias originárias de Barra Bonita Estado de São Paulo, tais como os Nogueira, os Carnevalle e os Fantinatti. Desta forma, a argila proveniente do Rio Parapanema, e a proximidade com a Estrada de Ferro São Paulo-Paraná não só deram surgimento as olarias como impulsionaram os empreendimentos, a produção de tijolos, telhas e outros artefatos de barro alcançou os mercados paulistas e norte do Paraná.

Para Roberto C. Massei não há informações precisas sobre a origem da Vila Odilon, já que antes da fundação da cidade, no bairro já predominava a cultura do café; somente entre 1932 e 1934, quando Manoel Teodoro de Mello resolve lotear suas propriedades o lugar torna-se de fato um bairro expandindo o núcleo urbano.

Em Ourinhos, as olarias alcançaram seu apogeu na década de 1980, em torno de 90 olarias em funcionamento, mas a automatização e a concorrência com materiais sintéticos fez com que as olarias entrassem em decadência, já na década de 1990 o número de olarias caiu para 85. Restam, hoje, 15, sendo as principais as empresas **Santa Bárbara** e a **Brasil Orlyde**¹³⁴.

¹³² MASSEI, R. C. *As inovações tecnológicas e o caso dos oleiros...*, op. cit., p. 32.

¹³³ MARTINS, E. *Minha vida, Meus amigos, Minha cidade*. Ourinhos: Edições cristãs, 2008.

¹³⁴ DIAS, F. F.; DANTAS, R. O presente e o passado no espaço urbano: o caso da Vila Odilon em Ourinhos. *In: Anais do I Simpósio Internacional Patrimônios: cultura e sociedade no século XXI*. Ourinhos, 2015 págs 394 ss.

Ilustração: Planta da Vila Odilon, 1945.

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo; Memória Paulista; Acervo Cartográfico.

Na década de 1950, a indústria e a agricultura constituíam as principais atividades econômicas da cidade. O café exportado via Porto de Santos, o algodão beneficiado nas máquinas locais e a cana de açúcar industrializada na **Usina São Luiz**. Nesta época o município contabilizava 74 estabelecimentos industriais, sendo as fábricas mais importantes a

Sanbra¹³⁵, produção de óleo de caroço de algodão e de amendoim, a **Usina São Luiz**, usinas de oxigênio, frigoríficos e fábricas de doces.

Para F. Ferreira Dias as empresas industriais mais representativas de Ourinhos foram a **Sanbra**, 1950 e 1970, a **Bunge**¹³⁶, 1970 e meados de 2000. Contudo, a **Colchões Castor**, criada em 1952 ainda é a maior indústria ourinhense¹³⁷.

¹³⁵ “[...] Em 1951, a Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro – Sanbra se instalou em Ourinhos com o objetivo de industrializar o caroço do amendoim, mamona e em especial o algodão produzido no município. Essa empresa empregou entre 600 e 800 pessoas no período de funcionamento na cidade, que ocorreu até 1970”. Cf. FERREIRA DIAS, F. **Segregação Residencial na cidade de Ourinhos (SP)**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2013 págs. 76 ss.

¹³⁶ **A Bunge adquiriu a Ceval esta já havia incorporado a Sanbra empresa do ramo algodoeiro e alimentício. A empresa antes de sair de Ourinhos já havia fechado unidades em Bauru e Cuiabá, Mato Grosso.**

¹³⁷ FERREIRA DIAS, F. **Segregação Residencial na cidade de Ourinhos...**, op. cit., págs. 77 ss.

II. 1. 2. 4. DA PEQUENA PRODUÇÃO MERCANTIL A INDÚSTRIA: AS EMPRESAS E OS EMPRESÁRIOS INDUSTRIAIS.

Diversos estudos já apontaram à importância de se estudar a pequena produção mercantil. Além dos já mencionados, destacamos A. Mamigonian sobre a industrialização de Blumenau.

De qualquer modo, o fundamento material da vida em Blumenau, de 1850 até a guerra de 1914-18, esteve baseado no sistema 'colônia-venda'. A 'colônia' correspondia à propriedade de 25 hectares no povoamento 'Waldhufendörf', na qual, o agricultor trabalhava em policultura. Ele produzia, além das suas necessidades, açúcar, mandioca, feijão, milho, manteiga, banha, etc.; cultivava mesmo um produto comercial como o tabaco e, se fosse mais abastado, explorava madeira. Entretanto, não podia deixar de contar com ferramentas, tecidos, querosene, sal, etc. E foi para permitir essas trocas que nasceu a 'venda', isto é, o pequeno comércio que se estabeleceu justamente na entrada de 'Waldhufendörf'. Os produtos agrícolas de Blumenau eram enviados pelo rio Itajaí e pelo mar até o Rio de Janeiro, Salvador e Recife; as madeiras e as folhas de tabaco eram mesmo exportadas até a Alemanha. Naturalmente o excedente econômico nasceu da produção agrícola e por causa do sistema 'colônia-venda' acumulou-se nas mãos dos comerciantes que não se contentavam apenas em orientar a vida econômica nas suas zonas de influência, mas também possuíam barcos para ir até Itajaí, o porto marítimo, e mesmo até mais longe, e tomavam iniciativas ainda mais importantes, como a produção de eletricidade, por exemplo. Mais freqüentemente, estes comerciantes dirigiam casas de exportação-importação na 'stadtplatz', e filiais nos diferentes cantos das zonas rurais. Todos estes comerciantes partiram de negócios muito modestos: 1) JENS JENSEN, originário do norte da Alemanha, foi marinheiro até 1864, quando ele se evadiu no porto de Itajaí. Após ter trabalhado num engenho de açúcar dos arredores, instalou-se em Blumenau, como colono e pequeno comerciante em 1867; 2) GUSTAV SALINGER, alemão também, fez estudos secundários e, após uma viagem aos Estados Unidos, partiu à pesca da baleia no Antártico, mas parou em Santa Catarina onde trabalhou como canoeiro no Itajaí-Mirim. Antes de 1888, obteve a responsabilidade de uma filial de uma casa comercial de Blumenau; 3) FERDINAND SCHRANDER, de Magdeburg, filho de camponeses e camponês ele mesmo, chegou em Blumenau em 1885. Quatro anos após, empreendeu um pequeno comércio que não parou de crescer; 4) P. Ch. FEDDERSEN, nascido no Schleswig-Holstein, chegou em 1879 a Blumenau, onde se associou a GUSTAV SALINGER; 5) F. G. BUSCH veio de Santo Amaro da Imperatriz, onde a colonização fracassara, como um simples alfaiate. Partindo de negócios muito modestos, esses comerciantes vitoriam-se graças ao espírito de iniciativa comum a todos eles¹³⁸ (grifos nossos).

Marcos A. da Silva & C. Espíndola ao tratar sobre o desenvolvimento da dinâmica industrial no nordeste e do oeste catarinense.

[...] as firmas em estudo possuem como fator em comum na gênese do seu processo de acumulação de capital, a predominância de uma estrutura tipo pequena produção mercantil. No nordeste catarinense, o processo relaciona-se a forte

¹³⁸ MAMIGONIAN, A. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. In: **Revista Brasileira de Geografia**, nº 3. Rio de Janeiro: IBGE, 1966 págs. 71 ss.

imigração alemã transplantada da Europa em franco processo de industrialização (segunda metade do século XX), enquanto no oeste, origina-se do deslocamento de descendentes de imigrantes italianos oriundos do Rio Grande do Sul, no início do século XX. *A base da acumulação de capital ancorou-se no chamado sistema colônia-venda [...] A intensificação das relações dessas regiões com os demais mercados possibilita, pois, um processo de acumulação de capital por parte do vendeiro e, até mesmo, dos pequenos produtores mercantis que vão gradativamente irradiando suas sobras de caixa a atividades artesanais (oficina mecânica, marcenarias, etc.) e manufaturas (madeireiras, moinhos, frigoríficos, etc.) – base da especialização metal-mecânica do nordeste e agroindustrial do oeste. Assim é que, em ambos os casos, a gênese do capitalismo se inscreve num amplo movimento de expansão dos pequenos negócios de traço basicamente familiar*¹³⁹ (grifos nossos).

Para o caso paulista temos o trabalho de P. F. C. Mourão sobre a industrialização de Marília.

*A cidade surgiu na década de 1920, na transição da economia agroexportadora do café para a economia industrial. As indústrias que iriam se instalar no ‘oeste paulista’, principalmente após 1930, teriam forte ligação com a produção agrícola regional, sendo empresas pertencentes a grandes grupos nacionais e estrangeiros que atuavam no beneficiamento e na transformação do algodão. Marília se tornou, na década de 1940, nessa especialização, uma das principais cidades industriais do Estado de São Paulo, junto com esse núcleo de pequenas unidades artesanais de alimentos, móveis, sapatos e implementos agrícolas, produzindo para o mercado local. A partir da década de 1950, a região começa a perder as indústrias ligadas à transformação da matéria-prima local, mas assiste ao crescimento daquele núcleo inicial de pequenas empresas, principalmente do ramo de alimentos, bebidas e implementos agrícolas. O desenvolvimento prévio de uma base produtiva local e da rede urbana regional associada com a relativa distância da capital, permitiu que os pequenos negócios, geralmente de imigrantes, em ramos que exigiam pequeno investimento inicial, conquistassem o mercado regional. Esse tipo de industrialização baseado em capitais locais continua até os dias atuais, destacando-se a produção de alimentos (biscoitos, massas e doces), esquadrias metálicas e máquinas agrícolas (pulverizadores) [...]. O ramo de alimentos atraiu corporações transnacionais, que adquiriram duas das maiores empresas locais: a Ailiram foi comprada pela Nestlé e a Raineri (massas) pela Ádria/Quaker*¹⁴⁰ (grifos nossos).

A força da pequena produção mercantil na dinâmica socioeconômica também foi percebida por Milton Santos na obra “*O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*” escrita conjuntamente com M. L. Silveira.

Algumas cidades são herdeiras de uma tradição surgida em períodos anteriores, mas cuja especialização se perfaz em décadas recentes. É o caso de Birigui, onde em 1940 já se podiam encontrar alguns artesãos do ramo de selarias e sapatarias e onde, até os anos 1970, algumas pequenas fábricas deram continuidade a esse tipo de empresa. A partir de 1980, a cidade passa a abrigar numerosas indústrias, todas elas de capitais de origem local. Em 1997 eram 152 empresas (mais de 85% delas são consideradas pequeno porte), que geravam 11mil empregos e produziam 129

¹³⁹ ESPÍNDOLA, C. J.; SILVA, M. A. da. Formação sócio-espacial: um referencial aos estudos sobre industrialização (notas). In: **Experimental**, n. 3, págs. 61-67, setembro, 1997.

¹⁴⁰ MOURÃO, P. F. C. Reestruturação produtiva e industrialização no oeste paulista. In: **Questões nacionais e regionais do território brasileiro**. São Paulo: Expressão popular: UNESP: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009 págs. 208 ss.

mil pares de sapatos por dia (90% dessa produção são calçados de criança). As mais importantes são Popi, Kiuti, Ypo, Bical, Klin (produz 30 mil pares de sapato por dia, 14,5% dos quais se destinam à exportação), Kolli's e Pampilli (cuja produção é de 12 mil pares por dia). A cidade passou a ser conhecida como a capital do sapato infantil. Essa especialização vai criando uma economia de aglomeração, com a localização de empresas componentes (fivelas, solados, colas, palmilhas etc.) e de instrumentos de trabalho (facas, navalhas etc.)¹⁴¹ (grifos nossos).

Como dito anteriormente a constituição e a evolução econômica, nos estudos de caso, isentando-se certas ocorrências, demonstraram a força da **pequena produção mercantil**, isto é, o surgimento de atividades econômicas e industriais que ganham dinamismo com o tempo incorporando tecnologias, diversificando e ampliando mercados.

Em Botucatu salientamos a **Indústria Aeronáutica Neiva-Embraer** fundada em 1954, a empresa nasceu de uma oficina técnica especializada na reparação de aviões, a **OMAREAL**, iniciativa do Engenheiro Antônio Azevedo. Entretanto, a iniciativa não vingou. No ano de 1956, José Carlos Neiva, fabricante de planadores no Rio de Janeiro adquire a empresa dando origem a **Sociedade Construtora de Aeronáutica Neiva**¹⁴². Em 1980 passa a ser subsidiária integral da Embraer. De acordo com os registros históricos:

A indústria aeronáutica em Botucatu é muito anterior à Embraer, informa o historiador João Carlos Figueiroa [...]. Em meados da década de 1950, já existia na cidade a Indústria Aeronáutica Omareal, que começou como oficina para manutenção de aeronaves. Seu proprietário, Antonio Azevedo, era um empreiteiro ligado à construção de túneis em estradas [...]. Como tinha concessões em vários trechos paulistas e em Minas Gerais, precisava da oficina para manter um conjunto de aviões. 'Montou aqui uma oficina para resolver o problema dele e passou a produzir algumas aeronaves', comenta Figueiroa. Depois, Azevedo decidiu dedicar-se exclusivamente à empreiteira e os galpões foram ocupados por José Carlos Neiva, seu sócio. 'Quando a Omareal quebrou, o Neiva usou as instalações em Botucatu', acrescenta Paulo Urbanavicius [...] desde a década de [19]40, Neiva já fabricava planadores para a Força Aérea Brasileira (FAB), usados no treinamento de pilotos. O governo, então, pediu a regulamentação da empresa para evitar compras particulares. 'Aí foi fundada a Neiva, em Manguinhos, no Rio de Janeiro. Não sei de que maneira se associou a Omareal e veio para Botucatu. Depois, pegou um contrato da FAB para fabricar o Paulistinha. Até que, com a fundação da Embraer, o ministério passou a direcionar os contratos. Ele acabou vendendo a própria empresa em março de 1980¹⁴³.

¹⁴¹ SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011 págs. 126 ss.

¹⁴² DONATO, H. *Achegas para a história de Botucatu*. 3ª ed. reescrita. Botucatu, São Paulo: Banco Sudameris e Prefeitura Municipal de Botucatu, 1985.

¹⁴³ LA FORTEZZA, LUCIANA. Em atividade nos anos 50, fábrica de Botucatu foi comprada pela Embraer. *In: Jornal da cidade*, Bauru, 27 de agosto de 2015.

A unidade instalada em Botucatu é responsável pela fabricação de peças e estruturas para jatos das famílias ERJ-145. A empresa também é responsável por atividades de comercialização de aviões, venda de peças de reposição e apoio para aviação agrícola.

A **Eucatex** começou com a **Serraria Americana** pequeno negócio dedicado a comercialização de madeiras e carpintaria, constituída em 1923, seu fundador foi um imigrante libanês radicado na cidade de São Paulo chamado Salim Farah Maluf. A primeira fábrica em Salto, cidade do interior paulista é de 1954, foi nesta unidade que a Eucatex iniciou suas atividades produzindo forros acústicos e chapas soft de fibras de madeira, passando depois a fabricar chapas isolantes. Entre 1956-1965 a empresa instalou escritórios de representação em várias capitais brasileiras, assim como em Buenos Aires, Argentina. Especificamente em Botucatu iniciou suas atividades no ano de 1996, com a fabricação de painéis MDP. Além disso:

A Eucatex [...] anuncia que vai investir R\$ 12 milhões na unidade de Botucatu, duplicando a capacidade de produção dos pisos laminados Eucafloor. Com o investimento, a capacidade de produção dos pisos, que antes era de 6 milhões de m² por ano, irá para 12 milhões de m² por ano. A unidade de Botucatu tem 372 mil m² de área total, sendo 62 mil m² de área construída. Além dos pisos Eucafloor, nela são fabricados os painéis MDP e os revestimentos BP e Lacca. Grande destaque das vendas da Eucatex em 2010, o segmento de pisos laminados, que cresceu 42,7% em relação ao ano anterior, registrando uma receita bruta de R\$ 138,7 milhões, tem aumento esperado de 12% a 15% para 2011 [...] os pisos laminados Eucafloor [...] fabricados com HPP, um substrato de partículas de eucalipto que possui duplo revestimento e não absorve substâncias ou organismos que transmitem alergias [...]. A Eucatex [...] com 2.622 funcionários, exporta para 37 países e possui quatro fábricas em Botucatu e Salto, além da Unidade Florestal, com um viveiro de mudas, em Bofete, cidades localizadas no interior do Estado de São Paulo¹⁴⁴.

Outra empresa produtora de painéis de madeira industrializados, além de louças e metais sanitários é a **Duratex**, fundada por Eudoro Villela nascido em Vargem Grande Paulista no Estado de São Paulo. Em 1944, Villela dirigiu o antigo Banco Federal de Crédito, que nos anos de 1970 torna-se Itaú¹⁴⁵. No ano de 1951, em parceria com o empresário Alfredo Egydio de Souza Aranha funda a **Indústria Duratex** na cidade de Jundiaí. Sendo uma empresa privada de capital aberto, seu controle é compartilhado pelo conglomerado Itaúsa (investimentos Itaú Unibanco e Cia. Ligna Investimentos¹⁴⁶, afora **Duratex** a Itaúsa possui

¹⁴⁴ “Eucatex duplica capacidade da linha de pisos laminados”. In: **Jornal Acontece Botucatu**, maio de 2011.

¹⁴⁵ FERNANDES, V. Tributo. In: **Revista Isto é**, setembro de 2015.

¹⁴⁶ **Eudoro Villela morreu aos 93 anos**. “[...] Com a morte de Villela, quem passa a ser controladora majoritária do grupo Itaúsa [...] é sua filha Maria de Lourdes Egydio Villela. Milú Villela, como é conhecida, preside o Museu de Arte Moderna de São Paulo, o MAM [...]. O patrimônio líquido do Itaú é de R\$ 6,6 bilhões”. FERNANDES, V. Tributo. In: **Revista Isto é**...

participações nas empresas **Elekeiroz e Itautec**)¹⁴⁷. Conforme os registros históricos a empresa:

Instalou-se em [Botucatu] 212 alqueires de terras destacados da Fazenda Paulo Souza, sobre a rodovia Prof. J. H. Martins (Castelinho) de acesso à Castelo Branco. Ali, a partir de 1973 produz chapas de fibra de madeira prensada, sendo metade da sua produção destinada ao mercado estrangeiro. Suas instalações são indicadas como das mais amplas e modernas do mundo, no gênero. Para obter a matéria-prima com que trabalha, a Duratex formou extensa floresta de eucaliptos, aproveitando os campos de cerrado entre o Rio Pardo e a Rodovia Castelo Branco¹⁴⁸.

Notadamente em Botucatu conta com a unidade de painéis e pisos desde 1973, produzindo chapas de fibra, atualmente cerca de 220 mil toneladas por ano. Com sede na cidade de São Paulo;

A Duratex [...] líder no mercado brasileiro com as marcas Durafloor, Duratex, Deca e Hydra. Produz ainda aquecedores solares e chuveiros elétricos [...] conta com cerca de 12 mil colaboradores e 15 unidades industriais [...] localizadas nos estados de Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo, além de três fábricas de painéis na Colômbia, por meio de sua participação de 80% na Teblemac [...]. Possui 260 mil hectares com florestas plantadas e áreas de conservação nos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo¹⁴⁹.

Empresa encarregadora de ônibus, a **Caio (Companhia Americana e Industrial de Ônibus)**, fundada em 1945, iniciou suas atividades na Avenida Celso Garcia, no bairro do Brás cidade de São Paulo. Atualmente, seu escritório central fica na Avenida das Nações Unidas, bairro do Brooklin Paulista, mas seu parque fabril localiza-se em Botucatu. A partir de janeiro de 2001, um novo grupo, constituído por empresas de transporte de passageiros assumiu por meio da empresa **Induscar** o parque fabril e o direito de uso da marca **Caio**. A empresa atua na venda de veículos comerciais, chassis para ônibus, caminhões e automóveis. Em 2015 com queda de 20% no mercado de ônibus, a **Caio Induscar**, desde janeiro têm

¹⁴⁷ A atuação do grupo Itausa se faz presente também em outros segmentos empresariais “[...] Outro exemplo de topologia de empresa é o do grupo Itaú/Itautech-Philco S. A., que é formado pelo Banco Itaú e pela empresa Itautech, criada em 1979 para realizar a automação do banco. Ambos pertencem ao conglomerado Itausa. Valendo-se das especializações territoriais da indústria informática e da indústria eletroeletrônica no Brasil, a empresa Itautech-Philco implantou suas fábricas em São Paulo (automação bancária, automação comercial, microcomputadores e monitores), em Jundiaí (placas, componentes e memórias) e, no Amazonas, em Javari (televisores), Jutai (videocassetes, combinados de TV e vídeo, fax) e Buriti (aparelhos de som, placas e componentes magnéticos). As interconexões entre essas fábricas, os centros de gestão e os serviços aos clientes são operados a partir de uma rede de filiais, centros de atendimento e centros de serviço espalhada em 780 cidades. Esse trabalho imaterial perfaz-se com o serviço bancário, que busca atingir outros pontos”. SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI... op. cit., págs. 152 ss.

¹⁴⁸ DONATO, H. **Achegas para a história de Botucatu**. 3ª ed. reescrita. Botucatu, São Paulo: Banco Sudameris e Prefeitura Municipal de Botucatu, 1985 págs. 202 ss.

¹⁴⁹ “Duratex recebe certificado sustentável”. In: **Jornal Acontece Botucatu**, dezembro de 2014.

demitido funcionários, aliás, “[...] o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Botucatu, Miguel Ferreira da Silva adiantou que desde janeiro 760 funcionários já haviam sido demitidos na metalurgia. Desses, 380 eram da Caio”¹⁵⁰.

Afora **Caio Induscar** outra empresa encarregadora de ônibus é a **Irizar**. O empreendimento nasceu em 1889, iniciativa de José Antonio Irizar, originário de Ormaiztegui província de Guipúzcoa, Espanha. Inicialmente a empresa começou fabricando ferragens, reparando vagões e construindo carruagens até que em 1928 começaram a produzir ônibus. Está em Botucatu desde 1997.

Mesmo com 82% de suas vendas voltadas à exportação [...] a fabricante espanhola de carroceria para ônibus, com sede em Botucatu, deve construir uma nova fábrica com capacidade para triplicar sua produção até 2016 [...]. A empresa cresceu tanto nos últimos anos que, além do espaço apertado entre uma linha de produção e outra, até a área de lazer teve ser transformada em fábrica. Quando se instalou no Brasil, em 1998, a Irizar produzia um ônibus a cada três dias e contava com 47 funcionários. Hoje, são quase 560 produzindo 3,5 carros dia, com a meta de passar para dez unidades diárias até 2016 [...] ¹⁵¹.

Entre os negócios que nasceram e se consolidaram a partir de sua base em Botucatu podemos mencionar a **Blowpet Transformações Plásticas**, iniciativa de Carlos Roberto Faria que em 1998, iniciou a produção de garrafas pet em Botucatu. Primeiramente suas atividades eram exercidas num prédio adaptado próximo a Rodovia João Hipólito Martins. Desde 2008, sua nova fábrica tem cinco linhas de produção. Localizada no Distrito Industrial III, possui 4.500 m² de área construída. A empresa tem capacidade de produção de 18.000 garrafas por hora podendo chegar até 10 milhões de unidades por mês, são 25 modelos de garrafas fornecidas a 172 marcas de bebidas do interior de São Paulo, assim como dos Estados do Paraná, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. 90% das garrafas produzidas pela **Blowpet** já saem da fábrica com os rótulos das marcas dos clientes, a empresa também administra o estoque de seus fregueses com entrega diária conforme a programação de engarrafamento.

Iniciativa de Fernando Bandeira de Mello Martins a **Bom Sinal Indústria e Comércio**, fundada em 2003, atua na fabricação de trens urbanos. Quando consultado pelo governo do Estado do Ceará sobre a possibilidade de reformar vagões velhos para que pudessem voltar a transportar passageiros, Fernando Martins, cuja atividade principal era fabricação de carteiras e assentos para estádios de futebol, não só reformou como também foi

¹⁵⁰ “Caio Induscar diz que crise no setor provocou demissões”. In: **Jornal Acontece Botucatu**, maio de 2015. Além da Caio o Grupo Induscar é composto pela Fiberbus (fibras), Inbrasp (plásticos de engenharia), Tecglass (vidros), Cpa (processamento de alumínio), GR3 (distribuição de alumínio) e a CEAC (centro administrativo), todas essas empresas possuem suas unidades fabris em Botucatu.

¹⁵¹ “O horário é flexível na Irizar Brasil” In: **Revista Você S.A.**, setembro de 2012.

incumbido de fabricar novos e modernos vagões para reativação da linha férrea entre os municípios de Crato e Juazeiro do Norte, ambos no Estado do Ceará, dando origem ao projeto de um Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), cujo principal objetivo era andar sobre a malha ferroviária já existente. A companhia está presente nos Estados da Paraíba (João Pessoa), Pernambuco (Recife), Maceió (Alagoas), Rio Grande do Norte (Natal) e Ceará (Fortaleza).

Fundada em 1957, na cidade de São Paulo, o **Grupo Centro Flora** atua no desenvolvimento e comercialização de extratos vegetais para os segmentos de cuidados pessoais, nutrição e saúde. O Grupo conta com quatro unidades produtivas, sendo duas em Botucatu (Unidade de Secagem, 1991 e Unidade de Extratos, 2001) e duas em Parnaíba no Estado do Piauí (Unidade Fermo-Química, 2003; Fábrica de Óleos Essenciais, além da aquisição de uma área agrícola – Tabuleiros Litorâneos), uma unidade de inovação (Instituto Floravida, 2002) e dois escritórios um no Brasil e outro nos Estados Unidos; seus produtos são distribuídos para toda América Latina, Estados Unidos, Europa e Ásia.

Criada pelo empresário Valdinei de Oliveira Matiussi a **Fertec** começou suas atividades em março de 1996 num pequeno galpão, atualmente encontra-se em uma área de 4.000 m² no Distrito Industrial III. A empresa atua na transformação de matérias primas (madeira, aço, alumínio, bronze, inox, latão e ferro fundido utilizando-se das técnicas de usinagem, serralheria, caldeiraria e soldagem) desenvolvendo projetos para equipamentos e peças em diversos segmentos: construção civil, setor aeronáutico, automobilístico, agronegócio, transporte urbano e rodoviário, moveis escolares e aparelhos de ginástica.

O **Grupo Impacto** trabalha na transformação do plástico em peças para acabamento, localizada no Distrito Industrial III entre seus clientes estão às empresas de ônibus **Caio** e **Irizar** (acabamentos exteriores e inferiores, estruturas e painéis).

Já o **Curtume Pioneiro**, fundado em 1902 e dirigido pela família Losi desde 1962 está instalado na região central de Botucatu numa área de 50.000 m². Exporta cerca de 30% da sua produção para países da América Latina, África e Europa e também para a China. Entre seus clientes estão a Calçados Jacometti, de Franca no Estado de São Paulo, a Sapatilhas Capezio, Cintos Fasolo, Selas Nogueira e Calçados Samello.

A **SB Industrial Metalúrgica** localizada no Distrito Industrial I aprovisiona Equipamentos de Apoio Solo para a unidade de Botucatu da **Embraer** e a **Irizar**. A **SB Industrial** conta com 50 funcionários.

A **Tecnaut**, fundada no ano de 1993, atua na fabricação de peças e componentes destinados as industriais de implementos agrícolas (tratores, plantadeiras, colheitadeiras, etc.) entre seus clientes estão a AGCO, maior fabricante de tratores da América Latina, CNH –

Case New Holland empresa do grupo FIAT; Yammar/Agritech Indaiatuba cidade do Estado de São Paulo, XCMG Pouso Alegre – Minas Gerais, Jumil Batatais – São Paulo, Caterpillar Piracicaba – São Paulo, além de exportar para os seguintes países: Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Uruguai, Venezuela, Argélia, Republica Dominicana, Guiana, Honduras, Indonésia, Iraque, México, Nicarágua, Arábia Saudita, África do Sul, Estados Unidos, Iêmen¹⁵².

Outro aspecto a ser levado em consideração na dinâmica econômica de Botucatu refere-se ao sistema de ensino e os institutos de pesquisa, aliás, coincidentes em suas funções. “[...] Criada em 2005, a Prospecta já apoiou a formação de 44 empresas, das quais 30 estão no mercado e 14 estão incubadas. A incubadora oferece infraestrutura, treinamentos, cursos e suporte gerencial para os empreendimentos. ‘Os projetos incubados devem ter aderência com as áreas de agronegócios, meio ambiente e biotecnologia’, explica Antonio Vicente da Silva, gerente do Prospecta [...]. Além disso, as empresas recebem consultorias gratuitas nos temas de mercado, finanças, plano de negócios e projetos de captação de recursos. ‘O empreendedor que chega aqui normalmente tem um vasto conhecimento técnico, mas não entende nada sobre gestão empresarial’, explica Silva”¹⁵³.

Entre as empresas originárias da Prospecta estão a **GEMAX-BR** que desenvolveu uma serra dupla para o corte da gema de cana de açúcar, o “nó” da planta – normalmente feita com guilhotinas manuais – essa máquina extrai mais de 1.500 gemas por hora, contribuindo segundo seus desenvolvedores para a adoção do sistema de plantio com mudas pré-brotadas; outra empresa que saiu da incubadora, na condição de empresa associada, isto é, tem algum tipo de parceria com a Prospecta, atualmente são 13 nessa condição, é a **Silvicontrol**, criada em 2010, cujo objetivo é atender pequenos e médios produtores de eucalipto no que tange ao monitoramento e manejo de pragas e doenças. Atualmente, presta serviços as grandes empresas do setor florestal do Brasil as consultorias dadas pela **Silvicontrol** procuram estimular o setor florestal a investir, sobretudo em defensivos; empresa associada a Prospecta, a **Vetdna**, também criada em 2010, tem como principais objetivos diagnósticos moleculares pela detecção do DNA no ramo veterinário. Particularmente na sexagem de aves (determinação do gênero através do DNA), os principais clientes são criadores de pássaros

¹⁵² As informações sobre as indústrias locais foram retiradas da Revista Top Botucatu suplemento do Jornal Diário da Serra, Edição numero 08, “Made in Botucatu – Empresas que levam a bandeira da cidade para bem longe daqui”.

¹⁵³ SANTA ROSA, S. Do laboratório ao mercado. In: **Jornal Unesp**. Universidade Estadual Paulista, Ano XXVIII, número 296, janeiro/fevereiro 2014. Caderno Empreendedorismo, página 06.

como curió, bicudo, azulão entre outros. A **Vetdna** possui laboratório próprio com 170 metros de área construída.

Especificamente sobre as instituições de ensino ressaltamos a atuação da **Universidade Estadual Paulista** já que “[...] Em determinados locais, o volume financeiro representado pela Unesp é superior a toda receita municipal. Em Botucatu, por exemplo, o orçamento da Universidade equivalia a 200% do valor que a prefeitura dispunha para gastar em 2012 [...] Em Botucatu, a cooperação com a Faculdade de Ciências Agrárias (FCA) viabilizou a criação de um Parque Tecnológico voltado ao setor de biotecnologia. ‘Ele [o parque] está umbilicalmente ligado à Universidade. E será preciso muita sinergia entre poder público, Universidade e os setores produtivos’, prevê o prefeito da cidade, João Cury Neto (PSDB). Ele também enfatiza que a existência do Parque Tecnológico no município impulsionou a abertura do novo curso de Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia, na FCA [...]. Outra parceria bastante promovida pela Universidade [...] está na área de saúde [...]. O principal destaque da Unesp é o Hospital das Clínicas de Botucatu, que atende pacientes de toda a região, em grande escala: cerca de 600 mil consultas, mais de 2 milhões de análises clínicas, aproximadamente 30 mil internações, além de cirurgias que ultrapassam 9 mil, somente em 2012 [...]”¹⁵⁴. Recentemente à Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, da Unesp Botucatu foi inaugurada uma fábrica de rações, aviário e baias para animais¹⁵⁵.

¹⁵⁴ LEONE, C. O fator Unesp. In: **Jornal Unesp**. Universidade Estadual Paulista, Ano XXVIII, número 296, janeiro/fevereiro 2014. Caderno Reportagem de capa, página 08 ss. “[...] Parque Tecnológico Botucatu, cujas obras de implantação, preveem um investimento de R\$ 10 milhões. Além da própria Unesp, o projeto contará com a participação das Fatecs (Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo), empresas e órgãos públicos [...] ‘Já concluímos o projeto científico e o processo de estruturação legal do parque, que inclui a criação de uma organização social e de uma lei municipal’, adianta Velini [...] atual diretor da Faculdade de Ciências Agrônômicas de Botucatu. [Segundo Velini] No Estado de São Paulo existem alguns requisitos essenciais para que o governo estadual aporte recursos a um parque tecnológico. É preciso, por exemplo, que a área disponibilizada para a sua instalação seja de no mínimo 200 mil metros quadrados. As empresas que se instalam no parque não podem ter linhas de produção naquele espaço, apenas atividades de pesquisa e desenvolvimento – o parque não é um distrito industrial, mas um espaço de inovação. Dependendo do modelo local, a área para a instalação das empresas no parque pode ser cedida, vendida ou alugada [...] Em 2005 criamos uma incubadora na Unesp de Botucatu, a Prospecta. Já incubamos cerca de 70 projetos de empresas e centenas de pessoas ingressaram no mercado de trabalho graças a essa iniciativa. Desde a sua fundação, definimos que a vocação dessa incubadora era evoluir para a condição de um parque tecnológico. Essa evolução era inevitável. Botucatu é uma cidade de 140 mil habitantes, de pequeno para médio porte, mas tem uma característica de adensamento que é única em termos de Brasil. Na universidade dispomos de toda a área de biológicas, incluindo medicina e veterinária, além de agronomia, engenharia florestal, engenharia de bioprocessos e um centro de biotecnologia e biomateriais. Além disso, a cidade conta com duas fábricas de ônibus e uma de aviões, a Embraer”. GIRALDI, A. Fábricas de tecnologia. In: Revista Unesp ciência. Fevereiro de 2013 págs. 25 ss.

¹⁵⁵ SANTA ROSA, S. Inaugurações em Botucatu. In: **Jornal Unesp**. Universidade Estadual Paulista, Ano XXXI, número 313, agosto de 2015. Caderno Universidade, págs. 11 ss. **Em entrevista com o Senhor Paulo F. C. Mourão professor da Universidade Estadual Paulista sobre a economia botucatuense o mesmo reitera algumas das afirmações feitas ao longo da pesquisa** “[...] A principal indústria de Botucatu é a Universidade Estadual Paulista. Em termos de fábrica é a Embraer. Tem muita coisa ligada a produtos médicos, equipamentos ligados a medicina. Tem uma incubadora tecnológica ligada a área de biotecnologia. É uma incubadora parceria da Unesp com a prefeitura municipal [o principal intuito é] incubar empresas na área de biotecnologia,

Entre as empresas industriais existentes em Avaré ressaltamos o **Grupo Furlan** fundado em março de 1888 por Gio Batta Furlan e seus familiares. Inicialmente, a família Furlan desenvolvia suas atividades na cidade de Campinas Estado de São Paulo, na fazenda produtora de café Taquaral propriedade de Gabriel Rodrigues de Castro. Em 1900, Gio Batta Furlan adquiriu o Sítio Matão, em Santa Barbara do Oeste cidade do interior paulista. Antonia Fagnoli Furlan sua esposa e seus seis filhos, em 1910, iniciaram a produção de açúcar batido em engenho movido a tração animal e moendas de madeira. Com a morte do patriarca em 1915, Antonia Furlan e seus filhos se mantiveram a frente dos negócios familiares e a partir de 1928 iniciaram a produção de açúcar mascavo. Na década de 1940, os irmãos Furlan inauguraram uma Usina Hidroelétrica e no dia 30 de novembro de 1949, a empresa recebe o nome de **Usina Açucareira Furlan**. Em 1978, tem início produção de etanol. De acordo com a UNICA (União da Indústria de Cana de Açúcar), o **Grupo Furlan** é uma sociedade familiar de capital fechado, constituída por duas empresas distintas: a **Usina Açucareira Furlan** concentra o trabalho industrial, sobretudo fabricação de açúcar e etanol, na sua sede principal em Santa Barbara do Oeste; a outra empresa é a **Agropecuária Furlan**, localizada em Avaré atua na área agrícola. O açúcar produzido é destinado à exportação e refino; já o etanol são fabricados dois tipos: i) o etanol hidratado carburante que é utilizado diretamente nos motores de veículos; e o ii) etanol anidro misturado a gasolina; 80% da produção é destinada ao mercado interno e o restante para exportação¹⁵⁶. Para G. T. Silva Jr.:

[...] o panorama agrícola de Avaré, antes dominado pelo cultivo de grãos e com extensas áreas para pastagem, dá espaço aos canaviais. Com clima ameno, topologia plana e solo produtivo, o município vem sendo muito procurado por empresários sucroalcooleiros. *Com quase 5.000 hectares de terras reservadas para o plantio da cana, O Grupo Furlan investiu R\$ 80 milhões na implantação, em solo avareense, da primeira usina que começará a moer 500 mil toneladas de cana ao ano. A expectativa é de que a produção de açúcar e álcool gere muitos empreendimentos e incremente a economia regional*¹⁵⁷ (grifos nossos).

Fundada em 1967, a **Sucocítrico Cutrale** foi iniciativa de José Cutrale Jr.; Cutrale Jr., começou com o comércio de laranjas entre os mercados municipais dos Estados do Rio de

agricultura, etc. Tem as duas empresas de ônibus: A Caio é dona de linhas de ônibus em São Paulo [capital] e a Induscar é de um grupo espanhol... é a mesma todas elas eram da família do Felipe Massa [piloto de formula 1], só que eles faliram e dividiram em duas aí venderam a outra empresa. Eucatex é da família Maluf e a Duratex é do grupo Itaú [...]”. **Entrevista realizada no segundo semestre de 2012.**

¹⁵⁶ **Usina Furlan Informe Institucional.**

¹⁵⁷ SILVA JÚNIOR, G. T. da. **Avaré: terra do verde, da água e do sol.** São Paulo: Noovha América, 2007 págs. 35 ss.

Janeiro e de São Paulo. Afora fruta *in natura* e do suco de laranja, a **Cutrale** comercializa o farelo de polpa cítrica, sobretudo para pecuaristas como ingrediente para ração animal. 98% da produção de suco de laranja são destinados à exportação, principalmente para os países da América do Norte, Europa e Ásia.

José Luiz Cutrale, 50, permanecerá no comando da maior processadora de suco de laranja do mundo, a Sucocítrico Cutrale Ltda., após a morte de seu pai, o fundador da empresa [...]. José Cutrale, 78 anos, morreu na quarta-feira em uma das fazendas de laranjas da família na cidade de Araraquara, interior paulista. A empresa familiar, que costuma divulgar poucos detalhes de sua operação e cujos diretores raramente concedem entrevistas, é responsável atualmente por cerca de um terço da produção brasileira de suco de laranja congelado concentrado (Fcoj, na sigla em inglês). O Brasil é o maior processador e exportador mundial do produto. [...]. José Cutrale, o filho mais novo de um imigrante italiano que comercializava laranjas em São Paulo, comprou sua primeira fazenda em Araraquara em 1952 e sua primeira fábrica de suco, a Suconasa, em 1967. Sucessivas geadas que atingiram os laranjais da Flórida no passado fizeram os preços do suco dispararem no mercado internacional, elevando substancialmente os lucros das operações da família Cutrale [...]. O Estado de São Paulo responde por 95 por cento do volume exportável de suco de laranja brasileiro¹⁵⁸.

Especificamente em Avaré:

A instalação do escritório regional da Sucocítrico Cutrale em Avaré, empresa que produz 20% do suco de laranja consumido no mundo, provocou a franca expansão da citricultura na região, favorecida por sua terra vermelha e de alta produtividade. Outras empresas do setor vieram, gerando mão de obra, e os pomares estão em franca expansão. Segundo o Instituto de Economia Agrícola (IEA), em 2005, o número de pés de laranja em Avaré aumentou de 425,9 mil para 562,9 mil¹⁵⁹.

Empresa Auto Ônibus Manoel Rodrigues, fundada em 1939, suas atividades começam quando um transportador da região de Avaré, percebendo as dificuldades de transporte naquela localidade, ofereceu ao jovem imigrante Manoel Rodrigues a possibilidade de transportar malotes postais e passageiros. A primeira linha da empresa ligava Avaré a Taguarituba e em 1958 vieram às linhas para a capital. Nos dias atuais a empresa é permissionária de vinte e sete linhas rodoviárias e suburbanas operando nos setores de fretamento e turismo. Trabalha em mais de quarenta municípios possuindo sete garagens¹⁶⁰.

A **INRODA** nasceu na Rua Rio de Janeiro, na década de 1960, numa pequena oficina chamada “**Oficina do João Torneiro**” lá surgiu a **Roçadeira de Arrasto Avaré** para prática de limpeza de lavouras e pastagens. João Sampaio, o fundador, prestava serviços de tornearia

¹⁵⁸ BLACKBUM, P. Após morte de fundador, comando da Cutrale segue com José Luiz. *In: Agência Reuters*, Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 2004.

¹⁵⁹ SILVA JÚNIOR, G. T. da. **Avaré: terra...**, op. cit., págs. 35 ss.

¹⁶⁰ **Manoel Rodrigues Informe Institucional.**

recuperando peças de caminhões, automóveis, tratores e máquinas agrícolas aproveitando o chassi de caminhões para produzir carretas agrícolas; junto com seu irmão Roque iniciaram diversos testes até surgir o protótipo da primeira máquina de roçar. Logo, pecuaristas e lavradores começaram a utilizar o invento, gradativamente, a roçadeira produzida sob encomenda passou a ser industrializada dando origem a **Indústria de Roçadeiras Desbravador Avaré – INRODA**. Com a produção em série a empresa adquiriu novas instalações mudando-se para a Rua Piauí, no início da década de 1970. A **INRODA** produz roçadeiras hidráulicas, caçambas carregadeiras, garfos para silagens, guinchos hidráulicos, trituradores e carretas forrageiras atende o mercado nacional e internacional¹⁶¹.

A **Melitta** surgiu em 1908 na Alemanha, a partir de um registro de Melitta Bentz (criação do primeiro coador de café). A empresa tem presença em 60 países. No Brasil, é líder nos segmentos de café a vácuo e filtros de papel. Possui três fábricas, uma em Avaré (torrefação de café) e duas no Rio Grande do Sul (Bom Jesus e Guaíba, torrefação e filtros, a empresa também comercializa acessórios como jaras e suporte para filtros).

No ano passado, a receita bruta da companhia no país foi de R\$ 812 milhões, 13% a mais que em 2011 [...]. Em 2012, a Melitta Brasil representou 20% do faturamento mundial da empresa familiar alemã, de capital fechado, presidida atualmente por integrantes da terceira e quarta gerações da família Bentz [...]. Somente no segmento de cafés – com as marcas Melitta e Bom Jesus – a receita cresceu 14% em 2012, enquanto as vendas de filtros aumentaram em 7%. O Café Bom Jesus, do Rio Grande do Sul, foi adquirido pela Melitta em 2006 e possibilitou uma maior presença na Região Sul, que compõe, juntamente com São Paulo, o maior mercado para a companhia [...]¹⁶².

¹⁶¹ **INRODA Informe Institucional.**

¹⁶² Ferreira, C. Otimista, Melitta prevê receita de R\$ 1 bi no país em dois anos. In: **Valor econômico**, outubro de 2013.

Em Ourinhos destacamos a **Colchões Castor** iniciou suas atividades na Vila Musa, quando Hélio Silva, seguindo a tradição familiar fundou a **Colchões Hélio Silva**, uma fábrica de cunho artesanal que utilizava capim cortado das margens da rodovia Raposo Tavares como matéria prima para produção de colchões. Em 1983, a fábrica transfere-se para o Distrito Industrial I¹⁶³. A empresa detém ainda unidades no Rio Grande do Sul (Passo Fundo) e em Minas Gerais (Juiz de Fora).

A **Marvi** fundada por Martini Renzo Giovanni começou produzindo casquinha de sorvete em uma máquina manual, onde o próprio Giovanni vendia, fabricava e realizava as entregas.

A **Usina São Luiz** foi fundada por Orlando Quagliato em 1951. A família Quagliato descende de imigrantes italianos e habitavam anteriormente em Porto Feliz cidade do interior paulista. Não temos informações precisas sobre o surgimento e a evolução dos Quagliato em Ourinhos; segundo mostram alguns registros foi sobre proprietários arruinados que o Grupo Quagliato foi concentrando terras “[...] 1948, chegada dos Quagliato. Tinham lábia e conseguiram comprar terras a preços muito baixos. Começaram pequenos. Pelo menos três famílias fizeram contrato e plantaram cana para os Quagliato. Estes não pagaram tão bem e os proprietários foram obrigados a vender a terra e se mudaram para os cantos de Maringá”¹⁶⁴.

[...] Atualmente, é administrada pelos quatro filhos da segunda geração do fundador. Também participam da empresa seus filhos e genros, constituindo a Diretoria Executiva. A empresa define-se enquanto ‘uma das organizações mais tradicionais da região, gerando em torno de 3.200 empregos diretos’. Em seu período inicial, no biênio 1950-51, a São Luís produziu de 13.375 sacas de 60 kg de açúcar, enquanto em 2008-09 produziu 3.028.875 sacos de 50 kg de açúcar, 94.150.000 litros de álcool e 1.941,3 toneladas de levedura¹⁶⁵.

Os Quagliato atuam na produção de açúcar, álcool e manutenção automotiva na agroindústria canavieira. É participante do grupo CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) e também da União da Agroindústria Canavieira de São Paulo e da Usina e Destilarias do Oeste Paulista. A comercialização do açúcar é feita desde 1959 pela Coopersucar. Em 1970, além de expandir a produção com a destilaria de álcool concentrou na região norte do país atividades ligadas à pecuária;

¹⁶³ A empresa também começou produzindo cadeiras, sofás, mesas, etc. A fábrica localizada em Ourinhos é apenas para a fabricação de colchões e não de todos os tipos; a unidade produz colchões de molas ensacadas (chamadas molas pocket), utilizando-se de tecnologia suíça.

¹⁶⁴ Relato do senhor Casemiro Bernardo, proprietário rural em Canitar município vizinho. *Apud.* ALONSO, B. H. *Breves considerações sobre a formação do espaço rural...*, op., cit, págs. 45 ss.

¹⁶⁵ Usina São Luiz.

Roque Quagliato deixou para trás a confortável vida de usineiro que levava em Ourinhos, no interior de São Paulo, para tentar a sorte como pecuarista no meio da selva amazônica. O destino era Sapucaia, na região de Xinguara, a 600 quilômetros da capital do Pará, Belém. Era 1973, e na época o governo militar incentivava a migração para a Amazônia. Roque subiu de barco pelo rio Araguaia e abriu picadas na mata para conhecer as terras que estavam à venda. ‘Minha família queria ampliar os negócios com a pecuária’, diz ele. ‘Fui lá ver que oportunidade havia no norte’ [...]. Ao longo de 30 anos, transformou aquelas terras no meio do nada no maior complexo de pecuária de corte do Brasil. Roque e seus irmãos Fernando, Francisco e Luiz controlam o grupo Quagliato, cujo plantel soma mais de 200 000 cabeças. Cerca de 150 000 delas estão em oito fazendas no sul do Pará [...]. Na cadeia produtiva da carne, os Quagliato estão para a pecuária de corte assim como José Batista Júnior, dono da Friboi, o maior frigorífico do país, está para a indústria da carne. Seus bois abastecem as gôndolas de grandes redes de supermercados do país, como o grupo Pão de Açúcar, que busca no Pará 12% da carne vendida em suas lojas. Para ter uma idéia do que representa o rebanho dos Quagliato na história recente da pecuária, basta compará-los a Samir Jubran. Ele foi chamado de rei do gado nos anos 90, quando seu rebanho chegou à marca de 150 000 cabeças. O grupo Quagliato tem 33% a mais do que isso¹⁶⁶.

A história do **Café Jaguari** começa com a sociedade entre Pedro Labs e Francisco Avanzi, primeiramente com uma empresa de beneficiamento de arroz em Ribeirão Preto Estado de São Paulo, paulatinamente devido à expansão dos negócios, a atividade passou a ser a compra de café em coco dos produtores da região, adquirindo a fábrica do **Café Jaguari Torrefação e Moagem**, no município de Chavantes interior paulista. Em 1987, dedica-se exclusivamente à torrefação e comercialização de café, sendo a fábrica transferida para Ourinhos.

A **Caninha Oncinha** foi fundada pelo casal Ítalo e Hermínia Ferrari. Sobre as origens dos fundadores da empresa temos o seguinte registro histórico:

[...] Ourinhos era uma terra de futuro com famílias italianas progredindo nos negócios. O jovem Italo Ferrari resolveu fazer o mesmo. Uma viagem a mais numa série de aventuras iniciadas em 1906, em Pievi di Saco, no Norte italiano, quando a família emigrou para o Brasil. A primeira parada foi em Sertãozinho, onde Ítalo, os pais e mais sete irmãos foram colonos nos cafezais da região. Oito anos de lavoura. Segunda parada, em Ipauçu, ponta da linha da *Sorocabana*, lugar propício para um negócio novo, o comércio de bebidas. Em 1915, já casado com dona Hermínia Crivelari e com apenas 20 anos, Italo Ferrari resolveu que a terceira parada seria Ourinhos. De início, um bar na Jacintho Sá, que estava longe de parecer uma avenida. Outro bar na rua Paraná com a novidade de uma pequena fábrica de guaraná e a representação da cerveja Antarctica. O nome do comerciante e industrial foi se firmando. O guaraná Ceci tornou-se um sucesso. Em 1930 o refrigerante foi rebatizado com o nome de Ivoran, homenagem ao filho Ivo. Nos anos 40, com a empresa em fase de grande expansão, a família decidiu concentra-se na revenda de cerveja e na produção de aguardente em larga escala. Nascia a *Caninha Oncinha S/A*. O velho Italo construiu uma casa na rua Nove de Julho e passou os negócios

¹⁶⁶ SALOMÃO, A. Os novos reis do gado. In: **Exame**, janeiro de 2005.

para os filhos Nilo, Ivo e Lino (teve duas filhas, Alba e Geny). Tornou-se uma figura respeitada da comunidade Italiana. Faleceu em 1958¹⁶⁷.

Indústria Mecânica Zanutto começou no ano de 1961, na Rua Duque de Caxias, num barracão de madeira alugado. Já no ano de 1965 muda-se novamente para a Rua Brasil nº 681, nessa época a pequena indústria mecânica se chamava **Oficina Universal** especializada em pequenas reformas, consertos de implementos agrícolas e fabricação de equipamentos industriais.

Atualmente fabrica caldeiras, silos, estruturas metálicas, elevadores de caneca e correias transportadoras, atendo a usinas, siderurgias, mineração, etc. Exporta para todo o MERCOSUL, sob o comando de Celso Zanuto que começou trabalhando no auxílio ao seu pai Onofre Salvador Zanuto, torneiro mecânico, em montagens industriais¹⁶⁸.

A **Tecnal** foi fundada por Ary Pocay¹⁶⁹. O empreendimento atua no setor de extração de óleos vegetais, sendo que em 1976 desenvolve tecnologia própria. Com o crescimento do agronegócio no país, em 1980 a empresa investe no armazenamento de grãos e em 1990 no segmento de ração para animais. Recentemente foi firmada parceria com a empresa austríaca BDI que atua na construção de plantas de biodiesel dando origem a **BDI & Tecnal tecnologia em biodiesel Ltda**¹⁷⁰.

A **Tecnal** é composta por três empresas: i) **Tecnal Projetos, Assessoria e Instalações Industriais Ltda**, Projetos e engenharia; ii) **TNL Indústria Mecânica Ltda**, Fabricação de equipamentos; iii) **TSG Indústria Mecânica Ltda**, Fabricação de equipamentos de transportadores mecânicos, esta unidade está instalada em Salto Grande, cidade próxima a Ourinhos. “No dia 13 de maio de 1976, fundou a Tecnal, especializada em projetos, pesquisas e desenvolvimento de processos de extração de óleos vegetais, com tecnologia própria [...], neste momento se iniciava a produção de soja em grande escala no Brasil, e com ela a necessidade de desenvolver novas tecnologias [...]. Um dos marcos de sua história é o

¹⁶⁷ DEL RIOS, J. **Ourinhos memórias de uma cidade paulista**. Ourinhos, SP: Prefeitura Municipal, 1992 págs. 90 ss.

¹⁶⁸ Entrevista com Celso Zanuto. In: **Jornal Diário de Ourinhos**, maio de 2012.

¹⁶⁹ “[...] filho de João Sílvio Pocay e Dona Escolástica, neto do Coronel Pedro Sílvio Pocay, imigrante italiano, fundador da cidade de Salto Grande [...] começou a trabalhar no cartório em Ourinhos. Em 1950, a Sevix Engenharia monta canteiro de obras para a construção da barragem de Salto Grande, Ary Pocay ingressa para trabalhar nesta obra [...], atuando como servente [...]. A primeira empresa do Industrial Ary Pocay foi a IMCAL, Indústria Mecânica Cardoso Ltda, em Sociedade com José Cardoso. Ary possuía 40% das ações e ocupava o cargo de diretor geral, isto no ano de 1966”. 50 anos dedicados ao trabalho: a história do industrial Ary Pocay. Edição Comemorativa...

¹⁷⁰ Tecnal celebra missa em comemoração aos 36 anos de fundação In: **Jornal Diário de Ourinhos**, maio de 2012.

lançamento do equipamento *expander* que revolucionou o processo de massa expandida [...] um aproveitamento de 30% superior no processo de extração de óleos”¹⁷¹.

Aliás, é significativo o setor metal mecânico para a economia da cidade como podemos constatar a partir do seguinte fragmento de texto.

O setor metal mecânico é um dos setores industriais mais fortes que habitam os Parques Industriais do município no momento. Um exemplo é a Indústria Alliance, que atua há 14 anos na cidade [...] seu fundador, Sr. Edenilson Natale, foi funcionário da empresa ‘Tecnal’ (formada em 1976 pelo Sr. Ary Pocai), que também produz equipamentos para beneficiamento de grãos de milho e soja, onde aprendeu o ofício do segmento e reproduziu em sua empresa. Outra empresa emblemática é a Zanuto Indústria Mecânica. Iniciada no ano de 1965, através de uma pequena metalurgia localizada ao centro da cidade [...] e foi se localizar [...] em fins dos anos 1990, no Distrito Industrial II [...]”¹⁷².

Linha acima mencionamos algumas características econômicas dos nossos estudos de caso, além de analisar as empresas e os empresários industriais. Assim sendo, gostaríamos de acrescentar mais algumas observações.

Ao longo da pesquisa assinalamos, mesmo que de modo difuso, algumas características comuns aos ramos industriais, como por exemplo, sua gênese. Durante nossas visitas a campo questionamos como essas empresas reagem às oscilações da economia, quais são suas estratégias para superar as fases expansivas e recessivas da economia, sobretudo os juglarianos cuja origem está ligada a relação entre oferta e consumo, diferentemente dos ciclos kondratiev que tem sua origem nas revoluções tecnológicas. Pois bem, cada ramo industrial vai reagir de maneira diferenciada segundo suas particularidades, mas o que ficou evidenciado é que a principal estratégia dos agentes econômicos é a diversificação.

Os grupos econômicos que diversificaram conseguiam superar melhor a crise diferentemente daqueles que continuavam amarrados às velhas estruturas. Tomemos como exemplo a **Castor** o empreendimento detém negócios que não são do ramo principal da empresa; possuem participação no setor hoteleiro através do **Ibís Hotel**, além da unidade em Ourinhos existem mais duas na cidade de São Paulo uma dessas unidades localizada na Av. Brigadeiro Luis Antonio. Outro fator a ser levado em consideração são as políticas econômicas em âmbito nacional, a **Castor** realizava suas atividades relativamente tranquila, isso porque a concorrência basicamente constituía-se de empresas nacionais, como por exemplo, a **Ortobom** do Estado do Paraná, além de mais algumas fábricas, com a abertura

¹⁷¹ 50 anos dedicados ao trabalho: a história do industrial Ary Pocay. Edição Comemorativa...

¹⁷² IZZO, J. C.; FUINI, L. L. A industrialização da região de Ourinhos: a dinâmica territorial das aglomerações produtivas. In: **Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**, Agosto de 2014 págs. 08 ss.

comercial instituída nos anos 1990 começaram a entrar os grandes grupos americanos e europeus. Isso praticamente impossibilitou a empresa de disputar o mercado para os colchões de alto padrão, fazendo com que a **Castor** retorne-se ao mercado de colchões mais populares.

Em relação à localização industrial percebe-se que a mesma fica restrita aos Distritos Industriais; as empresas instaladas nesses distritos, até onde tivemos oportunidade de verificar não recebem nenhum apoio institucional, entendido aqui como recursos para erguer as fábricas em momentos tumultuados, os incentivos se restringem a doações de terrenos, implantação de infraestrutura, incentivos fiscais, regularização dos terrenos junto aos órgãos de planejamento territorial entre outros.

Também verificamos em visitas há algumas unidades industriais que os fatores de localização industrial ainda continuam sendo “os fatores tradicionais”, ou seja, vias de transporte (logística), acesso facilitado as matérias primas, etc.

CAPITULO III. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DAS INDÚSTRIAS: OS DISTRITOS INDUSTRIAIS

Para Paulo F. C. Mourão

A terceira etapa relativa à concentração e desconcentração industrial, começa em meio à crise econômica de 1980 e aí a desconcentração vai diminuindo, mas continua, não como projeto, e sim devido a crise que afeta profundamente a economia industrial de São Paulo e de outras regiões. A falta de crédito leva a uma redução significativa da atividade, principalmente nos setores mais modernos, como no metal mecânico, material de transporte, químico e eletroeletrônicos, que tinham maior concentração em São Paulo. Na década de 1990, a opção neoliberal vai aprofundar a crise na indústria brasileira [...]. A desconcentração continua quase como uma opção de mercado: o resultado será a redução de plantas industriais, de empregos e a busca de localizações industriais que possibilitem as vantagens comparativas e aí entra o componente da guerra fiscal, não como regulador do estado, abrindo assim possibilidades para que estados e cidades se tornem mais atrativos no sentido de oferecer o que possuem e não possuem para atrair as empresas. As próprias mudanças na organização da indústria e da tecnologia com a reestruturação produtiva é questionável: uns apontam que a reestruturação produtiva reduz a desconcentração, mas considero que ela estimula, mantém o processo ativo, embora, não há dúvida, num ritmo menor. A reforma liberal desmonta e desintegra o projeto nacional brasileiro, o governo abandona o papel de coordenação, deixando as empresas privadas autônomas em suas políticas territoriais. Observamos todo um processo da mídia, via algumas instituições gerenciais do governo, como SEBRAE e FIESP, tentando estimular as localidades entorno de um discurso de prosperidade de desenvolvimento local, da formação de sistemas locais de produção, que poderiam criar vantagens comparativas, atraindo indústrias que estavam localizadas em áreas melhor posicionadas que São Paulo ou mesmo novas indústrias, ramos e atividades. O chamado polígono industrial deixa de ser o pólo de integração nacional, diminuindo o poder de São Paulo na coordenação do processo de industrialização do país¹⁷³.

Já nos referimos ao debate em torno do processo de desconcentração industrial no Estado e, algumas de suas características, neste fragmento da pesquisa procuraremos apresentar a localização dos ramos industriais, além de retomar algumas características econômicas de nossos estudos de caso.

De acordo com a Prefeitura Municipal da Estância Turística de Avaré entre os principais cultivos da municipalidade estão: o café, a cana de açúcar e a laranja. Mas é a produção leiteira a responsável por impulsionar o agronegócio na cidade. São aproximadamente 550 proprietários produzindo anualmente cerca de sete milhões de litros.

¹⁷³ MOURÃO, P. F. C. Sudeste o “core” econômico em questão. In: **Geografia Econômica: Anais de Geografia Econômica e Social. Transformações regionais no Brasil**. UFSC. Florianópolis: Impressão no Departamento de Geociências, Abril de 2009 págs. 129 ss.

No ramo de doces, 70% da produção é vendida a municípios do Estado. Avaré também concentra atividades ligadas ao turismo, a Represa Jurumirim, feiras de negócios, leilões de gado nelore, etc. O comércio desenvolvido atrai grandes redes varejistas que decidiram abrir suas filiais no município. Para a Secretária de Desenvolvimento esses recursos garantem renda a 400 mil pessoas de vinte municípios, transformando Avaré em polo econômico do Vale do Paranapanema¹⁷⁴.

Atualmente, o município possui dois distritos industriais, o Distrito Industrial Primavera e o Distrito Industrial Nova Avaré, as empresas instaladas nesses distritos estão relacionadas à fabricação de máquinas e equipamentos para uso industrial, peças e acessórios, utensílios médicos, cirúrgicos, odontológicos e de laboratório, serviços de montagem de móveis, sorvetes e outros comestíveis, vestuário entre outros.

Especificamente sobre Avaré pode-se dizer que os setores ligados a agroindústrias constituem-se em um dos motores da economia; serviços de pulverização e controle de pragas agrícolas, cultivo de cítricos, criação de aves, etc. que aliados aos fatores naturais como clima, topologia e solo produtivo, atraem empresas (casos do **Grupo Furlan** e da **Sucocítrico Cutrale**).

A vocação industrial de Botucatu vai desde o segmento aeronáutico, transporte automotivo, madeira reconstruída, plásticos até os ramos metal mecânico e de confecções¹⁷⁵. A propósito quando questionado sobre o perfil econômico botucatuense o prefeito João Cury Neto (PSDB) argumentou:

[...] Botucatu é uma cidade muito industrializada, nós abrigamos 255 indústrias. Temos aqui, no setor aeronáutico, um braço da Embraer, com mais de 2.000 funcionários; no setor automotivo, a Caio/Induscar, líder no país na produção de carrocerias de transporte coletivo urbano, e a Irizar, empresa espanhola encarregadora de ônibus rodoviários; no setor de serviços temos o maior campus da Universidade Estadual Paulista do Estado, que atua principalmente no setor de ciências biológicas; temos o Hospital das Clínicas, que é uma importante extensão da universidade, e temos representatividade também no setor agrário [...] fizemos uma discussão sobre as vocações do município e concluímos que a citricultura tem crescido muito. Hoje temos aproximadamente três milhões de pés de laranja e um milhão de pés de limão [...]. Temos aqui duas plantas fabris de eucalipto, uma da Eucatex e uma da Duratex, e isso é peculiar, pois são duas concorrentes que disputam o mesmo local [...]. Estamos recebendo um alcooduto da empresa Uniduto Logística S/A. O etanol será trazido por produtores, através de rodovia ou ferrovia, até a base coletora de Botucatu, que redistribuirá o etanol por meio de dutos até

¹⁷⁴ “Economia de Avaré cresce 20% ao ano” In: **TEM Noticiais – Economia**, setembro de 2011.

¹⁷⁵ **De acordo com o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, regional Botucatu.**

Paulínia, região metropolitana de São Paulo e ao porto da Uniduto, no Guarujá, onde será destinado ao mercado por navegação. A Uniduto é uma empresa de logística que tem como sócios a Cosan, que é a maior produtora de etanol do mundo, a Copersucar e Crytalsev, que são grandes usinas. Elas farão um investimento de R\$ 2 bilhões. Estamos trabalhando com o licenciamento ambiental, para que seja inaugurado no início de 2012 [...]. Nós já temos três distritos industriais em Botucatu, e queremos esse outro espaço a empresas que não têm vocação de base tecnológica [...]¹⁷⁶.

Recentemente a prefeitura apresentou um projeto para a criação de novo distrito industrial, o quarto, ao lado do Distrito Industrial III¹⁷⁷. “O novo projeto prevê a criação de 134 lotes no Distrito Industrial IV. A prioridade será atender as pequenas e médias empresas. Ao contrario do Distrito III, onde os lotes tinham metragem mínima de 1.500 m², desta vez a metragem mínima será de 1.000 m². As ruas projetadas terão 20 metros de largura e [...] infraestrutura (água, esgoto, energia elétrica, guias, sarjeta e asfalto) [...]. Só no Distrito III, hoje, são cerca de 1.000 trabalhadores”¹⁷⁸.

Entre as empresas recém-instaladas em Botucatu, seguindo essa tendência de doação de áreas nos distritos industriais podemos citar: A **Taj Alimentos** localizada no Distrito Industrial III, fabricação de polpas de frutas, atende o mercado interno, além de exportar sua produção para Panamá, China, Estados Unidos, Austrália e Espanha. A fábrica em Botucatu é a terceira unidade do **Grupo Taj**, cuja atuação está também nas áreas de importação de brinquedos e malas de viagem. “[...] Botucatu foi escolhida para receber o empreendimento após a empresa visitar 16 municípios. O investimento inicial para que a unidade entre em operação está em cerca de R\$ 2 milhões”¹⁷⁹.

Assim como a **Bedisva** beneficiamento, distribuição de vidros e acessórios; a **Matos Martinelli** peças automotivas e a **Mulotto e Mulotto**.

[...] **Bedisva** atua no segmento de vidros temperados e laminados para a construção civil. A empresa, constituída em 2005, iniciou suas atividades em um pequeno galpão no Parque Marajoara, com um quadro de nove funcionários e produção média de 2.000 m² de vidro por mês. A nova perspectiva é que o quadro de funcionários aumente dos atuais 65 para 78 trabalhadores e produção atinja 34.000 m² de vidro por mês. O projeto da empresa prevê investimentos da ordem de R\$ 2,7 milhões em instalações e aquisição de maquinário [...] **Matos Martinelli** atua na fabricação de chicotes elétricos [...]. Emprega atualmente 10 funcionários. O crescimento no mercado motivou a empresa a elaborar o projeto de construção de uma planta industrial própria, que inicialmente deverá ter cerca de 600 m² de área construída [...]. Mulotto e Mulotto atua desde 1987 no segmento de pré-moldados de concreto armado para a construção civil. Mas há cerca de 2 anos desativou sua

¹⁷⁶ “DCI informa que Botucatu ganha alcooduto e parque industrial”. In: **Jornal Acontece Botucatu**, maio de 2010. **Matéria publicada originalmente no Jornal Diário do Comércio, Indústria & Serviços de São Paulo.**

¹⁷⁷ **Originalmente o terreno destinado ao Distrito Industrial IV, área de 234 mil m², seria destinada para Irizar construísse sua nova fábrica, entretanto, a empresa decidiu adiar o empreendimento.**

¹⁷⁸ “Prefeitura apresenta projeto de novo distrito industrial”. In: **Jornal Acontece Botucatu**, setembro de 2014.

¹⁷⁹ “Nova indústria sacramenta instalação em Botucatu”. In: **Jornal Acontece Botucatu**, janeiro de 2014.

antiga sede devido a mesma estar localizada numa área residencial, no Jardim Paraíso. Com o novo espaço [...] no Distrito Industrial III, além dos pré-moldados de concreto, a empresa pretende incrementar os serviços de beneficiamento de aço [...]¹⁸⁰.

¹⁸⁰ “Oficializada doação de áreas para mais três empresas”. In: **Jornal Acontece Botucatu**, agosto de 2015.

Para F. Ferreira Dias & R. Dantas, no município de Ourinhos:

[...] As atividades econômicas que ocorrem na área urbana têm maior relevância para a economia do município, pois Ourinhos tem atualmente o papel de centro comercial e prestador de serviços em sua microrregião, além de relativa influência para cidades localizadas no norte pioneiro paranaense quando às atividades citadas. Entretanto, destaca-se o setor de serviços como o mais importante para a economia do município, tanto relação à geração, participação no PIB de 826.135 mil reais [...] que representa 69,5% do PIB do município. Cabe destacar que a cidade apresenta comércio varejista com lojas de grandes redes de varejos com atuação nacional como Supermercado Pão de Açúcar, Casas Bahia, Pernambucanas, McDonalds, Magazine Luiza, Lojas Cem, Hotel Ibis entre outros. No setor industrial são importantes as indústrias Colchões Castor, indústria de produtos para a fabricação de alimentos de abrangência nacional Marvi, indústria de material mecânico Tecnal, Café Jaguari que atende ao mercado regional e exportação e Indústria Mecânica Zanuto, que possui atuação nacional. Ourinhos se destaca como centro distribuidor de derivados da indústria sucroalcooleira em especial para o sul do Brasil, sendo a ferrovia administrada pela América Latina Logística ALL [...] ¹⁸¹.

Conforme os referidos autores do ponto de vista econômico para o Estado de São Paulo, o município é considerado inexpressivo, “[...] mais é singular quanto à localização geográfica [...]. Localiza-se em um importante entroncamento rodoferroviário que liga a Região Sudeste com as Regiões Sul [...] Centro-Oeste e a porção ocidental da Região Norte [...] através das rodovias Raposo Tavares (SP-270), Mello Peixoto (SP-278), Orlando Quagliato (SP-327) e Transbrasiliana (BR-153) ¹⁸²”.

¹⁸¹ FERREIRA DIAS, F.; DANTAS, R. O papel do Estado na construção do Espaço Urbano de Ourinhos (SP): os conjuntos habitacionais periféricos. In: **Revista Ciência Geográfica**. AGB-Bauru, Bauru-SP, Ano XVII, Vol. XVII nº 1, Janeiro/Dezembro, 2013 págs. 98 ss.

¹⁸² FERREIRA DIAS, F.; DANTAS, R. O papel do Estado na construção do Espaço Urbano..., op.cit., págs. 98 ss.

Ilustração: Perímetro Urbano, Ferrovia, Rodovias principais.

Fonte: Prefeitura Municipal, 2008. Apud FERREIRA DIAS, F.; DANTAS, R. O papel do..., op. cit., págs. 99 ss.

Assim sendo, “[...] Devido a sua excelente localização geográfica, no Corredor Sudeste, Ourinhos se destaca por possuir um dos maiores entroncamentos rodoferroviários, tendo facilidades para o fluxo de transportes rodoviários e ferroviários, possibilitando o escoamento de produção para os dois principais portos brasileiros, o Porto de Santos e o de Paranaguá. Recentemente foi inaugurada [...] a ampliação do Trevo de Ourinhos, importante entroncamento das rodovias Raposo Tavares, que liga as regiões Leste/Oeste e Transbrasiliana (BR-153) ligando Norte/Sul do país. ‘Esse destaque que Ourinhos recebeu do Governo Federal é uma ótima notícia, pois Ourinhos ocupa uma posição estratégica no país [...] e temos um dos maiores entroncamentos rodoferroviários da América do Sul, sem contar as importantes empresas de logística instaladas. Não podemos esquecer que o município também é um polo de distribuição de combustíveis para São Paulo, Mato Grosso do Sul e toda a Região Sul’ [...]. O secretário de desenvolvimento econômico José Claudinei Messias também falou sobre o assunto. ‘Por conta de nossa ótima localização e também das melhorias implantadas nas rodovias, a expectativa é de aumento significativo no transporte e também a possibilidade de mais empresas virem se instalar em nossa cidade. Hoje já temos importantes empresas que fazem distribuição de produtos a partir de Ourinhos para a região sudeste todas, através de CD (Centros de Distribuição). A malha ferroviária tem importante papel, pelo custo mais barato e que deve ser mais explorado. Também temos um aeroporto com potencial para atender a região sudeste do país. Estamos em contato permanente com empresários do setor de transporte e logística devido nosso potencial’¹⁸³”.

Atualmente, o município possui três Distritos Industriais (Distrito Industrial I “Dr. Hélio Silva”, Distrito Industrial II “Oriente Mori”). Recentemente foi criado mais um Distrito Industrial “Luís Henrique Fernandes” voltado para micro e pequenas empresas “[...] possui uma área de mais de 30 mil m². A prefeitura forneceu a infraestrutura como asfalto, água, energia, além de dois galpões que servirão para essas micro e pequenas empresas realizarem reuniões [...]”¹⁸⁴. O Distrito Industrial I começou a se formar por volta dos anos 1980 (gestão do prefeito Aldo Matachana Tomé), localizado às margens da Rodovia Federal Transbrasiliana/BR-153, neste distrito está situado o aeroporto regional de Ourinhos e, abriga indústrias dos ramos de confecções, metalurgia, materiais cirúrgicos, cereais, alimentos etc. Já o Distrito Industrial II surgiu na metade dos anos 1990, este localizado próximo a Rodovia

¹⁸³ “Ourinhos faz parte dos principais corredores para escoamento da safra de grãos do país”. In: **Agência de Notícias da Prefeitura de Ourinhos**, Janeiro de 2015.

¹⁸⁴ “Novas empresas foram abertas em Ourinhos no ano passado”. In: **Agência de Notícias da Prefeitura de Ourinhos**, Fevereiro de 2014. **O terreno que abriga o Distrito Industrial III estava destinado a Naturoil Combustíveis Renováveis. Como a empresa não cumpriu os prazos determinados pela prefeitura para a instalação de uma usina de biodiesel, a área foi revertida à prefeitura.**

Raposo Tavares (SP-270) consta de aproximadamente 26 indústrias instaladas gerando aproximadamente 730 empregos diretos nos segmentos de metalurgia, equipamentos para beneficiamento de grãos, guindastes, fertilizantes, produtos químicos, editorial entre outros¹⁸⁵. Conforme indicado pela Jucesp (Junta Comercial do Estado de São Paulo), Ourinhos no ano de 2013 registrou abertura de 1.241 novas empresas, média de 103 empreendimentos por mês e constatou para o mesmo período o fechamento de 109 empreendimentos; o relatório demonstra que as microempresas, aproximadamente 1.166 lideram as aberturas, seguidas pelas empresas de porte médio, 45, empresas de pequeno porte, 30¹⁸⁶.

De acordo com a Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico desde 2006, novas empresas já investiram R\$ 58 milhões no município gerando aproximadamente 350 novos empregos de forma direta. De agosto de 2006 a setembro de 2010, sete empresas já se instalaram e estão em pleno funcionamento em Ourinhos; outras 17 empresas estão em fase de instalação, como por exemplo, a **Maitan**, na Vila São Luiz e a **Cosan** no Distrito Industrial II. Segundo L. A. Perino Secretario de Desenvolvimento o pacote tributário municipal que isenta as empresas que querem se instalar, ou, ampliar seus negócios em Ourinhos é de 100% ISS, ITBI e IPTU em até dez anos tem funcionado como atrativo, entretanto, não constitui um fato primordial “[...] Muitas empresas não veem para cá porque doamos áreas, ou, porque temos esses incentivos fiscais, pois outros municípios também oferecem isso. Elas procuram também logística [...]”¹⁸⁷

Entre as empresas que atuam no ramo de logística destaca-se a **América Latina Logística – ALL**, fundada em 1997, com a concessão da Rede Ferroviária Federal (RFFSA) para atuar na malha sul do país, a ALL obteve sua expansão através de aquisições no setor logístico brasileiro; constitui-se de quatro grupos: **ALL Operações Ferroviárias** possui seis concessões ferroviárias no Brasil e na Argentina, 21,3 mil km de ferrovias; **Brado Logística** subsidiária intermodal de contêineres; **Ritmo Logística**, rodoviário e, a **Vetria Mineração**. Especificamente em Ourinhos possui um polo receptor de etanol, o terminal contou com investimentos de R\$ 20 milhões e vai movimentar mais de 60 milhões de litros do produto por ferrovia.

¹⁸⁵ IZZO, J. C.; FUINI, L. L. A industrialização da região de Ourinhos: a dinâmica territorial das aglomerações produtivas. In: **Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**, Agosto de 2014.

¹⁸⁶ “1.241 novas empresas foram abertas em Ourinhos no ano passado”. In: **Agência de Notícias da Prefeitura de Ourinhos**, Fevereiro de 2014.

¹⁸⁷ “Novas empresas já investiram mais de R\$ 58 milhões em Ourinhos”, In: **Jornal Diário de Ourinhos**, outubro de 2010.

O terminal de Ourinhos é o único destinado à movimentação de etanol para a exportação localizado em São Paulo, que atualmente é o maior mercado exportador do combustível. Cerca de 300 vagões já existentes na malha da ALL serão utilizados para a realização do fluxo que levará o produto até o Porto de Paranaguá, no Paraná, ‘Até hoje, o principal mercado de etanol brasileiro voltado para exportação não tinha uma saída de escoamento via ferrovia. Agora, iniciamos a operação de forma pioneira com este terminal’, afirma L. G. Vitti, Gerente de Líquidos da ALL¹⁸⁸.

A propósito o terminal foi feito em parceria com a **Raízen** “[...] joint venture entre **Cosan** e **Shell** [...] Na mesma região, a **Raízen** detém uma usina de açúcar, etanol e bioenergia, a Ipaussu, localizada a 30 quilômetros de Ourinhos, e com capacidade para moer 2,6 milhões toneladas de cana de açúcar”¹⁸⁹.

¹⁸⁸ “ALL amplia sua atuação no transporte de etanol para exportação”. In: **Informativo Rumo ALL**, janeiro de 2013.

¹⁸⁹ “Raízen inicia operação de terminal de etanol em Ourinhos (SP)”. In: **Valor Econômico (Online)**, dezembro de 2012.

Nº _____ Data _____		Nº _____ Data _____	
Nome _____ Endereço _____ Cidade _____ Estado _____		Nome _____ Endereço _____ Cidade _____ Estado _____	
Assinatura _____ Cargo _____		Assinatura _____ Cargo _____	

Ilustração: Planta de Macrozoneamento; indicação das ZCIS – Zona Industrial/Comercial/Serviços.
Fonte: Prefeitura Municipal de Ourinhos; Secretária de Desenvolvimento Urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a realidade social uma totalidade dialética, a escolha do essencial não pode ser neutra; um dos principais problemas da ciência social é precisamente a determinação dos aspectos essenciais de fenômeno¹⁹⁰

Para A. Cholley

O exercício da atividade industrial nos revelaria, igualmente, combinações organizadas pelo homem, com auxílio de elementos tomados ao meio físico (matérias-primas de origem mineral) ou ao meio biológico (matérias-primas de origem vegetal ou animal), e respondendo à fabricação da maquinaria necessária à sua ação. Contudo, é fácil perceber que a estrutura dessas combinações não é da mesma ordem que a daquelas que dizem respeito à atividade agrícola. Nesta, a parte dos elementos tomados ao domínio físico ou biológico conserva largamente a primazia. É somente naquelas combinações as mais evoluídas que a parte do homem assume, nitidamente, a preponderância (sistemas de cultivo intensivos e especializados). *Nas combinações indústrias ao contrário, os elementos propriamente humanos como organização do trabalho, técnica, mão-de-obra, assumem rapidamente primeiro lugar. Neste ponto de vista, duas diferenças capitais separam as combinações industriais das combinações agrícolas. Por seu dinamismo, as primeiras são susceptíveis de criar riqueza de uma maneira maciça, geradora de poder, donde seu interesse político. Enfim, elas são independentes da tirania de um terroir contínuo, pois a fabricação não precisa ser estabelecida no local de produção da matéria-prima, nem tampouco, no do consumo dos produtos. Além da necessidade que se impõe, então, de organizar a ligação necessária entre os elementos de uma mesma combinação, depreende-se que a repartição dos limites de atividade responderá mais diretamente às condições de mão-de-obra e da técnica (transportes, organização dos mercados), que à influência das condições materiais*¹⁹¹ (grifos nossos).

Certamente “[...] as relações entre os fenômenos nacionais e mundiais não são tão simples e a transição de um sistema a outro é mais complexa e prolongada do que se imagina”¹⁹²; apoiados nessas observações e nos referenciais teóricos utilizados pudemos inferir que em relação à industrialização brasileira e, em particular no caso do Estado de São Paulo: a) na gênese do processo de industrialização no Brasil houve o surgimento e, posterior desenvolvimento da pequena produção mercantil; b) o aparecimento de um empresariado nacional dinâmico, mas fraco politicamente; e c) no Brasil as iniciativas industriais, grosso modo, se deram: i) “capitalistas sem capital” pequenas iniciativas, sobretudo de imigrantes (europeus, asiáticos entre outros) que traziam de suas regiões de origem algum tipo de experiência empresarial, comercial, e/ou industrial; ii) de cunho Estatal tipo CSN, Petrobrás,

¹⁹⁰ LÖWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003 págs. 42 ss.

¹⁹¹ CHOLLEY, A. observações sobre alguns pontos de vista geográficos. In: **Boletim geográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1964 (nº 179-180); 1ª parte (nº 179) págs. 143 ss.

¹⁹² MAMIGONIAN, A. Marxismo e “Globalização”: as origens da internacionalização mundial. In: _____. **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 págs. Tese (Livre Docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.

CVRD etc.; e iii) implantações industriais estrangeiras, que se instalam no país com o intuito de evitar o crescimento de concorrentes no mercado interno e externo. Logo,

[...] é importante assinalar que a industrialização brasileira correspondeu tanto a substituição de importações que provocou mudanças na divisão internacional do trabalho, quanto a substituição da economia natural por economia mercantil, nos dois casos com reflexos na divisão regional do trabalho. Exemplo em Santa Catarina do primeiro processo foi o desenvolvimento da economia carbonífera do sul do estado e do segundo processo o desenvolvimento da produção de carnes suínas e de frango no oeste e meio-oeste¹⁹³.

Como já mencionado a gênese e a evolução econômica, nos estudos de caso, excetuando-se certas ocorrências, demonstraram a força da pequena produção mercantil, isto é, o surgimento de atividades econômicas e industriais que ganham dinamismo com o tempo incorporando tecnologias, diversificando e ampliando mercados. Procuramos analisar e determinar o tipo de evolução capitalista, em nossa área de estudo e a ideia de diversificação social para compreender as características do empresariado, aliado, as grandes formações econômico-sociais.

Partimos do pressuposto de que a capacidade de iniciativa e inovação empresarial, existentes em diversas partes do país, é gigantesca, entretanto, falta uma política econômica contínua que dê sustentação a esses empreendimentos¹⁹⁴. Aliás, determinadas decisões

¹⁹³ MAMIGONIAN, A. Introdução In: **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 pgs. Tese (Livre docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.

¹⁹⁴ **Em importante depoimento sobre sua trajetória na Geografia, no qual destacou a importância dos estudos sobre a industrialização brasileira A. Mamigonian afirmou** “[...] Depois lembrando um pouco meu itinerário na Geografia, tive a sorte de ser aluno do Aziz Ab’Saber no curso de Geografia, todos bons professores, mas o Aziz era o grande mestre na graduação que eu frequentei; depois tive a sorte de ter sido colega, discípulo de uma certa maneira do Carlos Augusto [de F. Monteiro]; depois não posso me esquecer do [Ignácio] Rangel. Então, repare [Ignácio] Rangel nordestino, Carlos Augusto [de F. Monteiro] nordestino, Milton [Santos] nordestino; sobrou o Aziz [Ab’Saber]; o Aziz [Ab’Saber] deve ser nordestino; não sei qual a história exata dele. Então, eu acho que tem alguma coisa que precisa ser explorada, pela coragem que é necessária de enfrentar; coragem que na minha opinião está se abandonando. O Milton [Santos] chegou a usar uma expressão; produção gastrointestinal [...] Bom, então, eu acho que esta coragem de enfrentar com as dificuldades todas é indispensável e ela não existe mais. Cada vez menos [...] Se eu estou falando isso eu quero dizer que é preciso coragem no sentido de, por exemplo, de lembrar, falando [no caso] dos usineiros de Alagoas, mas não é só parasitários, eles são dinâmicos; então determinados usineiros fizeram isso mais aquilo. Ora, vamos pensar que no século XVI até hoje existe indústria açucareira no nordeste. Então, tem que ter alguma explicação para essa longevidade, para essa capacidade de sobrevivência, e, uma dessas capacidades foi exatamente essa de migrar dos vales açucareiros para os tabuleiros, evidentemente, fundamentais para a sobrevivência. Precisou ter essa capacidade de encontrar meios de se expandir nesses tabuleiros. Ora, isso não é capacidade? Claro que é. Então, é preciso trabalhar com isso aí porque ninguém fala que existiu uma poderosa indústria açucareira em Campos no Estado do Rio [de Janeiro], que hoje não existe mais nada, acabou. Ora, porque diabos? Nós não nos colocamos frequentemente perguntas fundamentais para a gente entender a realidade, ficamos meio fantasiando, desapareceu a indústria açucareira fluminense, que era poderosa, acabou não existe mais nada e, a do nordeste está lá. Então, outra coisa que eu acho que a coragem cobra da gente é reconhecer se existe ou não capacidade de iniciativa, capacidade empresarial, então, para a gente de esquerda falar uma coisa dessas, é uma coisa horrível, onde já se viu capacidade empresarial, coisa horrível, falar de empresários. Mas é preciso ter coragem. Ora, para que ficar com medo de tocar em pontos importantes. Porque importantes? *Porque dentro da concepção, por*

tomadas em âmbito governamental, como a instrução 70 (Vargas) e a Instrução 113 (JK) foram fundamentais para o crescimento econômico, já que as políticas de substituição de importações, também foram políticas protecionistas e desenvolvimentistas, ou seja, sem elas, como diria Rangel, a indústria nacional teria uma contingência natural de nascer na crise internacional e, desaparecer nas fases de recuperação econômica¹⁹⁵. Não à toa, o principal obstáculo que a Economia Política e a Geografia Econômica devem enfrentar é como evitar o estagnacionismo, superar as insuficiências como propõe a dialética da capacidade ociosa¹⁹⁶.

exemplo, do A[ndré] Cholley sobre combinações [geográficas] como é que a industrialização pode ser explicada, sem explicar a presença dos empresários [...] quem tomou as iniciativas não foi o empresário x, y ou z de origem social tal e qual, como, por exemplo, o [Luís Carlos] Bresser-Pereira andou trabalhando em cima de S. Paulo. Então, teve empresários que tomaram iniciativas, vamos saber porque é que existiu esse espírito empresarial, não é verdade; então, ou, tu tem uma mentalidade nacionalista, uma mentalidade corajosa, de enfrentar, ou, tu pode ter o contrário, uma postura medrosa, uma postura digamos assim entreguista, pró-imperialista. Eu digo isso frequentemente, já botei isso no papel, mas não custa repetir, a capacidade de iniciativa brasileira nas indústrias sempre foi enorme, a indústria siderúrgica que nasceu em Minas Gerais, que nasceu lá no período imperial, como as tais forjas catalãs, dentro das fazendas, como dizia o [Ignácio] Rangel, deu origem a indústria siderúrgica mesmo e a uma certa altura indústria siderúrgica de grande porte. A companhia mineira [...] a Cia Siderúrgica Mineira dançou, foi comprada pela Bélgica, então, a Cia nacional mineira, vira a Belgo-Mineira. Belgo-Mineira só de nome, virou estrangeira e acabou; muito depois, foi por iniciativa também em Minas, do [Américo R.] Gianetti que era secretário de Estado [...] surgiu uma fábrica de alumínio em Saramenha perto de Ouro preto, iniciativa de mineiros, ela dançou logo depois da Segunda Guerra Mundial, acabou. Então, houve uma invasão de alumínio importados, a situação cambial brasileira era favorável tinha dinheiro sobrando etc. importou-se de tudo, era importação de tudo quanto era bagunça; pois bem, importou-se alumínio, acabou-se com a usina e aí, quem comprou? Comprou uma firma, a Ocan e, acabou-se a iniciativa mineira. Então, eu digo, iniciativas existem, capacidade de iniciativa existe, não existe uma política econômica de sustentação pra valer, permanente, não uma coisa periódica.”. Depoimento oral de A. Mamigonian, Fevereiro de 2013 (grifos nossos).

¹⁹⁵ **Do nosso ponto de vista, as análises feitas por H. J. Chang traduz exatamente o que queremos transmitir** “Fazendo uma comparação, Chang afirmou que a política industrial na Coreia do Sul foi fundamental para o seu desenvolvimento. ‘Nos anos 1960, o PIB per capita da Coreia era de US\$ 80, em um momento em que Chile e Argentina tinham provavelmente PIB per capita de US\$ 400 e o Brasil, provavelmente de US\$ 200’, disse. Segundo ele, apesar das críticas que existiram, o quadro melhorou para a Coreia porque houve o desenvolvimento da indústria siderúrgica, automobilística e de eletrônicos. ‘E temos o padrão de vida que temos hoje, que é de US\$ 22 mil de PIB per capita, enquanto a Argentina deve estar em US\$ 8 mil. Nós éramos 20% da Argentina e agora somos três vezes mais’, afirmou. ‘Quando começamos, todos estavam céticos, e alguns diziam que países como a Coreia deveriam desenvolver apenas a indústria intensiva em mão de obra, o que fizemos. Mas, ao mesmo tempo, desenvolvemos outros tipos de indústrias e usamos nossa taxa de câmbio para importar tecnologias mais avançadas, aprendendo com isso’, destacou [...] Na avaliação de Chang, o Brasil tem feito ações importantes no setor aeroespacial, na exploração de petróleo, no etanol, ‘mas não está explorando todo o seu potencial’. Citou, por exemplo, que nos anos 1980, a indústria manufatureira representava quase 30% do PIB. Hoje, essa fatia está em 13% e com previsões de que represente apenas 9% no futuro. ‘Parte disso pode ser considerada desindustrialização natural, mas grande parte ocorreu porque o Brasil abriu mão de desenvolver suas atividades manufatureiras’, disse. ‘Se você destruiu sua indústria por 30 anos, não pode esperar que ela volte à vida simplesmente com uma taxa de juros e uma taxa de câmbio mais favoráveis em dois ou três anos’.” JOON-CHANG, H. Desenvolvimento do país exige política industrial de longo prazo, afirma Chang. **Valor econômico**, São Paulo, 07 Jan. 2014. Caderno Brasil, página A3. Depoimento a Vanessa Jurgensfeld.

¹⁹⁶ **A ideia de capacidade ociosa, não é uma característica exclusiva da economia brasileira, ao longo da evolução do capitalismo podemos verificar que para combater a estagnação econômica diversos países tiveram que enfrentar suas insuficiências. Para atenuar os males ocasionados pela quebra da bolsa de N. York, 1929, os Estados Unidos tiveram que tornar a economia americana menos “livre” e mais estatizada, investindo em infraestruturas nas regiões depressivas economicamente (os nós de estrangulamento). Na América Latina, o Chile é um caso significativo** “A experiência chilena parecia fracassar em 1982-85, mas o regime militar mantinha alguns controles importantes [...] fixação do câmbio, que permitiu frear as importações após 1982, reativar lentamente a economia interna e obter superávits comerciais e a continuação da política do

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS¹⁹⁷

Observação: as datas entre colchetes se referem ao ano de publicação original do texto, no caso de haver uma reedição.

ABREU, D. S. Os Medeiros: uma família pioneira na ocupação do sertão do Paranapanema. *In: Recortes*. Presidente Prudente: Impress, 1997.

ALONSO, B. H. **Breves considerações sobre a formação do espaço rural da região de Ourinhos (SP)**. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Ourinhos (SP): Universidade Estadual Paulista, 2014.

ARAÚJO, D. F. de.; CUNHA, F. L. da. **A ocupação da terra na formação do município de Ourinhos/SP**. *In: Revista Geografia e Pesquisa*, Ourinhos, v. 5, nº 1.

ARAÚJO FILHO, J. R. de .O Café em São Paulo. *In: Boletim Paulista de Geografia*, nº 50, São Paulo, mar. 1976.

BRAY, SILVIO C. Os primeiros povoadores e a posse da terra no Vale do Paranapanema. *In: Bol. de Geografia – UEM – Ano 5 – nº 1 – Março*, 1987.

CHOLLEY, A. Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. *In: Boletim geográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, 1964 (nº 179-180).

CORRÊA, D. S. Fusões e aquisições de empresas no Brasil: concentração de capital e desnacionalização da economia. *In: Revista Ciência Geográfica*. AGB-Bauru-SP, Ano X, Vol. X nº 2, Maio/Agosto, 2004.

DEL RIOS, J. **Ourinhos memórias de uma cidade paulista**. Ourinhos, São Paulo: Prefeitura Municipal, 1992.

chamado emprego mínimo do governo (US\$ 40/mês), em frentes de trabalho hitlerianas-keynesianas. Mas a principal razão da retomada do crescimento chileno foi a persistência da política de diversificação das exportações, que havia começado precocemente sob inspiração e financiamento da CORFO nas décadas de 1950-60 [...] A Corporación de Fomento, nascida em 1939 (o BNDE no Brasil é de 1952) havia percebido que o estrangulamento das exportações chilenas (80% cobre até 1975) era um nó que precisava ser desatado e seu Departamento de planejamento havia indicado as explorações florestais, a fruticultura e o pescado como complementações e assim, por exemplo, a produção de cítricos de 16 mil ton. em 1955 já alcançava 82 mil em 1970. Foram ampliados os novos negócios esboçados pelo CORFO antes de 1973 e reestruturadas regiões inteiras do país [...] *Ora, a destruição do parque industrial chileno do início da década de 70, apesar de desnecessária, foi compensada, em vista do seu relativo diminuto (25% do PIB em 1970), pelo aumento gigantesco do setor primário exportador, usando-se recursos naturais que permaneciam fortemente ociosos e enfrentando o estrangulamento cambial das décadas de 1950-60, como a CORFO já havia indicado. Isto quer dizer que o crescimento chileno é menos fruto do neo-liberalismo do que da relação dialética entre estrangulamentos e ociosidades, conforme assinalaram Marx e Keynes e que Rangel aprofundou estudando a economia brasileira*”. MAMIGONIAN, A. A América Latina e a economia mundial: notas sobre os casos chileno, mexicano e brasileiro. *In: Geosul*, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 139-151, jul./dez. 1999 (grifos nossos).

¹⁹⁷

De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

- DELMANTO, A. M. **Memórias de Botucatu**. Edição da vanguarda de Botucatu, 1995.
- DOBB, M. Do feudalismo para o capitalismo. *In: SWEEZY, P. e outros. A transição do feudalismo para o capitalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- DONATO, H. **Achegas para a história de Botucatu**. 3ª ed. reescrita. Botucatu, São Paulo: Banco Sudameris e Prefeitura Municipal de Botucatu, 1985.
- ESPÍNDOLA, C. J.; SILVA, M. A. da. Formação sócio-espacial: um referencial aos estudos sobre industrialização (notas). *In: Experimental*, nº 3, págs. 61-67, setembro, 1997.
- FERREIRA DIAS, F.; DANTAS, R. O papel do Estado na construção do Espaço Urbano de Ourinhos (SP): os conjuntos habitacionais periféricos. *In: Revista Ciência Geográfica*. AGB-Bauru, Bauru-SP, Ano XVII, Vol. XVII nº 1, Janeiro/Dezembro, 2013.
- FRESCA, T. M. O sudeste como “core” brasileiro: aspectos para a discussão. *In: Geografia Econômica: Anais de Geografia Econômica e Social: transformações regionais no Brasil*. UFSC. Florianópolis: Impressão no Departamento de Geociências, Abril de 2009.
- GOMES, M. T. S. As políticas de descentralização industrial e o processo de desconcentração na indústria no oeste paulista. *In: O processo de reestruturação produtiva em cidades médias do oeste paulista*. Tese (doutorado), FFLCH, São Paulo, 2007.
- LÊNIN, V. I. A passagem da agricultura baseada na corvéia para a capitalista”. *In: O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- LÖWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MAMIGONIAN, A. As bases naturais e sociais da civilização chinesa. *In: Dossiê Ásia-China. Geografia econômica: anais de Geografia econômica e social*. UFSC, 2007.
- _____. A América Latina e a economia mundial: notas sobre os casos chileno, mexicano e brasileiro. *In: Geosul*, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 139-151, jul./dez. 1999.
- _____. Capitalismo e socialismo em fins do século XX: visão marxista. *In: Revista Ciência Geográfica*. AGB-Bauru, Bauru-SP, Ano VII, Vol. I, nº 18, Janeiro/Abril, 2001.
- _____. Ciclos econômicos e organização do espaço. *In: Geosul*, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 152-157, jul./dez. 1999.
- _____. **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 págs. Tese (Livre docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.
- _____. Gênese e objeto da Geografia: passado e presente. *In: Geosul*, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 167-170, jul./dez. 1999.

- _____. Kondratieff, ciclos médios e organização do espaço. *In: Geosul*, Florianópolis, v. 14, nº 28, p. 152-157, jul./dez. 1999.
- _____. Localização industrial no Brasil: notas metodológicas e exemplos. *In: Boletim paulista de Geografia*, nº 51, São Paulo, jun. 1976.
- _____. O enigma brasileiro atual: Lula será devorado? *In: Revista Ciência Geográfica*. AGB-Bauru-SP, Ano X, Vol. X, nº 2, Maio/Agosto, 2004.
- _____. O processo de industrialização em São Paulo. *In: Boletim Paulista de Geografia*, nº 50, São Paulo, mar. 1976.
- _____. Padrões tecnológicos mundiais: o caso brasileiro. *In: Geosul*, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 158-164, jul./dez. 1999.
- _____. Tendências atuais da Geografia. *In: Geosul*, Florianópolis, v. 14, nº 28, p. 171-178, jul./dez. 1999.
- _____. MAMIGONIAN, A. Teorias sobre a industrialização brasileira. *In: Cadernos Geográficos/UFSC*. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geociências, nº 1, Florianópolis: Impressão Universitária, 1999.
- _____. Usiminas. *In: Geosul*, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 165-166, jul./dez. 1999.
- MAMIGONIAN, A.; BASTOS, J. M. Apresentação. *In: Dossiê Ásia-China. Geografia econômica: anais de Geografia econômica e social*. UFSC, 2008.
- PEREIRA, R. M. F. do A. Rupturas e continuidades na formação social brasileira: a transição colônia-império. *In: Geosul*, Florianópolis, v. 14, nº 28, p. 55-60, jul./dez. 1999.
- MARTINS, J. **O cativo da terra**. 8ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo, Hucitec e Polis, 1984.
- MOURÃO, P. F. C. Sudeste o “core” econômico em questão. *In: Geografia Econômica: anais de Geografia Econômica e Social. Transformações regionais no Brasil*. UFSC. Florianópolis: Impressão no Departamento de Geociências, Abril de 2009.
- _____. Reestruturação produtiva e industrialização no oeste paulista. *In: Questões nacionais e regionais do território brasileiro*. São Paulo: Expressão popular: UNESP: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009.
- PETRONE, P. A influência da imigração italiana nas origens da industrialização brasileira. *In: Orientação*. São Paulo: Departamento de Geografia – FFLCH/USP, 1990.
- RANGEL, I. Dualidade básica da economia brasileira. *In: _____*. **Obras reunidas**. Vol. I. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1957].
- _____. Economia: milagre e antimilagre. *Idem*. [1985].
- _____. Introdução ao desenvolvimento econômico brasileiro. *Idem*. [1955].

RANGEL, I. A dinâmica da dualidade brasileira. In: _____. **Obras reunidas**. Vol. II. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p. 552-567 [1962].

_____. A história da dualidade brasileira. *Idem*. [1981].

_____. A problemática política do Brasil contemporâneo. *Idem*. [1979].

_____. As crises gerais. *Idem*. [1992].

_____. Ciclo, tecnologia e crescimento. *Idem*. [1969-1981].

_____. Dualidade e “escravismo colonial”. *Idem*. [1978].

_____. Economia brasileira contemporânea. *Idem*. [1983-1987].

_____. Esta crise não se administra... *Idem*. [1983].

_____. Feudalismo e propriedade fundiária. *Idem*. [1989].

_____. O quarto ciclo de kondratiev. *Idem*. [1990].

RANGEL, I.; BRESSER-PEREIRA, L. C. “Vamos sair da crise; um debate com Ignácio M. Rangel e Luiz Carlos Bresser Pereira. In: **Geosul**, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 201-225, jul./dez. 1999.

REIS GARCIA, L. B. dos. O café na história de Botucatu. In: **Ciência Geográfica**, nº 03 – Abril de 1996.

_____. Os caminhos que conduzem Botucatu e a organização do espaço urbano. In: **Ciência Geográfica**, nº 05 – Dezembro de 1996.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

SÃO PAULO (Estado) Secretária do Meio Ambiente. Coordenadoria de Planejamento Ambiental. **Tendências de Industrialização no Interior do Estado de São Paulo**. Coordenado por Francisco Mariani Guariba Neto. São Paulo, 1989.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: **Da totalidade ao lugar**. São Paulo. EDUSP, 2008 [1977].

SILVA, M. A. As origens da burguesia industrial e o tipo de evolução capitalista no nordeste catarinense (uma nota crítica). In: **Geosul**, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 101-111, jul./dez. 1999.

SILVA JÚNIOR, G. **Avaré: terra do verde, da água e do solo**. São Paulo: Noovha América, 2007.

TROTSKY, L. Peculiaridades do desenvolvimento da Rússia. In: _____. **A revolução russa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VIEIRA, M. G. E. de D.; PEREIRA, M. F. do A. Latifúndio pastoril e pequena produção mercantil: o caso do Brasil subtropical. *In: Transformações regionais no Brasil. Geografia econômica: anais de Geografia econômica e social*. UFSC, 2009 págs. 185 ss.

DOCUMENTAÇÃO E ACERVOS

- Arquivo Público do Estado de São Paulo, Exposição Oeste Paulista
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- Jornal Folha de S. Paulo
- Jornal Valor Econômico
- Prefeitura Municipal de Botucatu
- Prefeitura da Estância Turística de Avaré
- Prefeitura Municipal de Ourinhos.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A

REFERENCIAL TEÓRICO – IGNÁCIO RANGEL: A DUALIDADE BÁSICA DA ECONOMIA BRASILEIRA

O presente escrito é um fragmento do ensaio “Teoria e método em Geografia Econômica: a contribuição de Ignácio Rangel” apresentado no I Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social “Desenvolvimento Econômico e Social: Mundo, Brasil e Nordeste”, promovido pelo Laboratório de Estudos Socioespaciais do Nordeste do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas, realizado entre os dias 22 a 25 de setembro de 2014. Na ocasião tivemos oportunidade de debater algumas ideias, posicionamentos e, o modo como a economia brasileira estava se comportando hodiernamente. Sobre o presente ensaio, abordamos, ainda que de forma preliminar e, inconclusiva, algumas características do pensamento rangeliano que acreditamos ser essencial para o entendimento de sua obra, sobretudo, o monumental arcabouço teórico metodológico que possibilitou a Ignácio Rangel e, há alguns de seus discípulos interpretar a História brasileira contemporânea.

Ainda em relação ao pensamento rangeliano gostaríamos de acrescentar algumas observações principalmente em relação à *tese da dualidade básica da economia e da sociedade brasileiras*; já indicamos suas origens e procuramos demonstrar a partir de fragmentos escritos pelo próprio Rangel que dela originam-se suas principais formulações seja sua *teoria cíclica da inflação*, ou, a *dialética da capacidade ociosa*.

I

Quando o livro “*Dualidade básica da economia brasileira*” foi editado Guerreiro Ramos fez uma apresentação altamente elogiosa “Evocamos esses antecedentes para realçar a contribuição de Rangel, mostrando que veio resolver uma questão de técnica sociológica, ao propor uma noção rigorosa, precisa [...] Do ponto de vista metodológico, este livro é um marco na história das idéias em nosso país. Dá o exemplo de como se pode assimilar, de maneira crítica, a ciência social importada [...] O autor descobriu a lei básica da formação econômica do Brasil” (RANGEL, 1957, Apresentação). Entretanto, a tese da dualidade, assim como as ondas largas da conjuntura é vista com certa desconfiança. Entre os autores que analisam o pensamento de Ignácio Rangel, L. C. Bresser-Pereira afirma que o pensamento rangeliano sofre de certa dose de “determinismo cíclico”, isto é, “O Ignácio ele tem uma visão da economia que é fascinante, mas é uma visão determinista, e de longo prazo [...]”¹⁹⁸; já Paulo de Tarso P. L. Soares acredita que; primeiro, Rangel entendia pouco de imperialismo

¹⁹⁸ RANGEL, I.; BRESSER-PEREIRA, L. C. “Vamos sair da crise”: um debate com Ignácio M. Rangel e Luiz Carlos Bresser-Pereira. In: **Geosul**, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 201-225, jul./dez. 1999.

limitando-se a uma visão luxemburguista; segundo, o esquema de como as classes sociais no Brasil funcionam, ou seja, os mecanismos de funcionamento da sociedade brasileira são defeituosos, já que mesmo que a quarta dualidade se concretize (sob a hegemonia do capitalismo industrial) depois dessa consolidação não haveria mais a possibilidade de se formar um novo pacto de poder que alavanca-se a economia e a sociedade brasileiras como foi nas anteriores dualidades¹⁹⁹; Márcio H. M. de Castro ao analisar a contribuição rangeliana consegue esclarecer certos equívocos:

[...] O primeiro ponto refere-se ao suposto mecanicismo do esquema. Observando atentamente, podemos afirmar que ele é muito menos mecânico do que aparenta [...] Primeiro, porque o conteúdo dos quatro lados que estrutura uma dualidade é variado. Observemos, por exemplo, o lado interno do pólo interno. Nele, sempre encontramos uma relação de produção básica, que envolve o produtor direto e caracteriza um modo de produção. Isso não ocorre, entretanto, com o conteúdo do lado externo do pólo interno. O elemento que se encontra nesse lado pode não ser uma relação de produção básica e, além disso, pode variar conforme a dualidade. Pode ser um arcabouço jurídico-político – uma forma de apropriação das terras baseado na lei das sesmarias, como na primeira dualidade – ou uma relação econômica presa à esfera da circulação, como na segunda dualidade. Ou seja, não só o conteúdo do lado externo é de natureza diferente do conteúdo do lado interno, como também aquele muda a cada dualidade [...] Na primeira dualidade [...] o pólo interno era o escravismo-feudalismo; na segunda, o mesmo pólo era o feudalismo-capitalismo mercantil [...] *A partir das determinações econômicas mais gerais, o esquema da dualidade implicará uma análise em que o político e o jurídico não estão separados dos aspectos econômicos. O próprio esquema junta-os ao contemplar o estudo de uma estrutura política. Além disso, também os polos combinam elementos de natureza distinta; quase sempre, cada pólo tem elementos econômicos, políticos e jurídicos como peças constitutivas. Em decorrência dessa abordagem analítica, Rangel sempre procurará o conteúdo econômico das normas e instituições político-jurídicas e refletirá sobre o arcabouço institucional dos problemas econômicos*²⁰⁰ (grifos nossos).

Mas infelizmente M. H. M. de Castro não conseguiu perceber algumas especificidades que regem o funcionamento da dualidade como “[...] a importância fundamental das políticas econômicas, que mudam com os pactos de poder acoplados às relações de produção [...]”²⁰¹, sobretudo em relação a quarta dualidade;

A crise prolongada por que passa a sociedade brasileira nas últimas décadas abala a teoria, que considera o desenvolvimento nacional como uma certeza, o que historicamente foi confirmado ao longo das dualidades anteriores. O tempo equivalente a uma fase do Kondratiev transcorreu, a economia internacional se reestruturou no padrão do dólar flexível e o nosso ciclo juglariano, que deveria corresponder a investimentos em infra-estrutura, não ocorreu. A esperada

¹⁹⁹ Paulo de Tarso P. L. Soares. Palestra “Um estudo sobre Lênin e as defesas da reforma agrária no Brasil”, UNESP, 2012.

²⁰⁰ CASTRO, M. H. M. Nosso mestre Ignácio Rangel. In: **Ignácio Rangel: Obras reunidas**. Vol. II. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 págs. 25 ss.

²⁰¹ MAMIGONIAN, A. **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. 264 págs. Tese (Livre docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.

privatização virtuosa, com novas regras jurídicas para a concessão dos serviços de utilidade pública, foi substituído por um processo de transferência de ativos que aumentou a desnacionalização do setor, criando um previsível desequilíbrio cambial. Após anos de *stop and go*, a economia brasileira não definiu nenhum novo padrão de acumulação, reforçou uma integração comercial sem planejamento na economia mundial e aprofundou o moderno primário-exportador, com o *agribusiness*, ou seguiu o curso definido pela divisão internacional do trabalho das empresas multinacionais. Também não se identifica um novo pacto de poder que fizesse a sociedade brasileira avançar nos moldes da quarta dualidade. Todos os problemas que, para Rangel, são manifestações da crise têm sido administrados da mesma maneira, independentemente da coalizão política que dirige o Estado. A questão social, com sua moderna expressão urbana, a crise fiscal e a reiteração de uma política econômica que força a elevação da carga tributária impõem uma draconiana contenção de gastos, degrada os serviços públicos e tensiona os pactos de governabilidade, mas não impede a elevação da dívida pública. Todos os agudos problemas com que nos defrontamos, enfim, só encontram soluções conservadoras. A burguesia industrial cede espaço diante de um setor financeiro que se associa e se integra no capitalismo global. O Estado perde funções e se mostra incapaz de articular soluções desenvolvimentistas²⁰².

II

Quando trabalhamos com determinado referencial teórico é de extrema importância reconhecer seus potenciais, assim, como suas limitações, sobretudo a sua gênese; como indicado às críticas feitas ao pensamento rangeliano se resumem: i) ao seu “determinismo cíclico”; ii) “insuficiência explicativa”; e iii) ao fato de a quarta dualidade não ter se estruturado “exatamente como está escrito” nos ensaios de Ignácio Rangel.

Cabe ressaltar que essas críticas giram em torno dos pressupostos teórico-metodológicos, isto é, ao derrubar a tese da dualidade todo o pensamento rangeliano desmorona; se observarmos atentamente a história do pensamento marxiano que não é a mesma coisa que pensamento marxista, vamos perceber exatamente o mesmo procedimento, o ataque as bases teórico-metodológicas. Para refutar as teses de Karl Marx, a socialdemocracia alemã baseada no revisionismo de E. Bernstein, afirmava: i) “com dialética não se faz ciência”; ii) a teoria do valor trabalho não dá conta de explicar o capitalismo contemporâneo; iii) a perspectiva da revolução pode ser substituída pelo combate as desigualdades, pois conforme a formula bernsteiniana “o fim nada significa o que importa é o movimento”.

Ora, sendo assim, qual a essência da tese da dualidade básica? Como já referido anteriormente, a essência, é que a evolução da economia e da sociedade brasileiras vai se manifestar *segundo nosso atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas e das nossas relações de produção*. Ou seja, abre uma perspectiva, não quer dizer que vá acontecer. Posto isso, já podemos começar a esclarecer certos pontos obscuros referentes à tese da

²⁰² CASTRO, M. H. M. Nosso mestre Ignácio Rangel..., op., cit. págs. 25 ss.

dualidade. Sobre o “determinismo cíclico”, deve-se destacar a argumentação referente ao que Rangel chama de motor primário do desenvolvimento econômico ao analisar o processo de substituição de importações:

[...] Do mesmo modo como as fases B alternam-se com as fases A dos ciclos longos, o motor primário da economia, ora era a produção de exportações, ora a substituição de importações, mas essa repetição era mais aparente do que real, uma vez que, *a cada novo ciclo, mudava o modo de produção, como reflexo do novo estágio de desenvolvimento das forças produtivas. Assim, se as condições mundiais nos facultarem a possibilidade de um período de crescimento para fora, esse será diferente do anterior à Grande Depressão, visto que será a continuação da industrialização começada como substituição de importações [...]*²⁰³ (grifos nossos).

Assim, como no debate com o próprio Bresser-Pereira.

[...] esse determinismo me levaria a uma atitude passiva em relação a ciência e a minha posição em relação a ciência não é absolutamente passiva [...] O voluntarismo só está errado na medida em que nós queremos ineptamente. Se nós quisermos de maneira sábia podemos querer como não. Então esse voluntarismo nós chamaremos de ciência do planejamento. A ciência econômica de modo geral é isso. Que sentido teria a ciência econômica se ela não fosse um instrumento capaz de armar o homem a querer sapientemente. Como eu conheço os índios da minha taba, eu sei que eles tão querendo de maneira inepta e que só por acaso acertam. Não é que eu deseje que seja assim. Eu acho que é preciso prepará-los e a minha vida é uma vida de dedicação a nova geração para educá-la para isto, para querer sapientemente. É isso que eu quero. Eu quero, portanto, adotar um outro voluntarismo que não nega uma certa base de determinismo. *É um voluntarismo que conhece as leis que governam a história e portanto pode pautar-se por ela e governar o barco.*²⁰⁴ (grifos nossos).

Sobre a “insuficiência explicativa” e o fato de a quarta dualidade não ter ocorrido, religiosamente, como nos escritos sagrados, enfatizamos que de acordo como o próprio Rangel:

A dualidade, sem negar o papel da luta de classes em nossa sociedade, confere a essa luta um desdobramento diferente do que poderemos encontrar no materialismo histórico clássico, ligado aos nomes de Marx e Engels. *Com efeito, em cada uma das etapas do desenvolvimento de nossa sociedade, esta é dirigida por uma coalizão, que associa, em firme pacto de poder, duas classes: uma em posição hegemônica e outra em posição subalterna. Ora, na transição de uma dualidade para outra, a classe governante subalterna, na anterior dualidade, emerge como força hegemônica, enquanto a posição subalterna passa a ser ocupada por uma dissidência progressista da classe hegemônica do anterior pacto de poder.* Assim, ao se tornar o Brasil independente, a classe dos senhores de escravos – que fora a classe dirigente subalterna, sob a hegemonia do capital mercantil português – emergiria como a classe hegemônica nos quadros da primeira dualidade, assumindo posição subalterna o nascente capital mercantil brasileiro, uma dissidência

²⁰³ RANGEL, I. Ciclo, tecnologia e crescimento. In: _____. **Obras reunidas**. Vol. II. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1969-1981] págs. 264 ss.

²⁰⁴ RANGEL, I.; BRESSER-PEREIRA, L. C. “Vamos sair da crise”: um debate com Ignácio M. Rangel e Luiz Carlos Bresser-Pereira”. In: **Geosul**, Florianópolis, v. 14, nº 28, págs. 201-225, jul./dez. 1999.

progressista do velho capital mercantil português. Com a Abolição-República, emergiria como classe hegemônica, a única possível da segunda dualidade, o capital mercantil brasileiro, já amadurecido para isso, ao passo que o lugar antes ocupado pelos senhores de escravos passaria a ser ocupado pelo latifúndio feudal, não mais como força hegemônica, mas como sócio menor do novo pacto de poder. Com a revolução de 1930-37 – e conseqüente formação da terceira dualidade –, a posição hegemônica passaria ao latifúndio feudal –, enquanto o nascente capitalismo industrial (uma dissidência progressista do velho capitalismo mercantil) emergiria como sócio menor do novo pacto de poder. Com o advento do quarto Kondratiev, prepara-se também a implantação da ‘quarta dualidade’. Mais uma vez devemos esperar mudanças no pacto fundamental de poder, mas isso não quer dizer que a reforma agrária, tal como a entendíamos nós, os revolucionários de 1935, nos quadros da anterior dualidade, seja iminente, agora. No comando do novo pacto de poder deverá surgir o sócio menor do pacto anterior, vale dizer, o capitalismo industrial, deslocando da hegemonia o latifúndio feudal. Entrementes, o novo sócio menor deverá, mais uma vez, ser uma dissidência do latifúndio feudal, isto é, o anterior sócio hegemônico, mas, com toda probabilidade – e a julgar pelos fatos já constatados –, à frente dessa dissidência não deve aparecer a propriedade rural familiar, mas um latifúndio capitalista, do mesmo modo como o latifúndio escravista foi, com a Abolição-República, substituído pelo latifúndio feudal²⁰⁵ (grifos nossos).

III

Na verdade acontece com Rangel o mesmo procedimento já indicado por Lênin em relação a Marx:

Com a doutrina de Marx acontece hoje o que aconteceu mais de uma vez na história com as doutrinas dos pensadores revolucionários e dos chefes das classes oprimidas na sua luta pela libertação. As classes opressoras, durante a vida dos grandes revolucionários, retribuíram-no com incessantes perseguições, acolhiam sua doutrina com a fúria mais selvagem, com o ódio mais feroz, com as mais furibundas campanhas de mentiras e calúnias. Depois da sua morte tenta-se transformá-los em ícones inofensivos, canonizá-los, por assim dizer, conceder ao seu *nome* uma certa glória para ‘consolar’ as classes oprimidas e para engana-las, castrando o *conteúdo* da doutrina revolucionária, embotando o seu gume revolucionário, vulgarizando-o. Neste ‘arranjo’ do marxismo encontra-se agora a burguesia e os oportunistas dentro do movimento operário. Esquece-se, afasta-se, deturpa-se o lado revolucionário da doutrina, a sua alma revolucionária. Coloca-se em primeiro plano, glorifica-se, aquilo que é aceitável ou que parece aceitável para a burguesia. Todos os sociais-chauvinistas são hoje ‘marxistas’ – não riam! E cada vez mais frequentemente os sábios burgueses alemães, ainda ontem especialistas na destruição do marxismo, falam de um Marx ‘nacional-alemão’, que teria educado as associações operárias tão admiravelmente organizadas para a condução da guerra de rapina!²⁰⁶

Em resumo, *Dualidades, Pactos Fundamentais de Poder, Meias Revoluções, Industrialização Escalonada, etc.* só é interessante até determinado momento, depois disso passa-se a negar, não reconhecer ou através de misturas indigestas modificar, recortar, aquilo

²⁰⁵ RANGEL, I. As crises gerais. In: _____. **Obras reunidas**. Vol. II. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1992] págs. 760 ss.

²⁰⁶ LENINE, V. I. O Estado e a revolução. In: _____. **Obras escolhidas**, v. 2, Editora Alfa Ômega, São Paulo, 1979 págs. 225 ss.

que para o próprio Rangel é fundamental, contribuir para a “melhor compreensão do desenvolvimento na América Latina e para seu eventual planejamento”²⁰⁷.

Certamente, a *Dualidade Básica da Economia e da Sociedade Brasileiras* se modificou, assim como o próprio modo de produção capitalista, ganhou elementos novos, perdeu outros, mas a essência teórica metodológica que rege as dualidades, a nosso ver, ainda continua fundamental. Para terminar não poderíamos deixar de mencionar certos traços do pensamento rangeliano que acreditamos ser essencial para o entendimento de sua obra, sobretudo, em relação à quarta dualidade e sua atual configuração.

No lugar desta possível evolução sobreveio a partir de 1990 com Collor e FHC uma contra-revolução que substituiu o nacional-desenvolvimentismo pelo neoliberalismo: 1) o capital financeiro americano (bancos e indústrias) se tornou hegemônico; 2) a indústria brasileira, sócia subalterna do pacto de 1930, foi sendo afastada do poder; 3) o latifúndio feudal (Norte e Nordeste), com poder político, mais agonizante economicamente, participou da contra-revolução; assim como 4) os bancos brasileiros ocuparam um espaço econômico e político subalterno ao capital financeiro norte-americano. Todo este bloco contra-revolucionário, sob o comando dos EUA, passou a paralisar a economia brasileira e o Estado nacional, bem como a provocar o apodrecimento da vida política e cultural no Brasil. Na eleição presidencial de 1989 as chamadas esquerdas lançaram, de maneira incompetente, três candidatos (Lula, Brizola e Covas) e permitiram a vitória da direita (Collor), com apoio norte americano, dando origem à contra-revolução e depois, de maneira novamente incompetente e por preocupações eleitoreiras, não aproveitaram o interregno Itamar Franco (1993-94) para se unirem diante de perigo crescente dos EUA, cujas primeiras manifestações explicitadas já se fizeram sentir sob o governo Figueiredo, ainda durante a ditadura militar... No Brasil, o nacional-desenvolvimentismo começou a se enfraquecer durante o governo Figueiredo, que moderou o nacionalismo militar por conta do peso da dívida externa e por consequência das pressões dos países centrais. Foi forçado a aceitar financiamento alemão visando construir para a Portobrás novo terminal graneleiro no Rio Grande-RS, prejudicando o terminal da Cotrijuí, que não operava à plena capacidade, bem como cedeu a Mitsubishi a implantação do metrô de superfície de P. Alegre, em detrimento da Marfesa, empresa estatal de vagões ferroviários, que continuou sem encomendas. Nos dois casos, entre outros, a indústria nacional passou a ser submetida ao dumping das importações de equipamentos estrangeiros, por conta dos financiamentos facilitados. Assim, o endividamento externo aumentou e se iniciou o estrangulamento da indústria nacional de equipamentos pesados, implantados ou ampliados durante o governo Geisel. Entretanto a postura nacionalista ainda dominava: 1) na demissão de M. H. Simonsen, que propunha combate à inflação crescente com aplicação de política recessiva e sua substituição por Antônio Delfim Netto, que propunha o uso das capacidades ociosas da economia; 2) nos estímulos à exportação, que cresceu muito com a desvalorizações cambiais (Delfim Netto) e ao mesmo tempo ajudando o entendimento dos interesses do setor bancário do imperialismo americano, pois os dólares gerados pelas exportações serviam ao pagamento dos juros da dívida externa; 3) na implantação da reserva de mercado da informática, que deu origem à Itautec e outras empresas de alta tecnologia; 4) no acordo de cooperação científica com a China etc. Mas o pior estava por acontecer e ocorreu após a abertura democrática. Intelectuais de esquerda, sobretudo economistas, passaram a repetir, posando-se de ‘radicais’, que era necessário decretar a moratória da dívida externa (C. Furtado, P. Nogueira Batista

²⁰⁷ RANGEL, I. O desenvolvimento econômico no Brasil. In: _____. **Obras reunidas**. Vol. I. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 [1954] págs. 40 ss.

Filho e muitos outros), posta em prática no Plano Cruzado (Governo Sarney), quando a incompetência dos economistas de esquerda (Unicamp) , se somou à desfaçatez dos economistas de direita (PUC-RJ) na definição do ‘inimigo’ a enfrentar, isto é a inflação, como se nas décadas, de 1940 a 1980, de enormes taxas de crescimento, a inflação não tivesse se manifestado periodicamente.²⁰⁸ (grifos nossos).

²⁰⁸ MAMIGONIAN, A. O enigma brasileiro atual: Lula será devorado? *In: Revista Ciência Geográfica*. AGB-Bauru. Bauru-SP, Ano X, Vol. X, nº 2, Maio/Agosto, 2004 págs. 129 ss.

ANEXO(S)

**CICLOS LONGOS (KONDRATIEFF), DUALIDADES DA FORMAÇÃO /
SOCIAL BRASILEIRA E CICLOS JUGLARIANOS BRASILEIROS (MÉDIOS)
CONFORME IGORÍCIO RAMSEL.**

Ciclos Kondratieff e as Dualidades da Economia Brasileira

Fonte: I. Rangel (1986b, 2000)

Fonte: LUEDEMANN, Marta. Transformações na indústria automobilística mundial: o caso do complexo automotivo no Brasil 1990-2002. FFLCH, 2003 (Tese de Doutorado).